

SUMÁRIO

<b>FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PEDAGOGOS: UMA ANÁLISE NA PRÁTICA</b>	02
Dariana Estefânia Melo da Silva Ideylson da S. V. dos Anjos Antuterpio Dias Pereira	
<b>O USO DA CRIATIVIDADE PELOS PROFESSORES</b>	12
Thainara Maiberg Karlinsk Ideylson da S. V. dos Anjos Antuterpio Dias Pereira	
<b>A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	22
Tainara Jesus Medeiros Ideylson da S V. dos Anjos Antuterpio Dias Pereira	
<b>EDUCAÇÃO DO CAMPO</b>	37
Aline dos anjos Souza Valéria Sabrina da Silva Aguilar Rosely Santos Almeida	
<b>A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA</b>	50
Miriã Alecrim da Silva Rosely Santos de Almeida	
<b>O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL MONTEIRO LOBATO, JUSCIMEIRA/MT</b>	66
Valéria Sabrina da Silva Aguilar Rosely Santos de Almeida	
<b>A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO BRASIL</b>	83
Naiara Araújo Freire Tainara Jesus Medeiros Rosely Santos Almeida	
<b>FORMAÇÃO DO PROFESSOR INDIGENA</b>	99
Letícia Saraiva dos Santos Thainara Maiberg Karlinsk Rosely Santos de Almeida	

## FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PEDAGOGOS: UMA ANÁLISE NA PRÁTICA

Dariana Estefânia Melo da Silva<sup>1</sup>

Ideylson da S. V. dos Anjos<sup>2</sup>

Antuterpio Dias Pereira<sup>3</sup>

### RESUMO

A formação continuada amplia o horizonte formativo dos docentes trazendo cada vez mais conhecimentos e experiências para eles. Vários autores como Scnertzler e Rosa (2003), Almeida (2007), Imbernón (2011), Freire (2006), Tardif (2000) e outros, vem embasando no decorrer deste artigo sobre como é importante essa Formação para os docentes. Por isso, a pesquisa objetivou conhecer a formação continuada dos pedagogos, na prática. Constantemente, observa-se sobre o trabalho da escola na formação dos seus professores para que nas suas instituições haja um ensino completo que seja capaz de atender a todos os tipos de alunos. Portanto, para desenvolver este trabalho foi realizada uma pesquisa de campo com a qual buscamos identificar como é feita a formação docente na prática. Foram entrevistadas educadoras de instituições diferentes, com perspectivas diferentes e que de forma bem livre responderam o questionário a partir de suas práticas, seus trabalhos, suas dificuldades e seus questionamentos sobre a formação continuada na escola onde leciona. Após análise dos dados, concluiu-se que as inovações de conhecimento buscadas pelas professoras é essencial para construção docente e notou-se também que a formação continuada nas Escolas vem falhando muito e isso acaba desmotivando as professoras que para terem maior conhecimento muitas vezes buscam com recursos próprios cursos livres e de pós-graduações para mais capacitações. O que implica que nem todas as professoras tem condições de terem uma formação continuada de qualidade além daquela oferecida pela própria instituição.

**Palavras – Chaves:** Formação continuada. Capacitação pedagógica. Formação pedagógica.

### ABSTRACT

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas no Vale do São Lourenço – EDUVALE/ Jaciara-MT

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo, especialista em Educação e Sexualidade Humana pelo Centro Salesiano de São Paulo (UNISAL), Graduado em Filosofia pela UCDB e Professor na Faculdade Eduvale.

<sup>3</sup> Doutor em História pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/MS, Mestre em História cultural pela Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT e Professor na Faculdade Eduvale.

Continuous formation broadens the formative horizon of teachers, bringing more and more knowledge and experiences to them. Several authors such as Scnertzler and Rosa (2003), Almeida (2007), Imberón (2011), Freire (2006), Tardif (2000) and others, have been basing this article on how important this Training is for teachers. For this reason, the research aimed to know the continued formation of pedagogues, in practice. Constantly, it is observed about the work of the school in the formation of its teachers so that in its institutions there is a complete education that is capable of serving all types of students. Therefore, to develop this work, a field research was carried out, with which we sought to identify how teaching training is done in practice. We interviewed educators from different institutions, with different perspectives, who freely answered the questionnaire based on their practices, their work, their difficulties and their questions about continuing education in the school where they teach. After analyzing the data, it was concluded that the knowledge innovations sought by teachers are essential for teaching construction and it was also noted that continued education in schools has been failing a lot and this ends up discouraging teachers who to have more knowledge often seek with their own resources free courses and postgraduate courses for more training. This implies that not all teachers are able to have a quality continuing education beyond that offered by the institution itself.

**keywords:** Continuing education. Pedagogical training. Pedagogical formation.

## INTRODUÇÃO

A Formação Continuada dos Professores Pedagogos tem como objetivo apresentar uma breve explicação e mostrar dados sobre a formação nas instituições de ensino com a pesquisa apresenta, tendo assim o objetivo de falar sobre como é feito essa formação, como foi iniciada, sua contribuição para educação e para seu próprio trabalho como Professores que busca por mais conhecimento. Assim podendo ver a

importância dessa formação docente para nossa atualidade nos trabalhos como professores inovadores assim tornando-se um profissional que trabalhe com seus métodos, buscando recursos atuais abrangendo qualquer situação.

Sobre esse Artigo podemos dizer que a pesquisa feita poderá ajudar-nos a entender sobre o assunto que será formação continuada, pois hoje em dia ainda a um grande impasse sobre de como é feito essa formação, e com essa pesquisa poderemos mostrar e ajudar a entender um pouco sobre o assunto.

No Art. 62. da LDB (1996), Lei de Diretrizes e Bases, a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. Aqui no Brasil a um grande crescimento em experiências de formação continuada tornando a graduação de Professor mais completa.

A Formação continuada no decorrer do texto vai ser colocado várias informações sendo nítido a sua valorização. Sendo que a formação de professores, possibilita uma mudança gradativa no perfil do profissional e os desafios encontrados por eles no decorrer da sua carreira. Justifica-se que pelo grande crescimento na área da educação no Brasil. A grande procura dos professores pela formação continuada tanto por pedagogos quanto por professores com outras graduações, que procuram nos últimos anos se informar melhor sobre sua área de trabalho. Desta forma, este mercado de trabalho ganhou uma grande importância para busca de professores que possui cursos além da sua formação.

A pesquisa caracteriza a formação continuada na cidade de Jaciara nas redes de ensino Estaduais, trazendo demonstrações e a qualidade do ensino dos professores, sendo a qualidade um fator determinante para o aumento do conhecimento desses profissionais. O tema apresentado nesse Artigo de conclusão tem como objetivo comparar e analisar a Formação Continuada Dos Professores Pedagogos na educação, onde se tem uma grande importância para o crescimento do seu conhecimento e vendo a respostas das entrevistadas analisando cada resposta sobre a formação feita em cada instituição. O professor que buscar aperfeiçoamentos da sua graduação, buscando cursos na sua área, pós-graduação, mestrados, doutorados, palestras, seminários e também leituras de livros de grande importância para sua área.

## **1. FORMAÇÃO CONTINUADA DO PEDAGOGO**

As instituições de ensino podem garantir a formação continuada para os docentes evidenciando as necessidades encontradas nas escolas para que promovam atividades para os professores se qualificar cada vez mais podendo trazer para dentro da sua sala de aula todo o conhecimento recebido. Segundo Pimenta (2002):

conhecer é mais do que obter as informações. Conhecer significa trabalhar as informações. Ou seja, analisar organizar, identificar suas fontes, estabelecer as diferenças destas na produção de informação, contextualizar, relacionar as informações e a organização da sociedade, como são utilizadas para perpetuar a desigualdade social. Trabalhar as informações na perspectiva de transformá-las em conhecimento é uma tarefa primordialmente da escola. Realizar o trabalho de análise crítica da informação relacionada à constituição da sociedade e seus valores, é trabalho para professor [...] Ou seja, para um profissional preparado científica, técnica, tecnológica, pedagógica, cultural e humanamente. Um profissional que reflete sobre o seu fazer, pesquisando-o nos contextos nos quais ocorre (PIMENTA, 2002, p. 39).

Diante das observações e analisando o desenvolvimento dos alunos, a escola pode trazer para seus docentes propostas de atividades, porém nesse ambiente a muita competição entre eles e para isso a escola juntamente com sua equipe gestora promove seminários, palestras, debates, eventos, congressos etc., para que possibilite todos os profissionais participarem, mas evidenciando que a Formação Continuada não é somente isso devolvendo na suas ações sociais, políticas e econômicas que possam mostrar a sua prática pedagógica sendo assim, um processo contínuo. Concordamos com Vasconcellos (2001):

ao postular que a efetiva mudança da prática pedagógica não pode ser como uma simples alteração de técnicas ou recursos: pega-se uma e deixa-se outra. Entendemos que o caminho transformador é diferente: trata-se de uma (re) construção, que, como tal, deve partir do que o sujeito tem de história pessoal e profissional (em se tratando do sujeito coletivo, há que se levar em conta também a história institucional e social). Somente assim haverá possibilidade de enraizamento de uma nova postura. (VASCONCELLOS, 2001, p. 170).

Por tanto a formação continuada é uma formação que faz com que o docente tenha um olhar diferenciado para seus métodos e também um modo de sempre estar atualizado, podendo passar para seus alunos seu conhecimento, também tendo a capacidade de compreender as necessidades dos alunos buscando metodologias de ensino que aborda a necessidade de todos. Como destaca Facci (2004):

de acordo com a Teoria Histórico-Cultural e a pedagogia histórico-crítica, o ensino é o sistema de organização dos meios pelos quais se transmite ao indivíduo a experiência elaborada pela humanidade, considerado eficiente aquele ensino que se adianta ao desenvolvimento. O conteúdo trabalhado pelo professor, no processo educativo, cria, individualmente, novas estruturas mentais (ou neoformações) evolutivas, decorrentes dos avanços qualitativos no desenvolvimento da criança. (FACCI, 2004, p. 230).

Entretanto, a formação dos professores possibilita ao professor momento de aprendizagem que possa abranger seus conhecimentos diante da sua área de trabalho. Como hoje em dia o mundo vive em constante desenvolvimento onde aparece sempre novidades tanto para área de educação também entre outras áreas profissional e realmente precisa desse conhecimento renovado.

A formação de professores de acordo com André (2009), deve buscar mais conhecimentos para sua área de trabalho, capaz de refletir sobre métodos empregados para a promoção/ampliação do conhecimento dos seus alunos. O Ciclo de Políticas, se constitui num referencial de análise crítica de programas e políticas educacionais de sua formulação inicial até a sua prática pelos professores no contexto da prática.

Esse ciclo se constitui também em ciclo contínuo, refere-se a três contextos principais: contexto da influência onde as Políticas públicas são iniciadas e os discursos políticos são construídos, contexto da produção de texto representa a política, que também inclui os documentos que são elaborados, o contexto da prática é onde a política está sujeito a interpretação e recriação e onde a política produz efeitos e consequências que podem representar mudanças e transformações significativas na política original.

A formação dos professores passa por estes três contextos algumas vezes constituindo-se em uma nova política ao ser posto em prática pelos professores, quando estes significam as propostas curriculares, intencionam ações juntos aos colegas, aos alunos e a comunidade. Almeida (2007):

há um processo de reestruturação das políticas curriculares produzidas tanto no âmbito mundial quanto no local. Essa reestruturação provoca o advento de reformas, a partir de imperativos da legislação, procurando adequação da formação às novas exigências de flexibilidade da sociedade globalizada (ALMEIDA, 2007, p. 1).

As intencionalidades pedagógicas de cada professor nascem do desejo de espaços de atuações cada vez melhores. Sendo que a busca pela melhoria agrega referências de qualidade ao seu fazer, tal fato só ocorre mediante os diferentes conhecimentos gerados e produzidos pelos docentes ao buscar realizar seus desejos e anseios.

Estas buscas não são vazias, mas ancoradas em crenças, concepções, ideias e ideais que são produzidos coletivamente ou não, mas que são impulsionadas pelos diferentes encontros produzidos nos espaços escolares e sobretudo no espaço da formação continuada. Mediante ao exposto a formação continuada na educação básica efetiva-se não apenas pelas determinações das políticas educacionais e das necessidades produzidas nos espaços escolares, mas sobretudo pela subjetividade exercida no ato de educar de cada professor no contexto no qual está inserido.

Conforme Lopes e Macedo (2011), os significados produzidos nesses encontros formam não apenas o professor, mas o sujeito que intitula professor na sua personalidade e nas relações coletivas e comunitárias. Os contextos permitem aos professores pronunciarem-se de diferentes maneiras nos espaços em que se encontram, possibilitando assim diferentes espaços formativos em um único encontro, único lugar.

## **2. PESQUISA DE CAMPO**

### **2.1 Metodologia da Pesquisa**

A referente pesquisa trata-se de uma pesquisa de casos que segundo Yin (2001, p.32), consiste em uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, podendo assim ter uma pesquisa bem mais compensatória tendo a oportunidade de ver na prática de como é feita a formação docente. Foram feitas dez perguntas diretamente encaminhada para todos os docentes participantes via e-mail e WhatsApp para entendermos um pouco de como é feito a formação continuada nas escolas onde trabalham.

O estudo foi realizado com duas professoras da mesma instituição, Escola Estadual São Francisco de Assis, localizada na cidade de Jaciara-MT. A escola São Francisco atende o total de 720 alunos, divididos entre alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental. As duas participantes já são docentes a um tempo na mesma instituição, hoje atuam no Ensino Fundamental e aceitaram fazer a entrevista respondendo às perguntas que será apresentada no decorrer do artigo.

A terceira professora que participou da pesquisa, atua na Escola Estadual Milton da Costa Ferreira, também localizada na cidade de Jaciara-MT, que atende um total de 680 alunos, divididos entre Educação Infantil e Ensino Fundamental. A professora atua no Ensino Fundamental e colaborou com a nossa pesquisa, conforme veremos no artigo.

A coleta de dados foi realizada a partir das respostas apresentadas pelos professores, observando que todas as respostas foram elaboradas de forma aberta para cada professor responder de uma maneira que elas tenham total liberdade para se expressar. Não são apresentados os nomes reais das participantes como medida de preservação da identidade de cada uma.

De acordo com o José Filho (2006, p.64), a pesquisa de campo oferece ao pesquisador a possibilidade da busca de soluções para entender como é feita a formação continuada, encontrando problemas e apontando possíveis para soluções que serão apresentadas na pesquisa. Por tanto, parte da necessidade de exposição do método que foi escolhido expõe as formas de construção do desenho metodológico e a escolha dos procedimentos adotados. E demonstra como se configura a apresentação e análise dos dados obtidos.

A pesquisa de campo apresenta, também, um desenho metodológico de aproximações sucessivas, considerando que a flexibilidade na apreensão dos dados garante o movimento dialético no qual o objeto de estudo pode ser constantemente revisto (FILHO, 2006). Essa pesquisa oferece ao pesquisador ter contato direto com o seu objeto de estudo, pode-se dizer que é no campo que a teoria se faz real e a partir dos dados reais analisados identificamos uma realidade teórica concreta.

## **2.2 Como foi feita a pesquisa**

Foi elaborado um questionário com 10 questões que consideramos ser fundamental para obtermos os dados necessários para a pesquisa e compreensão da formação continuada das professoras pedagogas entrevistadas.

As questões tratam-se de temas como Formação Continuada que nos coloca diante da realidade da continuada na prática. Outro tema abordado nas questões é o tema de como eles relacionam a importância das práxis que serve de conhecimento para o cenário da escola na formação continuada. Um tema que também está presente na pesquisa é os indicativos da formação no Brasil, para entendermos qual a perspectiva sobre o futuro dos profissionais pedagogos quanto à sua formação.

O questionário foi enviado às entrevistadas via e-mail e WhatsApp como a forma mais acessível para elas responderem.

## **3. RESULTADO DA PESQUISA**

O questionário proposto aos professores tem como finalidade demonstrar de como é feita a formação docente nas instituições onde trabalham, visando que foram feitas dez perguntas abertas com oportunidade dos docentes falarem abertamente sobre suas respostas, para esse artigo respeitamos o código de ética dos docentes e vamos denominar eles como professora A, B e C.

Primeira Pergunta feita as entrevistadas foi qual a área de formação escolhida, em que instituição se formou e em que ano, todas as três entrevistadas responderam que são professoras Pedagogas. A professora A, foi formada em Pedagogia na UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso) em 1995. A professora B, formada em Pedagogia na UNIC (universidade de Cuiabá) em 2006. E a professora C, também formada em Pedagogia na UNIC, mas no ano de 2012.

Podemos observar que cada docente entrevistada tem, mais de 5 anos de magistério, um tempo que mostrar que elas já compreendem o seu trabalho como docente.

A segunda pergunta foi se após a graduação em Pedagogia elas buscaram investimento para sua formação, exemplo, cursos de pós-graduação, mestrado etc. Nesta questão, como veremos abaixo, todas as entrevistadas tiveram a oportunidade de após sua graduação dar continuidade com uma pós-graduação podendo assim obter mais conhecimento para seu magistério.

A professora A respondeu que fez pós-graduação em Língua Portuguesa. A professora B também fez pós-graduação e a professora C fez pós-graduação em Pedagogia e diversos cursos livres que complementaram a sua graduação.

A terceira pergunta era se houve alguma mudança no desempenho profissional depois de ter feito a pós-graduação e a formação continuada? A professora A respondeu que houve muitas mudanças, novos conhecimentos adquiridos e aplicados no dia a dia em sala de aula. A professora B e C também responderam que sim, que obtiveram grandes mudanças nas suas práticas, após a pós-graduação.

A quarta pergunta feita às professoras foi se elas conseguiam relacionar o seu conhecimento obtido com a vivência em sala de aula. A professora A respondeu que o conhecimento é infinito, então sempre está aprimorando, adquirindo novos conhecimentos e aplicando em sala de aula. A professora B respondeu que sim, na graduação e na pós aprendemos muito, porém e nas experiências diárias em sala de aula que aprimoramos nossos conhecimentos. A professora C, também respondeu que sim, destacando principalmente o lúdico que, segundo ela: “muitas das vezes faltam em casa e isso é um problema para desenvolvimento dos pequenos.”

A quinta pergunta foi: em quais modalidades elas já atuaram? As professoras A, B e C trabalharam na educação Infantil e Fundamental. A professora A também atua na alfabetização. A professora B já trabalhou na Educação de jovens e adultos (EJA), ensino médio. E a professora C trabalhou como professora de espanhol no ensino médio.

A sexta pergunta respondida pelas docentes era: qual os maiores desafios encontrado no magistério? A professora A diz que: “falta de estrutura nas escolas, falta de investimentos na prática pedagógica e os problemas enfrentados nas salas de aula são os maiores desafios.” A professora B: “o maior desafio encontrado é prender a atenção dos alunos, pois o professor sempre que possível reinventa, mas não é fácil.” A professora C disse que: “o maior desafio encontrado é a falta da família na escola, por que muitos não estão preocupados com a formação dos seus filhos.”

A sétima pergunta era sobre o que elas pensavam a respeito do incentivo da formação continuada no Brasil? A professora A afirmou que: “o incentivo para a formação de professores é muito ruim no Brasil, o professor está simplesmente desmotivado.” A professora B disse: “é necessário que o governo crie mais incentivos para formar professores competentes para atuarem na educação básica, o aumento de salário e a valorização profissional.” A professora C diz que falta muito incentivo que é como se o professor não precisasse estudar mais e se quiser se aperfeiçoar que tire dos seus próprios recursos. Ou seja, todo o professor diz que no Brasil não se tem um incentivo para os professores.



A oitava pergunta foi para saber delas como é feita a hora permanência e como elas organizam esse momento. Cada Escola tem seu modo de organizar suas atividades, mas seus objetivos são todos iguais que é buscar a melhor forma de educar e atender a todos. A professora A respondeu que ela faz no período matutino: planejo as aulas no período matutino e no período vespertino trabalho com os alunos. As professoras B e C responderam que são 20 horas aula, sendo dessas, 10 horas de atividades na escola (podendo assim ser atendimento aos pais, alunos e planejamento de aula) tudo bem planejado.

A Nona pergunta foi sobre quais experiências presenciaram no campo da educação e quais foram mais significativas? As Professoras A e B diz que a maior experiência é quando a criança começa a desenvolver, aprender. Ter um olhar diferenciado para a criança, com carinho, ouvindo, olhando essa criança com amor, que se tem bons resultados. A professora C compartilhou que a é produzindo no lúdico que as crianças aprendem o conhecimento e isso é uma grande experiência.

A décima e última pergunta feita aos professores entrevistados foi sobre os pontos positivos encontrado na instituição onde trabalham e algo que possa melhorar sobre a formação continuada? As professoras A e B comentaram que as escolas brasileiras possuem diversos aspectos que podemos considerar positivos e que nos deixa feliz com nossa nação, mas ainda possuímos um monte de aspectos negativos que acabam fazendo que seja cada vez mais árdua a tarefa de seguir como professora e manter um ensino de qualidade para nossas crianças e adolescentes. A professora C, nas duas escolas que trabalhou, afirmou que o aprendizado é compartilhado entre todos e o ponto negativo é a falta da participação dos pais.

Vendo as respostas de cada professora notei que em algumas perguntas elas têm as mesmas perspectivas sobre como é proposto a formação de professores no Brasil que muitos acham que é só graduar e não é necessário aprimorar seus conhecimentos, mas a realidade é outra, o professor é um ser que está sempre inovando, buscando mais conhecimento para sua graduação e que devido à falta de iniciativas para isso elas como profissionais acabam ficando desmotivadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa me proporcionou a oportunidade de conhecer a Formação Continuada dos Professores Pedagogos mais de perto, na visão de pesquisadora, nessa visão compreendi que a contribuição da formação continuada é de grande importância e o objetivo é o de melhorar o ensino oferecido nas instituições. As entrevistas realizadas demonstram que a formação continuada é fundamental para o crescimento profissional do docente trazendo para ele novas práticas para seu cotidiano em sala de aula.

A presença da formação no ambiente escolar contribui para a qualidade do ensino da instituição que fornece para seus docentes a oportunidade dessa formação. A formação oferecida pelo Estado tem como objetivo repensar as práticas docentes, de forma a modificar e ampliar o conhecimento do docente sobre a metodologia empregada e de que forma que ele transmite essa metodologia para o aluno. E essa formação fornece ao educador a auto avaliação, para que o mesmo consiga analisar o desempenho da metodologia aplicada e a necessidade de modificá-la.

O professor tem um papel fundamental para o desenvolvimento humano, mediando seus alunos e mostrando o seu compromisso com o ensino incentivando a participação de todos. O trabalho coletivo dos docentes para se ajudar e compartilhar seus conhecimentos entre si é algo que importa muito

também para o crescimento de todos, porém foi notório nas entrevistas que nem todas as escolas conseguem desenvolver essa prática.

A pesquisa revelou que as instituições ou o próprio Estado, precisa apresentar proposta que tenha como objetivo a formação continuada, aperfeiçoando seus profissionais, seus conhecimentos, podendo assim elaborar e apresentar propostas de cursos presenciais e palestras, podendo assim acrescentar no seu currículo.

Deve ser levado em consideração que a formação continuada, é importante para todos os professores independente da sua área de atuação e ainda diante dos desafios voltado para o professor pedagogo, deve ser ainda mais estimulada, para que os cursos de formação docente consigam ofertar a estes professores metodologia que atendam às necessidades dos seus alunos.

Como vemos na pesquisa algumas entrevistadas já atuaram em várias área de ensino com no EJA, no ensino Médio e como professora de língua estrangeira, por isso é muito importante a formação docente por que sem essa inovação de conhecimentos elas não poderiam atuar com eficiência em outras modalidade sem ser na área onde se formaram.

Essa formação conta com a procura do professor em buscar aperfeiçoamentos da sua graduação, indo a traz de cursos na sua área, pós-graduação, mestrados, doutorados, palestras, seminários e também leituras de livros de grande importância para sua área. Contudo, sabemos de como a Formação Docente é fundamental para se construir profissionais qualificados e uma sociedade crítica, emancipada e libertadora. Sendo assim, primeiramente, o docente não deve se desencantar com a educação se desmotivando, mas sim, se fortalecer para buscar sempre por inovações e buscar por conhecimentos e experiências que futuramente vai proporcionar maior amadurecimento profissional e sobretudo, promover o desenvolvimento social na sua prática e atuação profissional na formação de um Brasil melhor.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde de. Políticas Curriculares para a formação de professores: uma análise do currículo vivido pelas IES no curso de Pedagogia. Relatório Técnico Final. Caruaru: CNPq, 2012.

ANDRÉ, M.E.D.A. 2009. A produção acadêmica sobre formação docente: um estudo comparativo das dissertações e teses dos anos 1990 e 2000. Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, 1 (1):41-56

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. São Paulo: Saraiva, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> anos) do ensino fundamental. Brasília: MEC, SEB, 2012a. 137 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

IMBERNÓN, Francisco. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 14).

FACCI, Marilda G. D. Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

JOSÉ FILHO, Mário; DALBÉRIO, Osvaldo. (Org.). Desafios da pesquisa. Franca: Ed. UNESP FHDSS, 2006.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SCHNETZLER, R. P. Como associar ensino com pesquisa na formação inicial e continuada de professores de Ciências? Atas do II Encontro Regional de Ensino de Ciências. Piracicaba: UNIMEP, 18-20 out, 1

VASCONCELLOS, Celso dos S. Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação. São Paulo: Libertad, 2001.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

PIMENTA, Selma; ANASTASIOU, Léa. Docência do Ensino Superior. Vol. I, São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Teorias de Currículo. São Paulo: Cortez, 2011.

## O USO DA CRIATIVIDADE PELOS PROFESSORES

Thainara Maiberg Karlinsk<sup>4</sup>

Ideylson da S. V. dos Anjos<sup>5</sup>

Antuterpio Dias Pereira<sup>6</sup>

### RESUMO

O objetivo principal desse texto é falar sobre a importância da criatividade na educação e como ela é utilizada pelos professores no processo de ensino/aprendizagem. O papel do professor para a construção desses meios criativos é fundamental, pois é preciso querer inovar, quer fazer diferente, buscar novos caminhos, para ter uma nova educação que incentive os alunos a serem criativos e inovadores também. Para o desenvolvimento do texto foi utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica e trabalhar com a pesquisa bibliográfica significa realizar um movimento incansável de interlocução crítica com o material publicado. Os principais autores que embasaram a pesquisa foram SILVA e AMOROSO (2020), CASTRO (2006) e OLIVEIRA e ALENCAR (2012). E na busca de solucionar o problema sobre, como é trabalhada a criatividade pelos professores? A pesquisa conclui-se que ser criativo é uma metodologia que tem que ser analisada e organizada com o objetivo de facilitar o aprendizado, mas tudo isso depende de como o professor planeja seus planos de aula e se ele está aberto ou não a uma visão inovadora.

**Palavras-chaves:** criatividade, professor, aprendizagem.

#### 4.

---

<sup>4</sup> Graduanda do 8º Semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade Eduvale.

<sup>5</sup> Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo, especialista em Educação e Sexualidade Humana pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), graduado em Filosofia pela UCDB e Professor da Faculdade Eduvale.

<sup>6</sup> Doutor em História pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/MS, Mestre em História cultural pela Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT e Professor na Faculdade Eduvale.

## 5. ABSTRACT

The main objective of this text is to talk about the importance of creativity in education and how it is used by teachers in the teaching/learning process. The role of the teacher in the construction of these creative and fundamental means, because it is necessary to want to innovate, to want to do differently, to seek new paths, to have a new education that encourages students to be creative and innovative as well. For the development of the text, the methodology of bibliographic research was used, and working with the bibliographic research means carrying out a tireless movement of critical interlocution with the published material. The main authors who supported the research were SILVA e AMOROSO (2020), CASTRO (2006) and OLIVEIRA e ALENCAR (2012). And in the search to solve the problem about, how is creativity worked by teachers? The research concludes that being creative is a methodology that has to be analyzed and organized in order to facilitate learning, but all this depends on how the teacher plans his lesson plans and whether or not he is open to an innovative vision.

**Keywords:** Creativity. Teacher. Learning.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa expor sobre o tema do uso da criatividade pelos professores, que apresenta grande importância, pois acredita-se que através do uso dessa criatividade em sala, ajuda a promover nos alunos uma aprendizagem melhor. Considera-se que a criatividade amplia a nossa visão sobre as coisas, seria uma forma nova de ensinar os conteúdos. O aluno quando tem a possibilidade de um ambiente inovador ele se torna um cidadão que busca ser criativo, crítico, um cidadão mais participativo e não neutro.

Trabalhar com a criatividade em sala tem como objetivo seguir um caminho de pesquisas na procura de algo novo para oferecer aos alunos, assim a aula será mais prazerosa e os alunos irão adquirir os conhecimentos mais facilmente.

Um dos principais motivos deste pesquisa foi que no período que realizei meus estágios tanto no ensino infantil como no fundamental, percebi que a criatividade em sala é fundamental para um desenvolvimento melhor dos alunos. Eu vivenciei o tanto que os alunos gostavam e se sentiam mais atraídos quando a aula era planejada de uma maneira diferenciada. O rendimento da aula era muito maior, os alunos aprendiam com mais facilidade. É de extrema importância que o professor utilize de métodos criativos, para incentivar os alunos a pensarem de uma nova forma e a serem mais críticos, não permanecendo num espaço neutro e tradicional, mas sim, no processo de construção constante de inovação.

Nóvoa (1995, p. 31), ao discorrer sobre a inseparabilidade das dimensões pessoal e profissional, afirma que “ser professor obriga a opções constantes que cruzam nossa maneira de ser com nossa maneira de ensinar e que desvendam em nossa maneira de ensinar, a nossa maneira de ser”, e é neste sentido que nos possibilitou reconhecer as influências da dimensão pessoal, com suas especificidades, na constituição do professor inovador.

E notório que a criatividade amplia e melhora a visão de todos os envolvidos, pois com ela surge uma nova forma de explicar algo que seja mais complexo para os alunos compreenderem. Ela contrapõe o sistema de ensino tradicional, busca acompanhar o progressivo caminho de novas tecnologias e saberes do atual mundo moderno.

A educação criativa tem inúmeras vantagens entre elas, o estudante atribui um novo significado à atividade realizada, é uma solução para problemas de falta de compreensão, rende um maior interesse do aluno, cria-se uma relação mais afetiva entre professor/aluno, transforma a capacidade de aprender do aluno, oportunidade de experiências novas, entre outros. No decorrer do texto será abordado mais detalhadamente a importância da criatividade no processo de ensino.

Para melhor desenvolvimento da pesquisa, o artigo se estruturou em três partes, sendo a primeira uma conceituação básica da criatividade, a segunda parte destinou-se em apresentar a criatividade aplicada à educação, a terceira parte se propôs em apresentar as características de uma educação inovadora e criativa e o texto encerra com as considerações finais e experiências da pesquisa.

## **1. O QUE É CRIATIVIDADE?**

De maneira ampla, pode-se dizer que tudo aquilo que se refere ao potencial de criação pode ser chamado de criatividade. A criatividade é um recurso responsável pelo desenvolvimento

de ideias e a concepção de coisas que parte das mesmas. Criatividade é uma palavra derivada a partir do verbo criar.

Criar é, basicamente formar, é poder dar uma forma a algo novo, em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo” de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e comprometidos em termos novos (OSTROWER, 1977, p. 09):.

A criatividade encontra formas de executar trabalhos ou tarefas que normalmente fogem do padrão normal intencionalmente com o fim de estabelecer certo propósito. Novos conceitos e novas ideias; ideias originais, imaginação capaz de construir, isso também pode ser definido como criatividade. Uma invenção qualquer é fruto da criatividade; engenho construtivo que encontra soluções com o intuito de mudar para melhor a vida do ser humano. Segundo Torrance (1976, p.34), criatividade e pensamento criativo é como "o processo de perceber lacunas ou elementos faltantes perturbadores; formar ideias ou hipóteses a respeito deles; testar essas hipóteses; e comunicar os resultados, possivelmente modificando e restando as hipóteses.

A criatividade nos seres humanos tem suas raízes na cultura. A criatividade, diz-se, parte sempre do espírito da imaginação fértil, porém cabe ressaltar que o estímulo para a criatividade nos seres humanos surge de estudos, pesquisas, execuções de trabalhos especiais, criação. A criatividade pode ser de grande ajuda na hora de solucionar problemas que, num princípio, exigem um esforço diferente para sua solução. Com a criatividade se podem encontrar detalhes criativos dentro de um parâmetro construtivo sempre usando a capacidade de ser criativo. De acordo com Ostrower (2012, p. 54):

considera a criatividade um potencial inerente ao ser humano e a realização deste uma necessidade, pois criar e viver se interligam. Assim, a criatividade se elabora no contexto cultural no qual necessidades e valores culturais se moldam aos próprios valores da vida e os processos criativos se realizam na interligação dos níveis individual e cultural da existência humana.

A criatividade faz parte do ser humano e é uma necessidade que temos para poder evoluir e nos aprimorarmos. É preciso pensar coisas novas, novas formas de realizar as coisas, pois o mundo está em constante evolução e cada vez mais é cobrado na criação de novidades.

O potencial criativo se expressa basicamente na possibilidade de dar forma a algo novo, abrangendo as capacidades de compreensão, relação, ordenação, configuração e significação. A motivação humana de criar reside justamente nesta busca por

ordenações e significados. O ser humano desenvolve-se como ser consciente, sensível e cultural, sendo os dois primeiros aspectos inatos e determinantes para que se desenvolva o último. Assim, o ato criativo só terá sentido se for intencional, consciente, sendo a sensibilidade a porta de entrada das sensações que liga aos acontecimentos à nossa volta, ou seja, os padrões culturais (OSTROWER, 2012, p. 55).

Na vida cotidiana é normal que encontremos exemplo da criatividade e estamos rodeados de exemplos do que a criatividade é capaz. Basta olhar ao nosso redor para comprovar os efeitos da criatividade de alguns. “Pode-se perceber que a criatividade também aparece ligada ao crescimento pessoal e à capacidade do indivíduo de interpretar melhor a realidade à sua volta e se envolver com o próprio aprendizado de forma mais intensa.” (OLIVEIRA; ALENCAR, 2012, p. 548).

## **2. CRIATIVIDADE APLICADA À EDUCAÇÃO**

O processo de criar permite resolver os problemas de uma forma diferente, com o uso desse método as descobertas são mais significativas, o aprendizado se cria de uma maneira mais espontânea, e alcança respostas para antigos problemas do âmbito escolar.

A criatividade se faz presente integralmente nas práticas escolares, de forma que o aluno seja inserido no meio social de forma letrada, preparado para a resolução de problemas e para a busca e construção de novas respostas aos estímulos do meio ambiente. Que por sua vez, farão com que ocorram maneiras mais adequadas para realizar suas tarefas diante de novas situações, e assim possa ter uma leitura de mundo de maneira satisfatória e eficaz. (SILVA; AMOROSO, p.02)

Com o uso da criatividade em sala, crie-se um ambiente que desperta um interesse maior pelos alunos em relação aos conhecimentos ministrados. Diante disso, o ensino dessa forma busca ser contraditório ao tradicional onde os alunos eram neutros, e sim busca ter alunos ativos e participativos.

A criatividade é considerada por muitos autores como um fenômeno multidimensional que oferece influências de vários aspectos tais como: cognitivos, afetivos, ambientais e sociais, de alta relevância no cotidiano do aluno e do cidadão. Segundo algumas teorias, a criatividade deve ser estimulada



principalmente dentro das escolas, por meio da valorização e estímulo do poder criativo, tanto, por parte dos docentes e dos discentes. (SILVA; AMOROSO, p.03)

As vantagens da utilização da criatividade são diversas, deve ser valorizada e implantada para os estímulos nos alunos serem os melhores possíveis.

A criatividade, cada vez mais, está sendo reconhecida dentro e fora das instituições escolares, como um importante recurso para mediar e assimilar o conhecimento de uma forma prazerosa para o aprendiz, como também para todas as áreas do conhecimento humano (afetivo, motor e cognitivo), inclusive para o bom desenvolvimento do país, seja ela, na economia ou no social, desde que haja estratégias e condições adequadas para que essa habilidade seja desenvolvida e aprimorada, e que a escola é o contexto adequado para o incentivo do uso do poder criativo, mas, por ser um recurso que requer tempo e compromisso, por isso o potencial criador nem sempre é estimulado e compreendido pelos educadores de forma que deveria ser. (SILVA; AMOROSO, p.03)

O uso da criatividade na escola deve ser constante, para que possa ser incentivado o uso dela no decorrer da vida do aluno. O aluno que adquire esse uso da criatividade tem múltiplas vantagens, já que ajuda amplia a sua visão e seu desenvolvimento intelectual.

Apesar de não existir um consenso sobre um conceito do termo criatividade, especialistas das diversas áreas concordam que esse fenômeno exige uma maior atenção, principalmente para os profissionais da área da educação na promoção dessa habilidade criativa. Como ressalta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) deve-se priorizar a capacitação do aluno para a resolução de problemas por meio de pensamento lógico, da criatividade e de análise de situações de forma crítica. (SILVA; AMOROSO, p.05)

O processo de estímulo da criatividade nos alunos, auxilia eles para quando viverem em sociedade. Pois vivenciam experiências novas e sendo assim serão futuros cidadãos que vão ser ativos sempre buscando inovar suas atitudes.

As práticas pedagógicas realizadas de forma significativas contribuem para o desenvolvimento da habilidade criativa dos alunos em qualquer que seja a componente curricular, pois dá maior flexibilidade nas exposições das ideias relacionadas ao conteúdo, possibilitando mais autonomia ao aluno, motivando-o a vencer desafios e contribuindo para um bem estar já que será provável que isso o levará a superar suas dificuldades. (SILVA; AMOROSO, p.05).

Com essa maior compreensão sobre os conteúdos os alunos criam melhores habilidades criativas que modificam seu aprendizado, facilitando o aluno a chegar nos objetivos propostos. “Há um aumento da motivação, autoestima e da realização pessoal das crianças, que se bem conduzidas transformaram aprendizagem em prazer.” (SILVA; AMOROSO, p.08).

Uma aprendizagem, pressupõe-se o uso de atividades que criem situações que desafiem o indivíduo, levando-o a uma reflexão sobre a ação, que esteja envolvida no seu contexto/meio de modo que essa aprendizagem seja mais acessível, divertida, sutil, interessante, e, duradoura, do qual tire proveito desse aprendizado. (SILVA; AMOROSO, p.05).

A utilização da criatividade faz que automaticamente a aula fique mais atrativa aos alunos, os estímulos que o professor incentiva são diversos e surgem vários efeitos advindos dessas atitudes que beneficiam os alunos no processo de aprendizagem.

### **3. UMA EDUCAÇÃO CRIATIVA E INOVADORA**

Quando os alunos aprendem de forma mais prazerosa eles entendem bem melhor os conteúdos e até mais rápido. para que isso ocorra o professor precisa de dedicação e um tempo maior de pesquisa.

A imaginação, como base de toda atividade criadora, se manifesta por igual em todos os aspectos da vida cultural. Possibilitando a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia e que foi criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura, em diferenciação ao mundo da natureza, tudo é produto da imaginação e da criação humana. (CASTRO, 2006, p.14).

Se não fosse a imaginação que possibilita a criação das coisas, nos seres humanos viveríamos para sempre como seres primitivos. não seria possível ter nada que temos no mundo atualmente, sem ela não teria evolução. Sendo assim o ato de criar é algo fundamental para a existência humana.

A criatividade tem objetivado pesquisas de várias áreas do conhecimento, se tratando de uma característica muito importante para o desenvolvimento humano, principalmente na atual conjuntura da globalização do mundo com suas inovações e invenções que avançam em ritmo acelerado, principalmente nas áreas tecnológicas direcionadas ao mercado de trabalho, em que a criatividade é de suma importância para enfrentar os novos desafios do mundo globalizado. (SILVA; AMOROSO, p.04)

A criação como essencial na vida que conhecemos no nosso cotidiano, não pode ser ignorada no campo de educação, ela deve ser estimulada dentro desse ambiente. “O profissional da educação precisa estar sempre se capacitando, e se compromissando com um trabalho educacional criativo e

desafiador” (SILVA; AMOROSO, p.08). Os professores precisam buscar um método de ensino que seja prazeroso ao aluno e que leve a reflexão contínua para os alunos terem uma melhor autonomia.

Incorporar a inovação à prática pedagógica, de forma perene, requer disposição do professor para o constante questionamento sobre as ações/atividades ocorridas em aula. A reflexão permanente, ao mesmo tempo em que contribui para o rompimento com práticas desenvolvidas de forma mecânica e irrefletida, provoca a busca de ações alternativas, favorecedoras de aprendizagem de conteúdos de todas as naturezas. Um aspecto relevante neste percurso é a necessidade de a reflexão realizar-se em grupo de docentes, sujeitos que partilham os mesmos interesses e desafios. É daí que surgem as práticas originais e inovadoras. (HARRES, 2018, p. 16).

A busca por inovar na sua metodologia em sala é indispensável quando se pretende formar futuros cidadãos ativos na sociedade. “O professor inovador é um sujeito inquieto, curioso, que aceita desafios que o desacomode. Ele é propositivo, cria situações de ensino, testa atividades e, ao aplicá-las, reflete sobre os resultados obtidos, num constante processo de autoavaliação” (HARRES, 2018, p. 16/17).

“A atuação criativa do professor faz com que os alunos fiquem mais interessados e os ajuda a dar mais significado ao conhecimento, facilitando a aprendizagem; que os professores precisam ser criativos, pois os alunos de hoje não aceitam um ensino repetitivo; e que o professor precisa saber lidar com as mudanças e atender às necessidades dos alunos.” (OLIVEIRA; ALENCAR,2012, p.549).

O uso da criatividade traz diversos benefícios á aprendizagem do aluno ela se torna mais significativa a eles. Se construí um ensino mais centrado no aluno, que respeite seus interesses, necessidades e habilidades, ao longo do processo ensino-aprendizagem.

Embora o fomento da criatividade usualmente esteja presente no projeto pedagógico da escola, é raro uma cultura institucional que a valorize de fato e possibilite sua expressão. De modo geral, não tem sido uma prática do coordenador pedagógico encorajar os professores a experimentarem novas práticas pedagógicas, oferecer-lhes amplas oportunidades de compartilhar experiências de ensino criativo bem sucedidas, facilitar-lhes o acesso a informações sobre como promover a criatividade na vida pessoal e profissional [...]” (OLIVEIRA; ALENCAR,2012, p.550)

É de extrema importância que a criatividade esteja presente na escola, sobretudo no trabalho do professor, e que este utilize estratégias didáticas diferenciadas e inovadoras que

despertem o interesse dos alunos. “[...] a criatividade é um elemento importante no contexto educacional e que o professor criativo pode ser um elemento chave para estimular seu desenvolvimento e expressão no ambiente escolar [...]” (OLIVEIRA; ALENCAR, 2012, p.550)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criatividade como foi mostrado neste trabalho, tem sua importância vista de forma explícita e fundamental para a constituição do mundo que temos hoje. Sem ela não seria possível acompanhar a velocidade das mudanças de nosso tempo, pois se ninguém soubesse criar o que seria de nós, serem humanos, nesse planeta contemporâneo, cheio de tecnologias e evoluções? Provavelmente, viveríamos igual os povos pré-históricos. Então, já que a criatividade está presente em todos nós humanos devemos usá-la, mais não só utilizá-las às vezes ou quando pedem, mas sim de forma ativa em nossas vidas.

A partir desta pesquisa, conclui-se que o professor deve carregar a criatividade na mente e nas mãos, como fato, que é preciso estimular a si mesmo e os seus alunos a buscar a ser inovadores em tudo que fizerem. É necessário superar o uso do ensino tradicional, e em buscar algo que seja único aos seus alunos, de acordo com a cultura local onde está inserido, que faça a diferença na vida da comunidade como um todo. Ou seja, promover um ensino voltado a um futuro cidadão que utilize a criatividade nos seus atos.

A pesquisa revelou também, que a criatividade é trabalhada na educação dependendo do professor, cada professor vê a criatividade de uma diferente forma, uns acham que estão sendo criativos, outros são de fato, uns não dão muito importância e acabam seguindo a metodologia tradicional, sem buscar algo novo que chame a atenção do aluno e melhore a aprendizagem.

Como acadêmica e futura pedagoga, essa pesquisa foi de fundamental importância para minha motivação diante do cenário educacional como um todo. Num momento em que devido ao atual cenário políticos, econômico e sociais, muitos se desmotivam, desanimam e até desacreditam na educação, eu posso afirmar que concluo o meu curso de pedagogia com a energia positiva e confiante de que é possível inovar a Educação e fazê-la reavivar como seu valor e

importância para a sociedade a começar com as práticas criativas de dentro das escolas na relação aluno-professor. Eu acredito e sigo com esse propósito!

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Ana Luiza Manzini Bittencourt de. **O desenvolvimento da criatividade e da autonomia na escola.** Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia. Vol 23, Edição 70, ano 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010384862006000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862006000100007). Acesso em: 07 de março de 2020.

Editorial Que Conceito. **Criatividade.** São Paulo. Disponível em: <https://queconceito.com.br/criatividade>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

NÓVOA, A. **Vida de professores.** Porto: Porto Editora, 1995.

HARRES, J.B.S; LIMA, V.M.R; DELORD, G.C.C; SUSA, C.I.C; Martinez, R.I.P; **Constituição E Prática De Professores Inovadores: Um Estudo De Caso.** Ensaio. Pesquisa em Educação em Ciência. Versão Online, 2018. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/epec/v20/1983-2117-epec-20-e2679.pdf](http://www.scielo.br/pdf/epec/v20/1983-2117-epec-20-e2679.pdf) Acesso: 07 de março de 2020.

OLIVEIRA, E.B.P.; ALENCAR, E.M.L.S; **Importância da criatividade na escola e no trabalho docente segundo coordenadores pedagógicos.** Revista Estudos de Psicologia. Campinas: Outubro-Dezembro de 2012. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n4/v29n4a09.pdf](http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n4/v29n4a09.pdf) acesso: 16 de março de 2020.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação.** Editora Vozes, 15º Ed. Rio de Janeiro- RJ, 1977. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862006000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000100007). Acesso em: 05 de maio de 2020.

OSTROWER, F. Criatividade e processos de criação. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, D.M; AMOROSO, S.R. B; **Importância da Criatividade no Processo de Ensino Aprendizagem.** Disponível em: [nippromove.hospedagemdesites.ws/anais\\_simposio/arquivos\\_up/documentos/artigos/bb04defbd599055e0f72baf6c6027f01.pdf](http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/bb04defbd599055e0f72baf6c6027f01.pdf) > Acesso:07 de março de 2020.

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tainara Jesus Medeiros<sup>7</sup>  
Ideylson da S V. dos Anjos<sup>8</sup>  
Antuterpio Dias Pereira<sup>9</sup>

### 6. RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade analisar a contação de histórias na educação infantil e suas principais contribuições no âmbito escolar. Para o levantamento da pesquisa foi abordado alguns autores que discutem bastante sobre o tema, dentre eles, Betty Coelho (1999) e (2001), Fanny Abramovich (2004), Cléo Busatto (2003), e Bruno Bettelheim (2000) e (2009). Dessa forma, a pesquisa é de cunho bibliográfico, onde foi explorado livros e artigos e se estrutura em quatro etapas. A primeira etapa mostra o aspecto histórico da contação de histórias, suas origens e características marcantes. A segunda etapa da pesquisa apresenta a importância e os benefícios deste recurso de aprendizagem, reconhecendo que quando a contação de histórias é inserida no cotidiano da criança de maneira correta, percebe-se uma mudança gradativa em seu desenvolvimento, pois é através deste método pedagógico que ela vai se introduzir na sociedade, aguçando sua imaginação, desenvolvendo sua leitura, oralidade, e escrita. A terceira etapa explicita como deve ser o planejamento docente ao recorrer contar histórias, pois este método necessita de um estudo e preparo adequado. Por fim, a última etapa, apresenta os tipos de histórias e a faixa etária de cada criança, para que se compreenda a história ideal a se contar. Contudo, a pesquisa concluiu que a contação de história possui uma grande importância e eficácia como ferramenta pedagógica, onde a mesma traz benefícios não somente às crianças, mas também aos professores, sendo uma forma de ensino aprendizagem onde ambos aprendem, inovam, se conhecem um ao outro e se prepara melhor para a vida.

### 7. Palavras-Chave: Literatura. Contação de histórias. Educação infantil.

---

<sup>7</sup> Graduanda do 8º semestre do curso de Pedagogia da Faculdade Eduvale - MT.

<sup>8</sup> Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), especialista em Educação e Sexualidade Humana (UNISAL-SP), graduado em Filosofia (UCDB -MS) e Professor da Faculdade Eduvale -MT.

<sup>9</sup> Doutor em História pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/MS, Mestre em Historia cultural pela Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT e Professor na Faculdade Eduvale.

## 8. ABSTRACT

This research aims to analyze storytelling in early childhood education and its main contributions in the school context. For the survey of this research, some authors who discussed a lot about the topic were approached, among them, Betty Coelho (1999) and (2001), Fanny Abramovich (2004), Cléo Busatto (2003), and Bruno Bettelheim (2000) and (2009). Thus, the research is of a bibliographic nature, where books and articles were explored and is structured in four stages. The first stage shows the historical aspect of storytelling, its origins and outstanding characteristics. The second stage of the research presents the importance and benefits of this learning resource, recognizing that when storytelling is correctly inserted in the child's daily life, a gradual change in its development is perceived, as it is through this pedagogical method that it will introduce itself into society, sharpening your imagination, developing your reading, speaking, and writing. The third stage explains how teacher planning should be when resorting to storytelling, as this method needs an adequate study and preparation. Finally, the last stage presents the types of stories and the age of each child, so that the ideal story to be told can be understood. However, the research concluded that storytelling has great importance and effectiveness as a pedagogical tool, where it brings benefits not only to children, but also to teachers, being a form of teaching learning where both learn, innovate, know each other each other and get better prepared for life.

## 9. Keywords: Literature. Storytelling. Child education.

## INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias, além de ser um momento único de interação, é essencial para o desenvolvimento pleno da criança. Quando se conta histórias, ao ouvi-las, as crianças darão início a uma aprendizagem fundamental para se tornar um bom leitor e se inserir na sociedade como um indivíduo crítico. É de extrema importância que o hábito da contação de histórias seja ativo e presente na vida das nossas crianças, porque são através delas, que serão desenvolvidos fatores importantes no aprendizado das mesmas.

Por intermédio deste estudo, foi possível compreender questões das quais não se tinha muito conhecimento, como a origem da contação de histórias, onde ela surgiu, os aspectos que norteavam essa ferramenta de aprendizagem, a importância do planejamento antes de se contar histórias, e a necessidade de levar em conta a faixa etária de cada criança, para que haja um desenvolvimento eficaz no aprendizado.

Este artigo tem como tema a contação de histórias na Educação Infantil, objetivando conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico desse método, seu surgimento e características dos tempos remotos até a atualidade, frisamos conhecer a sua importância e benefícios para as crianças, além de discutir sobre o planejamento docente em relação as histórias contadas e conhecer os tipos de histórias e suas faixas etárias.

Para dar fundamentação ao estudo, foram recorridos alguns autores que debatem sobre o tema abordado. Dentre eles Betty Coelho (1999) e (2001) em seu livro *contar histórias, uma arte sem idade*, vai trazer a contação de histórias falando sobre a escolha da história, seu estudo, e formas de apresentação dessas histórias; Fanny Abramovich (2004) em *literatura infantil, gostosuras e bobices*, vai nos remeter a um estudo repleto de variedades de histórias, ressaltando a importância da literatura infantil; Já Bruno Bettelheim (2000) e (2009) em seu livro sobre *a psicanálise dos contos de fadas*, vai trazer um pouco sobre o contexto do surgimento da contação de histórias, falando sobre os contos de fadas e como é organizada a estrutura desse tipo de histórias; e Cléo Busatto (2003) em seu livro *Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa* frisa em mostrar as experiências educativas, sociais e simbólicas das narrativas contadas. Além dos livros citados acima, foram abordados alguns artigos que se relacionam com o tema e os tópicos estudados.

Desta forma, o presente artigo tem como público alvo os professores e futuros docentes. Para que os mesmos saibam como utilizar essa ferramenta de aprendizagem, que compreendam um pouco sobre seu contexto histórico, a importância e os benefícios que a contação de histórias



acarreta para as crianças, o estudo tende a mostrar um direcionamento coerente no planejamento docente e a identificação dos tipos de histórias e suas faixas etárias ideais para cada narrativa.

Por isso, este artigo visa trabalhar informações necessárias sobre esse método de aprendizagem, que desde os tempos remotos até os dias de hoje tem sido de suma importância para se aprender de forma lúdica e prazerosa. Contudo, este trabalho contará com detalhes um pouco sobre o quanto necessária é esta ferramenta de ensino, para que haja um desenvolvimento pleno na criança, sendo ele intelectual e físico, mostrando todas as suas contribuições dentro e fora do ambiente escolar.

## 10. CONTEXTO HISTÓRICO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Quando falamos sobre a contação de histórias, é importante frisar que a mesma possui um contexto histórico, ou seja, a história de quando surgiu, onde começou, e suas principais características.

Este recurso sempre foi muito utilizado há milhares de anos, porém de diferentes maneiras. Segundo Poliedro (2016), para alguns povos a contação de história era apenas uma forma de se divertir e passar o tempo, já para outros, essa ferramenta tinha como finalidade o aprendizado. Como podemos perceber, hoje, as histórias podem ser contadas de diferentes formas, temos elas escritas para serem lidas e também podem ser apresentadas em filmes, teatros e outros recursos midiáticos como os atuais *podcast*.

De acordo com Mateus *et al.* (2013), o ato de contar histórias, surgiu há muitos anos atrás, na transição entre o século XVII para o XVIII, onde as crianças tinham sua infância vivida de forma adulta, conhecidas também como “adultos em miniaturas”. As atividades adultas eram todas compartilhadas com as crianças, se encaixando neste contexto a mesma cultura literária. E foi apenas com a ascensão burguesa, que as crianças começaram a ser reconhecidas como seres diferentes dos adultos, atribuindo-lhes características infantis.

A literatura infantil no século XVIII foi considerada um elemento de muita importância no âmbito escolar, segundo Mateus *et al.* (2013), isso acontecia devido uma necessidade de uma mudança na mentalidade que essa criança possuía. Portanto, pode-se dizer que a escola foi o agente principal para que essa mudança ocorresse.

Neste contexto, nota-se que a contação de histórias durante muitos anos passou por uma gradativa mudança em seus significados, onde ela começa sendo apenas um passatempo, um meio de diversão e depois se integra como um método de aprendizagem concreto e eficaz.

Coelho (2001, p. 31) vai afirmar que “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la”, ou seja, precisamos em primeiro lugar, entender a história e o contexto do surgimento do objeto estudado ou experienciado, para que dessa forma possamos nos agregar ainda mais sobre como iremos escolher o que contar e qual a forma mais coerente de se fazer isso.

De acordo com Mateus *et al* (2013), as primeiras produções infantis se deram por professores e pedagogos no final do século XVII e durante o século XVIII. A contação de histórias é uma prática educativa muito antiga, e ela existe desde antes da escrita acontecer e ser desenvolvida. Ela nos remete ao surgimento do homem há milhões de anos, onde na cultura primitiva, saber ler, escrever e interpretar as palavras era de suma importância, pois com o passar do tempo, tudo iria se tornar registros históricos, relatados por fatores que ocorriam em seu cotidiano e que por meio da leitura e compreensão poderiam ser entendidos por outros indivíduos.

É possível perceber que a contação de histórias sempre esteve presente na humanidade, o que mudava era somente as diferentes formas e finalidades de como eram contadas. A maioria tinha nas histórias uma forma de expressar as experiências e acontecimentos vividos em seu cotidiano, formando um relato significativo para as demais pessoas. Para outros, era uma forma de ensinar, transmitir e preservar alguns valores e costumes considerados importantes para cada cultura de um determinado povo.

São por meio desses contextos relacionados a história que percebemos alguns fatores importantes sobre o mesmo. Dentre eles, se conclui que a contação de histórias não é um método novo, surgido atualmente, e sim uma ferramenta que foi criada e utilizada há muitos anos atrás e que é um recurso muito recorrido quando o assunto é ensino-aprendizagem das crianças.

Outro aspecto notório é a mudança gradativa dos conceitos sobre contar histórias. Conforme Martins (2019), nos tempos primórdios os povos antigos se agarravam nesta ferramenta porque era um meio de comunicação importante, já que a escrita ainda não existia. E de lá pra cá com a escrita bem alavancada, este recurso pedagógico tem se superado a cada dia, se tornando muito comum nas escolas. Isso porque só nos mostra o quanto é essencial contar histórias para nossas crianças desenvolverem o aspecto sócio cognitivo necessário para seu aprendizado.

Contudo, independentemente do conceito histórico do passado, o ato de contar histórias permanece presente e promove até hoje o compartilhamento de ideias e pensamentos que assimilados de maneira correta e coerente são transformados em conhecimentos e saberes

significativos para a criança. E por isso é de fundamental importância que todos que se utilizam desse recurso, desde familiares como os pais e/ou responsáveis à pedagogos e profissionais da educação, tomem conhecimento dos imensos benefícios que essa prática pode trazer para o processo educacional no desenvolvimento da criança.

## **11. A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SEUS BENEFÍCIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Quando se conta histórias, estamos envolvendo a criança em um mundo onde ela se encontra. Logo, é despertado sentimentos e emoções únicas e essenciais para ela. É de suma importância que a criança cresça ouvindo histórias, pois será desse contexto que ela tirará lições e conceitos significativos para sua vida.

Abramovich (2004, p. 17) vai dizer que:

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer, e passa a ser didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir todas as comportas da compreensão do mundo).

As histórias, vão levar essas crianças ao imaginário, fazendo com que elas criem seus próprios conceitos sobre as formas, objetos e seres existentes no mundo. São através delas que a criança vai se desenvolver socialmente (interagindo com os demais colegas e o meio em que está inserida) e também cognitivamente (por meio dos conceitos trazidos pelas histórias contadas).

Por isso, é interessante, trabalhar por meio das histórias vários conceitos importantes para a vida em sociedade, dentre eles, conceitos de cidadania, como a ética e os valores humanos (respeito, amizade, lealdade, generosidade, entre outros), levando em consideração que as crianças aprendem e absorvem tudo muito rápido, é necessário inserir e trabalhar termos como esses desde bem pequenos.

Bettelheim (2000), vai nos dizer que ao contar histórias para uma criança, ela se diverte e o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade. Essas histórias vão oferecer significados em vários níveis diferentes, além de enriquecer a existência da criança por meio da diversidade de contribuições que estes contos darão a sua vida.

Quando contamos histórias, estamos incentivando que as crianças assemelhem dados importantes para o dia a dia em seu cotidiano, os conhecimentos sobre si mesma, e também a busca por trabalhar conflitos internos por intermédio da representação simbólica que ela encontra dentro da narração.

As histórias também vão trazer para as crianças esse aspecto de significação, onde a criança vai escutar o que for narrado na história e sempre vai significar as informações de forma que pareça com a sua personalidade, trazendo a visão que ela tem sobre o tema explanado para o seu “eu”.

Segundo Abramovich (2004), o ato de ler histórias deve se tornar um hábito indiscutível, pois é uma ferramenta de divertimento e também de aprendizado. Ler histórias é aguçar o imaginário, é poder responder as perguntas cheias de curiosidades dos pequenos, é identificar nas histórias ideias para solucionar problemas encontrados em nosso cotidiano, é se aventurar em um mundo de fantasias, desafios, de conflitos, e juntos encontrar uma maneira para solucionar os impasses surgidos. Quando se conta histórias, cada criança, do seu modo, se identifica com um personagem, construindo assim, mesmo que internamente uma personalidade própria.

Quando falamos sobre contar histórias, estamos envolvendo vários fatores que a mesma ocasiona. Como o resgate da cultura, incluindo a forma como a história é contada. A identificação com as situações apresentadas, ou seja, quando a criança se identifica com algum personagem, e isso pode ajudar no desenvolvimento de como ela vai lidar com algumas situações e experiências vividas em seu cotidiano. Outro aspecto, é o incentivo a leitura, de modo que a criança começa a imaginar e se indagar como ocorre a leitura feita pela professora.

O momento de interação também é muito importante, porque é onde todos vão se relacionar, perguntar o que querem saber, aguçar suas curiosidades, é onde os sentimentos e emoções são expostos por meio das reações desses alunos, ou seja, é um momento onde cada um vai interpretar a história da sua própria perspectiva, para que no final todos possam compartilhar o entendimento sobre o que foi narrado.

Não podemos esquecer do aspecto sobre o entendimento das linguagens, onde são através das histórias que as crianças vão ter contato com inúmeros tipos de expressões, levando elas a entender que não se tem apenas um jeito de se contar e interpretar as histórias, e sim vários. E por último, mas também muito importante, é o fato de saber incluir todas as crianças ao contar uma história, entrando na perspectiva da diversidade e inclusão.

Busatto (2003), vai nos dizer que ela conta histórias para formar leitores, para fazer da diversidade cultural um fato, para valorizar as etnias, manter a História viva, para se sentir vivo, para encantar e também sensibilizar quem as ouve, para estimular o imaginário dessas crianças, tocar seus corações, além de tudo resgatar significados e reavivar o sagrado.

Nota-se que ao se contar histórias, estamos trabalhando de maneira lúdica com a criança, ajudando ela a desenvolver gradativamente o processo de ensino aprendizagem, envolvendo sua escrita, leitura, imaginação, criatividade e interação social com o meio em que está inserida. Além do desenvolvimento intelectual, ao contar histórias estamos despertando em nossas crianças, a criticidade como indivíduo, o gosto pela leitura, o prazer de se aventurar pelo imaginário, e se redescobrir diversas vezes, e em todas elas de uma forma prazerosa.

Abramovich (2004), vai nos dizer que é de suma importância para a formação e desenvolvimento da criança ouvir muitas histórias, porque ouvi-las é um caminho de aprendizagem para ser um ótimo leitor, e quando se é leitor, percorremos um caminho infinito de descobertas e compreensão do mundo.

Por isso, essa é uma ferramenta pedagógica que nos trás inúmeros resultados positivos e benéficos com relação ao aprendizado das crianças, sempre transparecendo o prazer pela leitura, pela compreensão do mundo ao seu redor, e principalmente a questão de saber interpretar a si mesmo e a realidade em que se está inserido. Contudo, para garantir um excelente resultado é fundamental que o/a docente realize um planejamento de sua aula específico para a contação de histórias. Sobre isso, veremos a seguir.

## **12. COMO DEVE SER O PLANEJAMENTO DOCENTE EM RELAÇÃO ÀS HISTÓRIAS CONTADAS**

Ao falarmos de contação de histórias, existem diversos fatores relevantes para se discutir. Dentre eles, está o modo como o docente deve proceder ao narrar um conto. Devemos pensar em todos os aspectos do planejamento que deve ser realizado pelo professor em relação às histórias contadas.

Primeiramente, para se ter sucesso e êxito ao contar uma história, o professor precisa estudá-la e lê-la por inteira, analisando sempre o contexto e a realidade em que as crianças estão inseridas, isso inclui analisar o vocabulário que essa história vai trazer, e se haver palavras de difícil entendimento, é necessário trocá-las por um sinônimo simples, e só depois contá-la aos

alunos. Esse processo deve ocorrer sempre, porque o docente deve ter firmeza e bastante clareza ao narrar o assunto tratado.

Por isso, Abramovich (2004) vai nos dizer que não se pode de forma alguma sair pegando o primeiro livro em que se vê na estante, e na leitura, outro aspecto que não pode ocorrer é demonstrar que não está se familiarizando com uma frase ou palavra, parar a história porque não sabe dizer o nome de um determinado lugar, dar pausas nas frases erradas ou até mesmo terminar a leitura em uma ideia onde se tinha continuação.

Contudo, é de extrema importância fazer uma leitura antecipada da história, para que não ocorra deslizes grotescos que gerem uma sensação de frustração perante os alunos.

Abramovich (2004) frisa alguns tópicos relevantes para a leitura, onde é necessário saber dar as pausas, criar os intervalos e esperar o tempo preciso para que as crianças utilizem seu imaginário de várias formas, a ponto de criar cenários, adentrar pela casa, vestir uma princesa, imaginar o tamanho de um bandido, dentre outras coisas.

As expressões e gestos são fundamentais na hora da história, pois isso vai potencializar e envolver ainda mais a atenção da criança. Outro aspecto importante na hora da contação de histórias, é o ambiente. O professor deve sempre pensar em um lugar confortável e harmônico, para que todos se sintam a vontade, dando ênfase no enredo contado.

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações: receber plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2009, p. 11).

De acordo com o autor acima, as histórias devem ser sempre significativas para as crianças. A curiosidade é um fator necessário para que ela se desenvolva, e por isso é o que a história deve despertar nela. Aí entra outro desafio do professor, tornar as histórias prazerosas e eficazes, e isso só será possível quando o mesmo possui métodos adequados, para que através dessas histórias, as crianças possam se identificar com algum aspecto ou personagem de sua identidade e usar isso como uma ferramenta para guiá-las e superar as dificuldades encontradas em seu próprio cotidiano.

Outro fator importante, é o contato das crianças com o material escolhido para a contação de histórias. Quando se escolhe um livro, este deve ser mostrado a turma sempre que possível, para que elas visualizem da melhor forma as ilustrações de cores, imagens, formas, além das letras e a caracterização desse livro. Ao final da história, é interessante que a criança

tenha contato com o livro, para a finalidade de apreciação do deslizar das páginas. Isto nos remete à coisas pequenas, mas para elas tem significados extraordinários.

Devemos mostrar o livro para classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta lentamente a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente, ler a história. O narrador a conhece, já a estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade da narrativa. (COELHO, 1999, p. 33).

Quando falamos desse contato, não é somente com os livros, as histórias podem ser variadas e os métodos também, onde o professor pode escolher outro recurso para realizar a contação. Podendo utilizar de vários materiais pedagógicos úteis, como por exemplo, os fantoches, tapetes, e até mesmo cartolinas com expressões e desenhos referentes a história. E mesmo neste contexto, é necessário que haja esse contato da criança com o material escolhido pelo docente.

Portanto, como vimos, o docente em relação a esse método de aprendizagem, deve ser sempre um pesquisador, além de mediador ao contar as histórias. Deve buscar entendimento e variação dos métodos e formas adequadas, partindo de situações problemas e desafios do dia a dia, resolvidos pelo diálogo e levantamento de hipóteses, levando em consideração que toda criança é única e diferente uma das outras. Desta forma, para que o docente planeje suas aulas com o intuito de realizar a contação de histórias, é de suma importância que o mesmo saiba e domine os tipos de histórias e as idades adequadas para cada criança. É o que iremos discutir a seguir!

### **13. OS TIPOS DE HISTÓRIAS E AS FAIXAS ETÁRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Se tratando da Educação Infantil, temos um vasto campo de histórias para serem contadas. Podendo dividi-las em histórias, contos de fadas, e fábulas.

As histórias geralmente são narrativas contadas para crianças bem pequenas, e por ser destinada a esse público alvo, ela deve ser bem curtinha e de fácil entendimento, ou seja, com um vocabulário simples. Seu contexto deve ser familiarizado com o da criança, contendo bichos, pessoas, objetos utilizados em casa e seres inanimados. Essas histórias são bastante utilizadas como um recurso de aprendizagem, pois ajuda com que os indivíduos se socializem e interajam por meio do reconhecimento trazidos no livro.

O conto de fadas, ele basicamente é uma história, que existe desde os tempos remotos e que faz muito sucesso até os dias de hoje. Sua principal característica é a magia. Constituído

basicamente por personagens fictícios como bruxas, princesas, fadas, monstros, dentre outros. Geralmente se passa em castelos, bosques, palácios e florestas. A estrutura dessas histórias começam com uma fase inicial, seguida por uma situação de conflito, desenvolvimento e por último o desfecho final, sempre com um final feliz.

Bettelheim (2000) vai dizer que se a criança escutar um conto de fadas várias e várias vezes, ela é capaz de aproveitar integralmente o que a história tem a lhe oferecer, levando-a a compreender a si mesma e ao mundo seu redor.

Existem vários contos e alguns deles são bem conhecidos, temos como exemplos a Cinderela, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, João e o Pé de Feijão, Pinóquio, Gato de Botas, dentre outros.

Ao contrário do que muitos pensam, esses contos infantis não são apenas meros passatempo, como uma forma de entreter a criança, mas sim uma ferramenta mediadora, pois vai fazer com que a ela se identifique com algo ou algum personagem, absorvendo conhecimentos para sua própria identidade, lhe ajudando a lidar com situações problemas que surgir em seu dia a dia.

Agora falando sobre as fábulas, pode-se dizer que é um tipo de texto que tem por finalidade ensinar uma lição de moral. Geralmente seus personagens são animais e os mesmos são caracterizado por adjetivos, seja eles bons ou ruins.

A fábula é extremamente importante para o desenvolvimento cognitivo e social da criança, porque vão trabalhar por meio de seu enredo, questões essenciais como os valores humanos, as virtudes que devemos sempre buscar, visando mostrar claramente o que é certo e errado, por meio de atitudes tomadas pelos personagens. Uma característica desse tipo de narrativa, é que sempre em seu final vai ser trabalhado uma lição ou aprendizado. Alguns exemplos de fábulas muito conhecidas são: A raposa e a cegonha, a cigarra e a formiga, o leão e o camundongo, a lebre e a tartaruga, dentre vários outros.

Ao escolhermos uma história para contar, devemos pensar na faixa etária da criança, isso porque as histórias só vão fazer sentido e despertar o potencial em seu conhecimento se ela estiver de acordo com a fase cognitiva do indivíduo ouvinte.

Se tratando da Educação Infantil, teremos as seguintes faixas etárias seguindo com as respectivas histórias a serem contadas;

Como estamos falando sobre a educação infantil, a faixa etária é de 0 até 6 anos. Conhecida como a fase pré-escolares.



#### **14. Temos a fase de 0 até os 3 anos de idade. (Fase pré-mágica);**

Nessa fase devem-se contar histórias com temáticas leves, que despertem o lúdico na criança, optar por contações curtas, de falas simplórias e de fácil entendimento.

As histórias devem ter enredo simples, vivo e atraente contendo situações que se aproximem o mais possível da vida da criança, de sua vivência afetiva e doméstica, de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados. Assim, ela pode integrar -se com os personagens, consegue "viver" os enredos e sentir-se no "lugar" em que os episódios narrados ocorrem. (COELHO, 1999, p. 16).

Os livros devem trazer características que aflorem ainda mais os sentidos do bebê, ou seja, livros coloridos, com texturas diversas, livros brinquedos, de pano, de plástico e aspectos que envolvam e familiarize essa criança com o meio em que está inserida.

#### **15. Fase de 3 a 6 anos. (Fase mágica);**

É a fase onde se deve contar histórias que envolvem a magia e mundo encantado, onde o imaginário deve ser extremamente explorado e instigado, entrando na perspectiva dos contos de fadas e das fábulas infantis. Pode-se optar em contar também histórias com poemas simples, cantigas de rodas, e parlendas.

Segundo (COELHO, 1999, p. 18) o contador deve escolher seus temas entre o material que encontrar na escola onde ensina, na biblioteca de sua cidade, em livros ou revistas de que dispõe e, é claro, nas histórias que ouviu contar e que guardou na memória.

E nessa fase que a interação social e o desenvolvimento cognitivo da criança se intensificam e se potencializa por meio das histórias. É onde ela se inclui no enredo, aprendendo valores e virtudes, além de conceitos básicos sobre o errado e o correto de acordo com os contextos inseridos nas histórias.

Visto que para cada idade deve ser contado um determinado tipo de histórias, é importante que o docente esteja ciente e preparado para lidar com essa transição de fases. Lembrando que cada faixa etária tem suas especificidades e características, que devem ser sempre levadas em conta na hora de contar uma determinada história.

## 16. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi de tamanha relevância para meu conhecimento sobre o tema abordado, pois através dele foi possível perceber o quão necessária e valiosa é esta ferramenta na aprendizagem do sujeito ouvinte e leitor, deixando explícito que a contação de histórias deve estar sempre presente no âmbito escolar e familiar. Foi compreendido o contexto histórico da contação de histórias, pois é importante reconhecer que a mesma possui uma história de quando surgiu, sua origem, onde começou a ser utilizada, suas principais características e o modo como evoluiu.

Dando seguimento, alcancei o objetivo de evidenciar os benefícios e a importância da contação de histórias para com a Educação Infantil, destacando fatores essenciais como o cognitivo, social, psicológico e físico das crianças. Outro aspecto explicitado com êxito foi a forma como essas histórias devem ser contadas, envolvendo todo o preparo docente em seu planejamento didático, mostrando o quão necessário e fundamental é a preparação da aula. Foi possível por meio deste trabalho conhecer as histórias inseridas no universo infantil e as faixas etárias das crianças, onde se mostra a fase ideal para se contar determinada história.

Portanto, finalmente conclui-se que o presente artigo visou trabalhar informações necessárias sobre este método de ensino aprendizagem, onde foi alcançado todos os objetivos propostos, desenvolvendo essa experiência acadêmica e científica que contribuiu satisfatoriamente para o meu aprendizado sobre o tema abordado.

## 17. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosura e bobices. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2004.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos Contos Fadas. São Paulo; Ed. Paz e Terra S/A, 2000. BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos Contos Fadas. São Paulo; Ed. Paz e Terra S/A, 2009.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa. 4 ed. Rio de

Janeiro: Vozes, 2003.

COELHO, Betty. Contar histórias uma Arte sem idade. São Paulo: Ed. Ática, 1999.

COELHO, Betty. Contar histórias uma Arte sem idade. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

GAZOLA, André. Contação de histórias – O guia definitivo.

Disponível em:

<[www.lendo.org/guia-definitivo-contacao-historias](http://www.lendo.org/guia-definitivo-contacao-historias)>. Acesso em: 29 de setembro de 2020.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues; ROSA, Lúcia Regina Lucas. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. CIPPUS - Revista de Iniciação Científica do Unilasalle, v. 1, n. 1, maio, 2012.

MARTINS, Cosma. A contação de histórias como ferramenta de aprendizagem na educação infantil. Cosminha.jusbrasil.com.br, 2018. Disponível em:

<<https://cosminha.jusbrasil.com.br/artigos/662369409/a-contacao-de-historias-como-ferramenta-de-aprendizagem-na-educacao-infantil>>. Acesso em: 22 de setembro de 2020.

MATEUS, Ana. OLIVEIRA, Michelle. PEREIRA, Elaine. ROCHA, Letícia. SILVA, Andréia. SOUZA, Josiane e SOUZA, Simone. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. Disponível em: <[file:///C:/Users/Valdecir/Downloads/8477-Texto%20do%20artigo-30743-3-10-20150514%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Valdecir/Downloads/8477-Texto%20do%20artigo-30743-3-10-20150514%20(2).pdf)>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

POLIEDRO. A arte da contação de histórias. educação.estadao.com.br, 2016. Disponível em:

<<https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-poliedro/a-arte-da-contacao-de-historias/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

Qual a melhor história para cada faixa etária? 10 dicas práticas de contação. Rhemaeducação.com.br, 26 de novembro de 2018. Disponível em:

<[blog.rhemaeducação.com.br/dicas-praticas-de-contacao/](http://blog.rhemaeducação.com.br/dicas-praticas-de-contacao/)>. Acesso em: 29 de setembro de 2020.

SILVA, Tatiane. Fábula. Cola da Web. Disponível

em:

<<https://www.coladaweb.com/literatura/fabula>>. Acesso em: 28 setembro de 2020.

VIDAL, Viviane. Contos de fadas: características, estruturas e elementos. Cola da web.

Disponível em: <<https://www.coladaweb.com/literatura/contos-e-mini-contos>>.

Acesso em: 29 de setembro de 2020.

## EDUCAÇÃO DO CAMPO

**Aline dos anjos Souza<sup>1</sup>**

**Valéria Sabrina da Silva Aguilard<sup>2</sup>**

**Orientadora Prof. Ma: Rosely Santos Almeida<sup>3</sup>**

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo investigar a percepção dos professores do campo e os desafios na formação continuada. Tendo como problema que norteia, quais são as ações que a escola desenvolve para uma formação continuada para professores do campo. Neste sentido a pesquisa é bibliográfica através de análise, revistas e artigos. Onde o autor GIL, (2009): retrata a pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir de material já elaborado, constituídos principalmente de livros e artigos científicos. O artigo é dividido em dois tópicos onde o primeiro é Educação do campo e as práticas educativas que ressalta uma educação voltada para as pessoas do campo, já o segundo tópico é o Professor do campo visando mostrar as dificuldades enfrentadas por muitos docentes naquele espaço. O estudo é voltado para a realidade da educação do campo e os desafios enfrentados pelos professores da cidade de Jaciara/MT. Quando Saggiomo, Azevedo, Machado (2012) apontam a percepção dos professores sobre os desafios e espaços da formação, e a necessidade das escolas assumirem a superação deste dilema.

**Palavra chave:** Formação de Professores. Cultura Escolar. Professores do/no Campo.

<sup>1</sup>Graduanda Aline dos Anjos Souza do 8º semestre do curso de pedagogia da Faculdade de Ciências Sociais Aplicada no Vale do São Lourenço – EDUVALE/ Jaciara-MT

<sup>2</sup>Graduanda Valéria Sabrina da Silva Aguilard do 8º semestre do curso de pedagogia da Faculdade de Ciências Sociais Aplicada no Vale do São Lourenço – EDUVALE/ Jaciara-MT

### Abstract

This article aims to investigate the perception of teachers in the field and the challenges in continuing education. Having as a guiding problem, what are the actions that the school develops for continuing education for teachers in the field. In this sense, the research is bibliographic through analysis, magazines and articles. Where the author GIL, (2009): portrays the bibliographic research developed from material already prepared, consisting mainly of books and scientific articles. The article is divided into two topics where the first is Education in the field and the educational practices that emphasizes an education aimed at people in the field, while the second topic is the Teacher of the field in order to show the difficulties faced by many teachers in that space. The study is focused on the reality of rural education and the challenges faced by teachers in the city of Jaciara / MT. When Saggiomo, Azevedo, Machado (2012) point out the perception of teachers about the challenges and spaces of training, and the need for schools to assume the overcoming of this dilemma.

Key word: Teacher training. School culture. Teachers from / in the field

### Introdução

O presente artigo e pesquisa têm como objetivo geral investigar a percepção dos professores e os desafios na formação continuada. Tendo como objetivos específicos: Analisar como os movimentos sociais compõem o discurso formativo dos professores do campo;Pesquisar as principais formações ofertadas para os professores do campo na legislação vigente; Identificar os desafios enfrentados pelos professores.

O problema levantado é:As políticas de formação de professores do campo atendem as necessidades das crianças? Os professores enfrentam uma realidade bem diferente nas escolas do campo, onde vai exigir desse profissional um maior desempenho em relação á cultura voltadas daquele povo.

A busca por este tema surgiu durante uma aula de seminário integrador onde nos despertou um interesse em saber mais sobre esse assunto, onde a formação dos professores do campo não encontra destaque nos processos formativos.

Primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica, para um melhor embasamento teórico, onde utilizamos os seguintes teóricos: Rosa, Caetano (2008), Moreira, Braga (2012), Saggiomo, Azevedo, Machado (2012), que ponderam sobre a educação do campo, entre outros para fundamentar esse projeto, de acordo com seus estudos e suas pesquisas, teremos uma melhor teoria, para responder nosso objetivo.

Para isso foi utilizado abordagem qualitativa dos autores acima citados, onde foram explorados vários artigos que nos ajudaram a tornar nossa pesquisa bibliográfica ainda mais coerente com as políticas públicas para a educação, sobretudo do homem do campo.

### **Educação do campo e as práticas educativas.**

A educação do campo é uma educação voltada para as pessoas do campo, tendo o objetivo educar crianças, jovens e adultos que vivem na zona rural, foi criada para as pessoas que vivam no campo tenham o mesmo direito em relação há educação que as pessoas que moram na zona urbana.

Segundo o autor Correia (2017), a educação do campo tem esse nome não pelo lugar que ela esta localizada, mais pela cultura que a população camponesa possui que a diferencia da cultura das pessoas que vivem no meio urbano. Onde esse tipo de educação irá focar mais em assuntos da cultura deles e é onde vai ter um aprendizado melhor e mais eficiente.

Ate a década de 1950, não havia um investimento na educação do campo, não tinham um reconhecimento, não eram valorizados. Através disso Rosa e Caetano (2008), vem afirmando que não havia uma preocupação com o homem do campo e seu desenvolvimento, e sim, a escola rural era identificada e evidenciada pela sua localidade geográfica e não pelas pessoas que lá viviam.

Sabemos que, antigamente havia vários aspectos negativos sobre a educação rural, aonde Azevedo (2010) vem afirmando, dizendo “a precariedade de infra-estrutura física das escolas, as limitações materiais e pedagógicas, a falta de condições apropriadas para a realização do trabalho docente nessas turmas e a falta de um projeto político-pedagógico

que orientasse práticas condizentes à identidade e particularidades dos que vivem, trabalham e estudam no meio rural”.

Com o passar do tempo a população urbana foi adquirindo seus direitos em relação a educação, através de muita luta e perseverança a população conseguiu que as aulas fossem voltadas para a cultura deles, trazendo assim mais significados para suas vidas.

A educação deve ser baseada a praticas educacionais voltada ao povo do campo, ou seja, praticas mais significativas, que retratem suas culturas e tradições. Segundo a LDB 9394/96:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, Art. 28).

Apesar da educação no campo estar sendo melhorada com o passar dos anos, algumas pesquisas identifica que a infra- estrutura das escolas públicas do campo ainda é precária, revela também que muitos professores não têm formação superior para atuar no magistério e poucos têm acesso a bibliotecas ou materiais didáticos para desenvolver um trabalho pedagógico.

A autora Bonmann (2015), vem confirmando dizendo que a escola do compõem problemas, como: falta de infra-estrutura necessária e de docentes qualificados, falta de apoio a iniciativas de renovação pedagógicas, currículo e calendário escolar alheio à realidade do campo, em muitos lugares a escola do campo é atendida por professores com visão de mundo urbano entre outras coisas.

Segundo Lima e Noma (2008), a Educação do Campo constitui-se como processo de luta social, de reflexão coletiva e de práticas educativas forjadas nas lutas dos Movimentos Sociais do Campo, que concebem a educação como parte de um projeto político e social mais amplo.



Constata-se que a Educação do Campo esta organizada em Movimentos Sociais que lutam:

Por uma política educacional para as comunidades camponesas. “Precisando tomar posição no confronto de projetos de campo: contra a lógica do campo como lugar de negócio, na afirmação da lógica da produção para a sustentação da vida em suas diferentes dimensões, necessidades, formas” (CALDART, 2008, p. 72).

Portanto é preciso uma educação diferenciada para o campo, que tenha mais significado para a vida deles, que apresente mais conteúdos, metodologias que favoreçam a eles, valorizando sua cultura, assim conhecendo a sua realidade.

### **Professor do/no campo**

O professor do campo é amigo, companheiro, psicólogo é estar disposto a enfrentar todos os desafios que corresponde aquele lugar, sendo que muito dos profissionais que vão para esse espaço do campo são a maioria recém formados, sendo essa sua primeira experiência profissional.

Os autores Moreira e Braga (2012) citam que:

Os professores que vão trabalhar em escolas localizadas no meio rural por livre e espontânea vontade, alguns são obrigados por serem trabalhadores com contratos temporários adquiridos como indicação política, ou por falta de vagas em escolas na cidade ou próxima dela, e desse modo, o processo de adaptação se torna muito difícil. [...] (Moreira, Braga, 2012, p.6)

Os professores (a) que vão trabalhar nas escolas do campo são maioria recém formada que não tiveram oportunidade nas escolas da cidade por falta de vaga e indicação, muitos docentes atuam nesse ambiente por ser o único local propicio para realizar seu trabalho, saindo do meu comodismo da cidade e encarando uma realidade totalmente diferente, tornando essa adaptação ainda mais complicada. Por esse motivo

a educação do campo não era tão boa o suficiente, pois os professores iam dar suas aulas, embasados na cultura da cidade e não na rural.

De acordo com os autores Moreira, Braga (2012), citam que:

Nesse processo a atuação da escola, por meio do processo de ensino pode desempenhar um papel fundamental, mas para isso é necessário contar com educadores qualificados. É preciso deixar claro que o uso do termo qualificado aqui não está relacionado apenas à idéia de um título de ensino superior, este faz referência também à capacidade de o educador desenvolver um trabalho socialmente relevante que proporcione uma articulação entre os saberes acadêmicos e os saberes locais. (MOREIRA, BRAGA P.10)

O processo de atuação do professor nas escolas do campo é estar sempre defendendo a realidade e a tradição daquele lugar, valorizando sua cultura e sendo responsável por um ensino e aprendizagem de qualidade, desenvolvendo um trabalho social que traz a família para a escola, trabalhando com a idéia de socialização e adquirindo conhecimento junto com as pessoas daquele local.

Segundo a LDB no seu art. 28:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996)

Segundo a Lei De diretrizes e Base o professor será assegurado a se adaptar as necessidades educacionais daquele local que está inserido, trazendo em seu currículo e plano de aula conteúdos que seja referente á aprendizagem dos alunos, na busca de aprimoramento aos docentes se faz necessário uns trabalhos e projetos contínuos por meio da escola trazendo com uma formação continuada que possibilita o professor estar sempre buscando meios de aprendizagem referente aquele espaço.

Os autores Saggiomo, Azevedo, Machado (2012) citam que:

Neste movimento de articulação, a formação continuada consolida-se como espaço de desvelamento da realidade educativa, de fortalecimento da resistência educativa a precarização, ao individualismo e ao sectarismo das práticas bancárias de ensino, buscando coletivamente a superação das contradições na realidade da escola do campo, a partir do encontro dos sujeitos do/no campo envolvendo-os num exercício problematizado e criativo, de forma que, se viabilize a elaboração de novas possibilidades que se expressam em novos referenciais teórico/práticos. (SAGGIOMO, AZEVEDO, MACHADO) 2012 p.14

Neste movimento a formação continuada se faz necessária para um bom rendimento e amadurecimento dos professores, buscando uma aprendizagem que compreende a realidade das escolas rurais, superando suas dificuldades que são enfrentadas no seu cotidiano, esse movimento se faz necessário, pois estabelece aos professores buscar por novos métodos e conteúdos de ensino voltado para a cultura local, neste sentido através da formação continuada os professores serão mais qualificados para atender as necessidades da população campo. Dessa forma a educação se faz eficiente realizada para os alunos, valorizando a historia e cultura local.

As alternativas voltadas para a educação no campo é centralizada nos conteúdos que retrata a cultura daquele local, os métodos utilizados fazem referencia a valorização da modalidade de ensino das escolas do campo. Valorizando a historia daquele lugar.

Dessa forma Martins cita que:

Muitos podem afirmar que a questão do campo pode ser trabalhada em disciplinas como história, geografia, biologia ou ciências. Pode sim, mas a escola do campo tem direito de contar no rol curricular com disciplinas específicas, como introdução à agricultura, a própria educação ambiental, tópicos especiais etc.(MARTINS 2008. P.103)

Esse processo se faz necessário, pois além dos conteúdos e disciplinas trabalhadas sendo elas: português, historia, geografia e ciências que é de fato importante o uso das disciplinas especificas que retrata a cultura local trazendo como beneficio a aprendizagem e o ensinodos alunos e toda população que ali se encontram, resgatando para dentro da escola as vivencias e a valorização da agricultura e tópicos especiais trabalhados em cima da vivencia do campo.

## Os entraves da formação de professores

Os profissionais em educação sofrem muitas dificuldades com o piso salarial, acredita-se que muitos professores trabalham muito e ficam sem tempo para se aprimorar e praticar uma extensão continuada, a desvalorização do trabalho pedagógico é notória. Os professores ficam na maior parte na sala de aula e muitas vezes ficama mercê dessa situação.

O horário e o tempo é um grande fator para que os professores fiquem mais tempo nas escolas, e ficando sem tempo para a realização de crescimento profissional, muitas vezes o governo oferece cursos, mas para participar é um desafio, pois muitos docentes trabalham em mais de uma escola e ficando se assim sem tempo para estudar e participar das opções de cursos oferecidas pelo governo.

A educação do campo no Brasil, antigamente era um grande desafio, como todos sabem, pois a educação oferecida para as pessoas que habitavam nesse lugar era precária e não era voltada para eles, entre vários problemas o qual mais se destacava é os problemas socioeconômicos.

Caldart (2002) vem complementando dizendo:

[...] a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. (CALDART, 2002, p.26).

Entretanto pode-se dizer que para escolher o conteúdo que será passado para as pessoas do campo ou para qualquer outra pessoa, deve-se primeiramente procurar metodologias que se baseiam na realidade deles, onde através desse método vai estar valorizando sua cultura e sua história, fazendo assim ter uma educação de qualidade para todos os envolvidos.

Segundo Caldart (2003):

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito. Também pelos desafios da sua relação com o conjunto da sociedade. Se é assim, ajudar a construir escolas do campo é, fundamentalmente, ajudar a construir os povos do campo como sujeitos, organizados e em movimento. Porque não há escolas do campo sem a formação dos sujeitos sociais do campo, que assumem e lutam por esta identidade e por um projeto de futuro. (CALDART, 2003, p.64).

Durante toda a luta para a conquista de uma educação igual para todos, surgiram conflitos, onde muitos diziam que as crianças e jovens não precisavam saber escrever, somente saber como usar uma enxada, através desses pensamentos percebe-se que, para o pessoal do campo a educação dos seus filhos, sobrinhos, enfim das crianças em geral não era de grande importância, ou seja, não iria acrescentar na vida deles.

Nascimento (2002) vem afirmando que:

Existe uma concepção simplista de educação ao se tratar dos camponeses/as, como por exemplo: para a escolinha rural, da roça, qualquer coisa serve ou para mexer com a enxada não precisa de muitas letras. Predomina uma imagem, histórica e ideológica, que a escolinha rural serve apenas para se aprender as primeiras letras. (NASCIMENTO, 2002, p.08)

Portanto percebe-se que antigamente a dificuldade de uma criança ou jovem do campo tinha em relação a educação era imensa, foi preciso muita luta para eles conseguirem pelo menos um pouco dos seus direitos, vale lembrar que a educação do campo ainda é pouco valorizada infelizmente, mais através de pesquisas vemos que cada dia que se passa está aperfeiçoando.

## **18. CAMINHOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa bibliográfica que metodologicamente compõe essa pesquisa é o primeiro passo na construção eficaz de um conjunto de investigação e que representa uma técnica que traz diferentes finalidades entre as quais, é claro ajudar o pesquisador a ampliar suas pesquisas. Sendo esta modalidade de pesquisa importante para fundamentar teorias importantes ao entendimento e compreensão do objeto de pesquisa. Para Marconi e Lakatos (1999), existem tipos diversos de fontes bibliográficas, tais como livros, publicações periódicas, jornais, revistas, entre outros, que podem ser empregadas nas pesquisas de acordo com a temática e a autenticidade das fontes.

Pesquisa bibliográfica; trata do método científico e envolve diferentes estruturas da ciência, possui uma análise organizada e envolve processos experimentais ou racionais. Tem a função de guiar uma pesquisa com base na ciência, promovendo assim uma investigação mais completa, seja para descobrir um resultado ou para obter um fim que se é almejada. (MARCONI, LAKATOS, 1999, p.16-17)

Portanto este artigo tem por objetivo analisar artigos, livros com o intuito de colher informações que possa ajudar na construção deste respectivo artigo, sobre esse o tema que foi nos dado.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui se que a educação do campo é aquela que deve ser voltada para a realidade das pessoas que se encontram naquele lugar, sendo uma educação voltada para a cultura e a diversidade da população, contendo nas praticas pedagógicas, conteúdos e métodos que se façam necessário para a aprendizagem e promovendo ações e projetos.

Contudo os professores devem assimilar a realidade que eles se encontram e ministrar aulas com conteúdos que contempla a educação do campo, tais como os trabalhadores, a agricultura familiar, os recursos naturais encontrados e produzidos no campo, a plantação, a valorização dos trabalhadores rurais, a inclusão das famílias nos projetos e ações que a escola oferta para se preparar para o mercado de trabalho em diferentes áreas de atuação.

No entanto os professores do campo ainda enfrentam muitos desafios, que se tornam barreiras para a progressão da sua carreira profissional, a falta de tempo e oportunidades afeta diretamente na sua qualificação. Os professores que vão para a escola do campo observam uma realidade diferente do que estão acostumados, como a cultura, hábitos e rotina.

## Referências

AZEVEDO, Márcio Adriano. *Avaliação do Programa Escola Ativa como política pública para escolas do campo com turmas multisseriadas: a experiência em Jardim do Seridó/RN (1998-2009)*. 2010. 215 f. Tese (Doutoramento em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Acessado em 31\10\2020

[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14300/1/MarcioAA\\_TESE.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14300/1/MarcioAA_TESE.pdf).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9394/1996**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acessado em 02\10\2020  
acessado em: 03/10/2020

**BRASIL nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, 1996**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acessado em 01\10\2020

BÖNEMANN, Patrícia Angélica; **REALIDADES DAS ESCOLAS DO CAMPO: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE ESPAÇOS FÍSICOS, DESCASOS, CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E PROPOSTA PEDAGÓGICA**.

<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/3624/Patricia%20Bonmann%20TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 02\10\2020

CALDART, Roseli Nunes; Kolling, Edgar Jorge. **O MST e a educação. In: STÉDILE, João Pedro (Org.). A reforma agrária e a luta do MST**. Acessado em 05\10\2020

CALDRT, R. S. **Sobre educação do campo: Educação do Campo. Povos. Territórios. Movimentos sociais. Saberes da Terra. Sustentabilidade**. Espírito Santo: UFES, 2009. Acessado em 10\11\2020

CALDART, Roseli S. **A escola do campo em movimento**. V.3, n.1, PP. 60-81, jan/jun 2003. Disponível em: <https://www.curriculossemfronteira.org>. Acesso em: 10\11\2020

CORREIA, Hanslilian Correia Cruz Rodrigues; CORREIA, Hanslivian Correia Cruz Bonfim; **A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SEUS ASPECTOS LEGAIS**. Disponível em:

[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25287\\_12546.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25287_12546.pdf). Acessado em 02\10\2020

FENG LEE YUN, ARARAQUARA - SP 2008, **Projeto Educação do Campo: estratégias e alternativas no campo pedagógico**. Disponível em: <https://uniara.com.br/arquivos/file/ppg/desenvolvimento-territorial-meio-ambiente/producao-intelectual/dissertacoes/2008/lee-yun-feng.pdf>

Acessado em 02/10/2020

Fernando José Martins, **Organização do trabalho pedagógico e Educação do Campo**. Santa Maria, v. 33, n. 1, p. 93-106, jan./abr. 2008 Disponível em: <file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/21-153103-1-PB.pdf>

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf> Acessado em: 04/10/2020

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007. Acessado em 17\11\2020

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003. <file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/LAKATOS%20-%20MARCONI%20-%20FUNDAMENTOS%20DE%20METODOLOGIA%20CIENTIFICA.pdf>. Acessado em 04\10\2020

LIMA, Aparecida do Carmo; NOMA, Amélia Kimiko. **Política educacional no campo: espaço de ação do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra no brasil**. Ahtt://www.educacao.uffrj.br/artigos/n8/numero8-3-politica-educacional-no-campo-espaco-deacao-do-movimento-dos-trabalhadores-rurais-sem-terra-no-brasil.pdf. Acessado em 05\10\2020.

MOREIRA Edna Souza, BRAGA Luiz Ricardo, **EDUCAÇÃO DO CAMPO, CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: RETRATOS DE UMA**



**REALIDADE**, 2012 artigo. Acessado em: 03/10/2020. Disponível em: [file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20no%20Campo%20\(2\).pdf](file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20no%20Campo%20(2).pdf). Acessado em 10\11\2020

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do Nascimento, **CAMINHOS E DESCAMINHOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICO NO CONTEXTO RURAL**, 2002, artigo. Acessado em 10\11\2020.

ROSA, Daniela Souza da; CAETANO, Maria Raquel. **Da educação rural à educação do campo: uma trajetória...seus desafios e suas perspectivas**. Disponível em: <http://www.portaltrilhas.org.br/download/biblioteca/da-educacao-rural-a-educacao-docampo.pdf>. Acessado em 01\10\2020

SAGGIOMO, Thais Gonçalves – UFPel Azevedo Michele Silveira – UFPel Machado Valdirene Soares – UFPel Agência Financiadora: CAPES 2012. **DESAFIOS NA REALIDADE EDUCATIVA DO CAMPO: UMA ABORDAGEM DE ENCONTROS E DESENCONTROS NAS ESCOLAS DO CAMPO..**

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2937/191> Acessado em 03/10/2020

SANCHES, Dayna Mara Sanches Santos; DIAS, Rayanne Dias Miranda; FERREIRA, Ronald Ferreira dos Santos; **EDUCAÇÃO DO CAMPO E POLÍTICAS PÚBLICAS**. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2006/Dayna%20Mara%20Sanches%20Santos.pdf>

Acessado em: 05\10\2020.

SOUZA, Maria Antonia; **Educação do campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica;** Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302008000400008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000400008)  
Acessado em 02\10\2020.

## A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Miriã Alecrim da Silva<sup>10</sup>

Rosely Santos de Almeida <sup>11</sup>

### RESUMO

Este artigo tem a intenção de identificar a formação continuada dos professores da Educação de Jovens e Adultos, investigar sua contribuição para os professores e analisar como esta formação continuada pode influenciar nas práticas educativas na sala da EJA para o desenvolvimento do aluno. O professor em nossa sociedade é chamado a ser crítico, reflexivo e pesquisador, tais atributos são solicitados ao professor que atua nesta modalidade. Ancorada nas discussões Freire (2011), Kenski (2015), Moran (2015), Rodrigues (2016), Santos (2011), Veiga (2013) entendemos que a EJA é uma educação destinada às pessoas que não tiveram oportunidades para estudar no tempo em que as políticas educacionais consideram “idade certa”, não conseguindo ser alfabetizado no tempo programado pelas mesmas, obtendo principalmente os conhecimentos considerados básicos. Essa modalidade de ensino constitui como um campo histórico de lutas e apresenta especificidades quanto ao seu desenvolvimento. As práticas pedagógicas em que adultos se envolvem em atividades sistemáticas sustentadas da educação, a fim de obter novas formas de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. O professor em sua formação, ou seja, na EJA usa várias metodologias, uma delas são as metodologias ativas para atender os alunos, e por isso é importante também o diálogo com outros professores, na troca de experiências. A formação continuada auxilia o professor em seu desenvolvimento, interligando teoria com prática. A metodologia foi apoiada em uma pesquisa bibliográfica, pesquisa qualitativa para a realização de questionários para dois professores da EJA, foi abordada o método indutivo, para poder chegar numa resposta plausível.

**Palavras-Chave:** Docência. Experiências. Educação.

---

<sup>10</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas no Vale do São Lourenço – EDUVALE/Jaciara-MT.

<sup>11</sup> Professora Mestre em Educação pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais ICHS/UFMT. Especialista em Coordenação Pedagógica pelo MEC/UFMT, e Planejamento Educacional, pela Universidade Salgado de Oliveira e licenciatura em Pedagogia.

## ABSTRACT

This article aims to identify the continuing education of teachers of Youth and Adult Education, investigate their contribution to teachers and analyze how this continuing education can influence educational practices in the EJA room for student development. The teacher in our society is called to be critical, reflective and researcher, such attributes are requested from the teacher who works in this modality. Anchored in the discussions Freire (2011), Kenski (2015), Moran (2015), Rodrigues (2016), Santos (2011), Veiga (2013) we understand that EJA is an education aimed at people who have not had opportunities to study in time in which educational policies consider “certain age”, failing to be literate in the time programmed by them, obtaining mainly the knowledge considered basic. This teaching modality constitutes a historical field of struggles and has specificities regarding its development. Pedagogical practices in which adults engage in sustained systematic activities of education, in order to obtain new forms of knowledge, skills, attitudes and values. The teacher in his training, that is, at EJA uses several methodologies, one of which is the active methodologies to assist students, and that is why it is also important to dialogue with other teachers, in the exchange of experiences. Continuing education helps the teacher in its development, linking theory with practice. The methodology was supported by a bibliographic research, a qualitative research for conducting questionnaires for two EJA teachers, the inductive method was approached, in order to arrive at a plausible answer.

**Keywords:** Teaching. Experiences. Education.

## 19. INTRODUÇÃO

O tema deste artigo tem como objetivo identificar a contribuição da formação de professores da Educação de Jovens e adultos, na esfera de sua atuação junto aos alunos, bem como na vivencia das metodologias ativas proposta para esta modalidade.

Tentamos estabelecer a pesquisa e a reflexão sobre as práticas educativas para estes professores, meio para adquirir novos conhecimentos, enfrentar desafios, transformar o já conhecido. É discurso recorrente de que a formação continuada dos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos possibilita ao professor

pesquisar, refletir a sua prática, estabelecendo diálogos no seu processo formativo que nortearam seu fazer junto ao aluno.

Alguns autores como Freire (2011), Kenski (2015), Moran (2015), Rodrigues (2016), Santos (2011), Veiga (2013), abordam sobre a formação do professor, a pesquisa, reflexão de suas práticas, como incentivo aos alunos da modalidade citada.

Foi utilizada a pesquisa bibliográfica qualitativa com procedimento metodológico que oferece ao pesquisador uma possibilidade na busca de soluções para seu problema de pesquisa, através da aplicação de questionário via recurso de WhatsApp, foi possível coletar dados de professores que atuam nesta modalidade.

## **20. Uma breve história da Formação Continuada e sua Contribuição para o Professor**

No Brasil a formação continuada encontra se amparada especialmente a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDBEN9394/96 sendo na orientação de uma política para o magistério, buscando a valorização do profissional da educação escolar. A LDBEN n. 9394/96 (BRASIL, 1996) destaca no Art. 62. § 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério. (Incluído<sup>12</sup> pela Lei nº 12.056, de 2009). A formação continuada sendo realizado no ambiente escolar, assegura para o professor o preparo e uma capacitação em sua formação profissional, abrange várias dimensões, sendo trabalhadas no coletivo junto com os demais, participações das reuniões pedagógicas, os momentos de estudos em grupo, refletirem como está sendo o procedimento pedagógico escolar, e também os conhecimentos e

---

<sup>12</sup> O art. 62 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece diretrizes e bases da educação nacional, passam a vigorar acrescido dos seguintes parágrafos: § 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério. § 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação à distância. § 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação à distância. ” (NR) (BRASIL, 2009)

princípios, sendo para este professor, um direito e uma oportunidade para este o mesmo em sua formação tendo elementos que possam ofertar credibilidade em sua carreira profissional.

No Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno no artigo 16 do capítulo VI intitulado “Da formação continuada dos profissionais do magistério” descreve que:

Formação continuada compreende dimensões coletivas, organizacionais e profissionais, bem como o repensar do processo pedagógico, dos saberes e valores, e envolve atividades de extensão, grupos de estudos, reuniões pedagógicas, cursos, programas e ações para além da formação mínima exigida ao exercício do magistério na educação básica, tendo como principal finalidade a reflexão sobre a prática educacional e a busca de aperfeiçoamento técnico, pedagógico, ético e político do profissional docente (BRASIL, 2015, p.13).

Os espaços de formação são lugares de encontro, de pessoas, de conhecimento, momentos de reflexões, discussões e debates sobre as questões que acometem o espaço escolar. É um espaço de construção e reflexão de novas possibilidades de atuação, seja elas teórico metodológico, seja de encontros e desencontros didático/metodológico, enfrentamentos e permanências culturais e de aprendizagem da docência.

A formação continuada dos professores para Veiga (2013) traz uma ação a ser desenvolvida pelo docente, como destaca:

A formação de professores constitui o ato de formar o docente, educar o futuro profissional [...] Envolve uma ação a ser desenvolvida com alguém que vai desempenhar a tarefa de educar, de ensinar, de aprender, de pesquisar e de avaliar (VEIGA, 2013, p.15) .

A formação que desempenha acima traz o ato de formar neste futuro profissional, um docente que possa desenvolver a sua docência e ser um sujeito pesquisador, que avalia seus métodos, práticas e o rendimento escolar de seus alunos. Este professor também em sua formação tem experiências de vida que constitui aprendizagens, conhecimentos, saberes que lhes serão uteis na efetivação da profissão. Conforme (VEIGA, 2012, p. 20)

“[...] o exercício da docência envolve saberes específicos, os saberes pedagógicos e os saberes construídos nos espaços da experiência”. Também com seu modo de ser, que constantemente vai havendo mudanças, atitudes, comportamentos diante a sua formação, e valores que carregam em sua formação docente e de alguma forma o representa.

Também Veiga (2008) destaca que como professor no decorrer de sua vida e quando era aluno, este professor vai construindo conhecimento em suas experiências, também aprendendo com os colegas a ser formadores diariamente. Essa experiência do professor de aprender, a ser considerada, porque representa as formas de ser em sua atuação profissional.

Para Veiga (2012) esta formação, não se realiza em um dado momento, mais que é ação não apenas constante mais significativo trazendo novas concepções para este professor, novas práticas, e uma construção nesta formação docente. Conforme Veiga (2012):

a formação docente é uma ação contínua e progressiva, que envolve diversas instâncias e que atribui valorização significativa para a prática pedagógica e para a experiência, consideradas componentes constitutivos da formação. (VEIGA, 2012, p. 19-20).

Esta ação contínua reflete no docente através de sua busca dos saberes, o modo que atua na sala de aula, na sua vida profissional, este professor embasa em alguns princípios sendo acrescentado em sua carreira profissional. Conforme Kenski (2015):

É preciso que os docentes universitários sejam formados e assumam novas práticas e estratégias de ensino que possam fazer diferença na formação de professores para os novos tempos. Essa formação inclui, sobretudo, a incorporação de novos valores, os mesmos desejados para a atuação dos professores em salas de aula da Educação Básica. (KENSKI, 2015, p. 428).

Para Kenski (2015) ao posicionar se com uma nova postura, concorrerá para a transformação do ambiente, possibilitando a partir de sua formação outros olhares para a

docência. A formação continuada envolve formas de pensar e conceber o espaço institucional sistematizada a partir da reflexão das necessidades imediatas que está imersa, modificando assim seus espaços, sua cultura e seus sujeitos.

Evocando sobre os encontros de professores a qualidade da educação, ajustando, reorganizando o cotidiano, reestruturando os currículos ao destacar as necessidades, debilidades e competência dos envolvidos, sejam eles professores, crianças/alunos, comunidade, equipe gestora e em uma perspectiva mais ampla as secretarias de educação, as políticas educacionais.

### **A Escola Noturna e a Educação de Jovens e Adultos**

O início do processo de educação no Brasil foi a partir de quando os padres jesuítas estavam vindos com os navios dos colonizadores portugueses, este sistema jesuítico de ensino foi fundado, com o objetivo comandar os nativos.

Tratava-se da aculturação sistemática dos nativos, educação que perdurou por volta de duzentos e dez anos, e que não relegou suas funções como dominadores espirituais, ancorou a sua linha curricular de forma muito competente, fazendo maciço investimento na erudição de seus alunos com o apoio a realeza. (GENTIL, 2005, p. 2).

Quando a coroa portuguesa observou que o comando dos jesuítas tinha aumentado ao decorrer do tempo, houve o fim deste sistema de ensino. No entanto, a realeza em si não se preocupou em permanecer para os adultos da colônia essa educação de qualidade. Em seguida em 1808, com a vinda da coroa ao Brasil, notou a falta de ter uma nova sociedade que apresentasse algumas habilidades de trabalho e que respondesse ao processo de urbanização e industrialização.

No desenvolvimento da sociedade, que começou a ser industrial e urbana, surgiu a necessidade de se ter certo domínio de conhecimento e que se apresentasse algumas habilidades de trabalho, de modo que a

escola passou a assumir a função de educar para a vida e para a aprendizagem do trabalho. (GENTIL, 2005, p. 3).

De acordo com Gentil (2005, p.03), “no ano de 1854 surgiu à primeira escola noturna e em 1876 já existiam 117 escolas por todo o país”. Em seguida o nome Educação para Jovens e Adultos se restabeleceu mais comum dentro do parlamento, especificamente no século XX, os debates sobre a EJA levou-se à inclusão na Constituição<sup>13</sup> de 1934 a gratuidade do ensino e frequência obrigatória dos alunos, inserindo também os adultos.

No II Congresso Nacional de Adultos (1960), aumentou-se uma preocupação sobre a educação de adultos, houve a participação de Paulo Freire (1960) que sugeriu uma educação de adultos que os possibilitassem interagir com o meio social e político.

Através da Constituição<sup>14</sup> de 1988, a Educação de Jovens e Adultos, em forma de supletivo, passou a ser um direito público, sendo-lhe ofertada obrigatoriamente.

A Lei de Diretrizes e Bases<sup>15</sup>, nº 9394/96, destaca a inclusão da Educação de Jovens e Adultos à Educação Básica. Garantindo a educação daqueles que não tiveram oportunidade dar continuidades em seus estudos, inclusive estabeleceu para os exames supletivos a conclusão para os maiores de 15 anos de idade, e para a conclusão do Ensino Médio, maiores de dezoito anos.

Os alunos da EJA, em sua maioria entendem à escola, com a intenção de almejar um emprego melhor, e ao se deparar com as aulas, acabam sendo aulas muito desgastantes, e por sinal não tendo incentivo nenhum ao frequentá-las, e um dos motivos são algumas metodologias fora da realidade deste aluno, aonde Santos (2011), descreve

---

<sup>13</sup> Constituição de 1934, ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensivo aos adultos; (BRASIL, 1934)

<sup>14</sup> Constituição de 1988 I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (BRASIL, 1988)

<sup>15</sup> Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. § 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos. (BRASIL, 1996)



sobre a realidade dos alunos da EJA, seu histórico e também em seu cotidiano, também cita que:

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não aprender. A não aprendizagem, em muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social); outros a deixaram em razão do trabalho infantil precoce, na luta pela sobrevivência (também vítimas do poder econômico). (SANTOS, 2011, p. 74)

Diante deste cenário, tende a formar um professor que possa ter conhecimentos específicos diante de uma diversidade de alunos que se encontra no EJA. De acordo com Arbache (2001):

Visualizar a educação de jovens e adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a elas recorrem torna-se, pois um caminho renovado e transformador nessa área educacional. (ARBACHE, 2001, p. 22)

O professor que atua na Educação de Jovens e Adultos tende a favorecer uma aprendizagem que seja mais significativa a esses alunos, estando preparado para conhecer os mesmos e atender as suas particularidades.

Sendo assim, é necessário conhecer este aluno, identificá-lo como um sujeito no contexto social, reconhecendo seus saberes, culturas, almejos, proporcionando a este aluno uma aprendizagem que integra em sua vida e seja mais abrangente.

A formação deste professor que atua na EJA, tem por objetivo trazer a a reflexão de suas práticas, sendo que estas práticas são aspectos que precisa ser interligado com a realidade do aluno, este professor também é investigador aquele que pesquisa, e aprende ao mesmo tempo. Conforme Imbernón (2011):

Processo de formação deve dotar os professores de conhecimentos, habilidades e atitudes para desenvolver profissionais reflexivos ou investigadores. Nesta linha, o eixo fundamental do currículo de formação do professor é o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a própria prática docente, com o objetivo de aprender a interpretar, compreender e refletir sobre a realidade social e a docência. (IMBERNÓN, 2011, p.39).

No entanto, este professor ser reflexivo e investigador, em sua formação, não apenas realiza algo sozinho, mais dentro do ambiente escolar havendo o momento de os professores de forma coletiva possam aprender uns com outros, com suas experiências, reflexões, e as modificações que ocorrem. Conforme Vogt (2015):

Na verdade, todo este processo de formação continuada também se constitui como um investigar a si próprio, um investigar a escola e sua realidade, um investigar os alunos com quem trabalho e um investigar o meu colega professor, pois com ele posso aprender e trocar experiências, para a construção coletiva de uma vivência pedagógica eficiente. (VOGT, 2015, p. 03).

## **21. As Metodologias Ativas na Educação de Jovens E Adultos**

Inicialmente a Educação de Jovens e Adultos, tem projetado em conteúdo, metodologias, que não sejam apenas inseridas a esses alunos. Mais que este professor possibilite a este ser capaz de produzir e construir um ser pensante e transformador na sociedade. Além disso, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2011, p. 24). É nesse sentido, que o professor não é o centro do ensino, mais possibilitando o aluno ser sujeito no ensino aprendizagem, tendo como ser crítico reflexivo, participativo e que tem a liberdade de expressar.

Neste contexto, que as metodologias ativas trazem a este aluno da EJA, uma aprendizagem mais avançada, priorizando o seu processo de aprendizagem. Conforme Moran (2015, p. 18) “as metodologias ativas são pontos de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas”. É nesse sentido que este aluno tem a oportunidade de refletir nas situações, e atividades propostas, através da interação cognitiva possibilita a ele compreender, aprender e criar. E a nova prática que o professor insere na sala, possibilita a este aluno, uma nova forma de aprendizado, e também em seu desenvolvimento.

Nessas práticas favorecendo ao aluno, as metodologias ativas, tem como objetivo, levar a esse aluno, pensar, e principalmente a resolução de problemas. Está construção do conhecimento é que possibilita através das situações reais, haver as soluções de problemas, em diferentes contextos que este aluno se encontra. Diante disso Rodrigues (2016):

Baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos. (RODRIGUES, 2016, p. 25).

As metodologias ativas, não colocam o professor da EJA como o centro da aprendizagem, mais sim o aluno, desenvolvendo sua autonomia, pois o professor é o facilitador, neste processo de aprendizagem. Conforme destaca Barbosa e Moura (2013):

A aprendizagem ativa ocorre quando o aluno interage com o assunto em estudo – ouvindo, falando, perguntando, discutindo, fazendo e ensinando – sendo estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de forma passiva do professor. Em um ambiente de aprendizagem ativa, o professor atua como orientador, supervisor, facilitador do processo de aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento (BARBOSA e MOURA, 2013, p.55).

As metodologias ativas precisam estar interligadas com os objetivos que queiram realizar, com atividades que esses alunos tenham prazer ao fazer, que a partir disso saibam tomar decisões e através dessas decisões fazerem um auto avaliação. (MORAN, 2015). “Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa” (MORAN, 2015, p.17).

É nesse sentido que o professor é o facilitador, trazendo metodologias, voltadas a este aluno, para que possa desenvolver sua criatividade, despertar o desejo de aprender, e a sua autonomia. Como destaca (CAMAS; BRITO, 2017):

Intenciona-se, com sua aplicação, favorecer a autonomia do estudante, despertar a curiosidade e estimular tomadas de decisões individuais e coletivas, advindas das atividades essenciais da prática social e nos contextos do estudante” (CAMAS; BRITO, 2017, p.314).

**22.**

### **23. Caminhos Metodológicos**

Este estudo constitui-se em uma pesquisa bibliográfica, através de sites de internet, periódicos, livros, artigos científicos, tendo como ponto de partida para a pesquisa, contendo contribuições, ideias dos autores que irão contemplar com a pesquisa, segundo Boccato (2006):

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. (BOCCATO, 2006, p. 266).

Além de ser uma pesquisa bibliográfica, para maior investigação, foi também realizado em uma pesquisa qualitativa, estimulando o pesquisador a pensar livremente

sobre o assunto estudado, pois é uma pesquisa indutiva, o pesquisador é o seu principal instrumento, o ambiente sua fonte de dados (ZANELLA, 2013).

Através da pesquisa conseguimos respostas e informações necessárias para o aperfeiçoamento do estudo. Segundo Zanella (2013, p.100) “a pesquisa visa essencialmente à produção de novo conhecimento e tem a finalidade de buscar respostas a problemas e a indagações teóricas e práticas.”

Para realização desta pesquisa, foi realizado através de uma coleta de dados, sendo por um questionário via recurso de WhatsApp, tendo como participação dois professores da E.E. CEJA<sup>16</sup> Marechal Rondon, para preservar a identidade das pessoas, o sigilo das respostas, está sendo adotado os nomes fictícios para identificar os entrevistados, com o objetivo de analisar as dificuldades dos professores, dentro da sala de aula, a partir do processo de aprendizagem dos alunos.

**24.**

#### **25. Relato dos Professores da Educação de Jovens E Adultos**

A pesquisa foi feita na Escola Estadual CEJA Marechal Rondon, com dois professores. Para os sujeitos da pesquisa foram realizadas questões que se apresentam abaixo, sendo a primeira questão: Qual sua área de formação? Quanto tempo atua como professor de EJA?

Professora Paula: Professora, formada em Arte Educação e atuo na modalidade EJA há 13 anos. (22/10/20)

Professor Welson: Linguagem – Letras (25/10/20)

Os dois professores têm graduação na área da educação e, além disso, “A formação de professores constitui o ato de formar o docente, educar o futuro profissional [...] Envolve uma ação a ser desenvolvida com alguém que vai desempenhar a tarefa de educar, de ensinar, de aprender, de pesquisar e de avaliar (VEIGA, 2013, p.15)”.

---

<sup>16</sup> Centro de Educação de Jovens e Adultos

No entanto, a recursos que são necessários para o trabalho do professor, nesta questão, foi colocada a pergunta: Na escola em que você trabalha, tem todos os recursos necessários para sua aula ou há alguma deficiência?

Professora Paula: Dentro das possibilidades de recursos financeiros o CEJA Marechal Rondon dispões de recursos materiais necessários para atender nossa demanda, pois o planejamento é de acordo com o PPP desenvolvido por todos os segmentos da Escola. (22/10/20)

Professor Welson: Recursos tecnológico básico para auxiliar no planejamento e execução da aula. Internet que sofre um pouco por não ser estável. (25/10/20)

A professora Paula não houve nenhuma falta em questão de recursos, sendo que todo o planejamento é de acordo ao Projeto Político Pedagógico, que tem como propósito a explicitação dos fundamentos teórico-metodológicos, dos objetivos, do tipo de organização, e das formas de implementação e de avaliação institucional (VEIGA, 1998, p.111-113). O professor Welson, já sente a falta de recursos tecnológicos.

Na sala, o professor tem vários desafios, principalmente por se tratar de Educação de Jovens e Adultos, nesse sentido, foi feito a pergunta: Como professor de Educação de Jovens e Adultos, que desafios você encontra em sala de aula?

Professora Paula: Problemas com o trabalho, familiares e domésticos, dificuldade em leitura e escrita e a heterogeneidade dos alunos em uma mesma turma. (22/10/20)

Professor Welson: Evasão de alunos, que compromete com uma sequência didática. (25/10/20)

Os dois professores, tem vivenciados desafios com alunos principalmente, com a questão do trabalho, e a evasão escolar, além disso por essas questões que tem dito a uma diversidade dos alunos em seu desenvolvimento, é nesse sentido que Santos (2003) destaca a realidade desses alunos do EJA, em seu histórico e cotidiano.

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não - aprender. A não-aprendizagem, em muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social); outros a deixaram

em razão do trabalho infantil precoce, na luta pela sobrevivência (também vítimas do poder econômico). (SANTOS, 2003, p. 74).

Diante desses desafios, o professor tem suas metodologias que além disso, são formas de trazer mais perto o conteúdo a esse aluno, a pergunta apresenta, quais as metodologias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem?

Professora Paula: A metodologia de ensino e os materiais didáticos utilizados pelo professor estão em consonância com o contexto social e cultural no do educando, propõe o desenvolvimento da visão crítica do aluno por meio das práticas em sala de aula, o professor deve apresentar os conteúdos para o aluno, mas não como uma verdade absoluta, pois a Educação de Jovens e Adultos está pautada em Paulo Freire. (22/10/20)

Professor Welson: Sociointeracionista (25/10/20)

Observamos que os dois professores, as suas metodologias são centradas no aluno, também voltado a sua realidade, para que ele possa pensar, e refletir. Para Rodrigues (2016):

Baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos. (RODRIGUES, 2016, p. 25).

Essas metodologias utilizadas pelos professores, de certa forma auxiliam no desenvolvimento e autonomia deste aluno, e o professor em sua formação, sempre se reconstrói, no individual, e principalmente no coletivo.

**26.**

## **27. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa nos concedeu a oportunidade de observar a formação continuada dos professores da Educação de Jovens e Adultos, tanto na visão de pesquisador como nos

professores que responderam o questionário, compreendendo que a formação continuada, é realizada no ambiente escolar, dando a este professor, subsídios para a sua formação, sendo também trabalhados no coletivo, os momentos de refletirem, momentos de estudo e participar das reuniões, contribuindo a sua carreira profissional.

Os questionários realizados demonstram os contextos dos professores da EJA, começando pelos recursos que nem todo tem em sua sala de aula, dificultando dar seus conteúdos, a dificuldade de atuarem em sala, pelos desafios que são encontrados, é a evasão dos alunos. Por outro lado, seu contexto de vida fora da escola, tem possibilitado a este professor, metodologias que seja colocado o aluno no centro do ensino, facilitando o ensino aprendizagem deles.

Conclui que o professor precisa conhecer a EJA, ter experiências, fazendo curso, participando da formação continuada com os demais, para uma melhor reflexão, mudança de prática e para um melhor desenvolvimento de aprendizagem dos alunos em seu contexto social e cultural.

## 28. REFERÊNCIAS

ARBACHE, Ana Paula. **A Formação de educadores de pessoas jovens e adultos numa perspectiva multicultural crítica**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. (Acesso em 20/10/20)

BRASIL. Lei nº 9394. Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, Brasília, 1996

CAMAS, N. P.; BRITO, G. S. da. **Metodologias ativas: uma discussão acerca das possibilidades práticas na educação continuada de professores do ensino superior**. Revista Diálogo Educacional. Curitiba, PUC-PR. Disponível em



<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/1981-416X.17.052.DS01>. Acesso em 19/10/20.

FREIRE, P. **Pedagogia a Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GENTIL, Viviane K. EJA: CONTEXTO HISTÓRICO E DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE. Unicruz – Universidade de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, 2003. Páginas 01 a 11. Acessado em 01/2009 em [www.cereja.org.br/arquivos\\_upload/Viviane%20kanitz%20Gentil\\_nov2005.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/Viviane%20kanitz%20Gentil_nov2005.pdf)

IMBERNON, Francisco. 2000. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. Ed. Cortez. São Paulo

KENSKI, Vani Moreira. **A urgência de propostas inovadoras para a formação de professores para todos os níveis de ensino**. In: Revista Diálogo. v.15, n.45, Curitiba, 2015. (Acesso em 21/09/20)

MORÁN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas**. In: SOUZA, C. A. de; MORALES, O. E. T. (Orgs.). Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Ponta Grossa: UEPG. vol. II. 2015. p.15-33. Disponível em: < <http://rh.unis.edu.br/wp-content/uploads/sites/67/2016/06/Mudando-aEducao-com-Metodologias-Ativas.pdf> >. Acesso em: 4 jan. 2018

RODRIGUES, G. da S. **Análise do uso da metodologia ativa problem based learning (pbl) na educação profissional**. Periódico Científico outras palavras, v. 12, n. 2, 2016, p. 24-34. Acesso em 21/10/20

SANTOS, M. L. L. (2003). **Educação de jovens e adultos: marcas da violência na produção poética**. Passo Fundo: UPF.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Ávila, Cristina Maria (Org.). **Profissão docente: Novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008. (Acesso em 18/09/20)

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Docência como atividade profissional**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; D'ÁVILA, Cristina Maria (orgs.). Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. 2ª edição – 3ª reimpressão. Campinas/SP: Papyrus, 2013. (Acesso em 23/09/20)

VEIGA, Ilma P. A. **Projeto Político Pedagógico da escola: uma construção coletiva**. In: \_\_\_\_\_ (Org.). Projeto Político Pedagógico: uma construção possível. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

VOGT, Graziela Zimmer. **Formação continuada de professores e reunião pedagógica: construindo um estado de conhecimento**. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Caxias do Sul, RS. Anais eletrônicos... Caxias do Sul, RS: UCS, 2012. Disponível em: Acesso em: 22 out. 2015. (Acesso em 29/09/20)

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2.ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013. (Acesso em 24/10/20)

**O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO/  
APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL MONTEIRO  
LOBATO, JUSCIMEIRA/MT.**

**Valéria Sabrina da Silva Aguilár<sup>17</sup>**

**Rosely Santos de Almeida<sup>18</sup>**

**RESUMO**

---

<sup>17</sup>Graduanda do 8º semestre do curso de pedagogia da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas no Vale do São Lourenço – EDUVALE/ Jaciara-MT

<sup>18</sup> Professora mestre em Educação pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais ICHS/UFMT. Especialista em Coordenação Pedagógica pelo MEC/UFMT e Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira e Licenciatura em Pedagogia.

Este artigo tem por objetivo compreender o papel da família no processo de ensino/aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental da escola Municipal Monteiro Lobato na cidade de Juscimeira/MT. O problema que norteia o projeto é qual o papel da família no processo de ensino/aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental? Ancorada nos autores Barros e Santos (2015), que ponderam sobre as relações criança/adulto e como estas margeiam os processos de educabilidade, podendo ou não implicar sobre os processos de ensino /aprendizagem. Contando que a falta da participação das famílias ou responsável acarretara no desenvolvimento das mesmas. Com Crepaldi (2017), enaltece a participação da comunidade na escola e em como está transforma-se á partir das relações constituídas pais – professores -pais, crianças/alunos - professores, crianças/alunos - pais neste sentido a pesquisa qualitativa oportuniza a conquista dos objetivos de maneira mais satisfatória, bem como o emprego do método dedutivo e da aplicação de questionários, empregando os recursos do WhatsApp, transcrição e posterior análise e interpretação. Quando Barros e Santos(2015) apontam que a família é à base de tudo na vida, e que é a principal referência na formação do educando, cogita-se que seu papel está além do mandar as crianças para a escola, acompanhar as tarefas, envolve outras dimensões que a instituição escolar nomeia como participação, tanto escola como família possuem um “esperar” um do outro que até a presente data não se aproximaram, desvendar o que impede, ou aproximam nessa relação é algo desafiador, que poderá ser respondido pelos agentes que compõem o espaço educacional, sendo eles os pais/responsáveis, os professores, equipe gestora, demais funcionários e principalmente as crianças/alunos sujeitos do processo. Afinal de contas ouvir o que pensam este último grupo acerca do que os adultos pensam para eles é de tamanha urgência, afinal eles vivem na escola.

**Palavra -chave:**Crianças. Ensino/aprendizagem.Participação.

### ABSTRACT

This article aims to understand the role of the family in the teaching / learning process in the early years of elementary school at Monteiro Lobato Municipal School in the city of Juscimeira / MT. The problem that guides the project is what is the role of the family in the teaching / learning process in the early years of elementary school? Anchored in the authors Barros and Santos (2015), who ponder on the child / adult relationships and how they border the processes of educability, which may or may not imply on the teaching / learning processes. Counting that the lack of participation of the families or responsible

person had led to their development. With Creped (2017), he praises the participation of the community in the school and how it is transformed from the relationships established between parents - teachers - parents, children / students - teachers, children / students - parents in this sense, qualitative research allows for the achievement the objectives in a more satisfactory way, as well as the use of the deductive method and the application of questionnaires, using WhatsApp resources, transcription and subsequent analysis and interpretation. When Barros and Santos (2015) point out that the family is the basis of everything in life, and that it is the main reference in the education of the student, it is considered that their role is beyond sending children to school, following up on tasks, involves other dimensions that the school institution names as participation, both school and family have a "wait" for each other that until the present date have not approached, unraveling what prevents, or approaching in this relationship is something challenging, which can be answered by agents that make up the educational space, being the parents / guardians, the teachers, the management team, other employees and mainly the children / students subject to the process. After all, hearing what the latter group thinks about what adults think of them is of such urgency, after all they live in school.

Keywords: Children. Teaching / learning. Participation.

## 1. INTRODUÇÃO

Historicamente à educação das crianças está ligada a família, como a primeira referência na formação do educando, pois se considera que é a na família que as crianças conhecem valores e princípios. O presente projeto tem como objetivo geral compreender o papel da família no processo de ensino/aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental na escola Municipal Monteiro Lobato, na cidade de Juscimeira/MT.

Os objetivos específicos desta pesquisa constituem-se: Pesquisar a participação da família na escola Municipal Monteiro Lobato; analisar se há participação da família na vida escolar dos filhos; Identificar as implicações da ausência da família no processo de aprendizagem dos alunos.

Tendo como questão problema entender: Qual o papel da família no processo de ensino/aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental, da escola citada. Como hipótese levantada à premissa de que: Os pais não se interessam pelo desenvolvimento

dos filhos na escola; demonstrando por qual razão a ausência das famílias acontece e qual as consequências possíveis que pode acarretar no desenvolvimento das crianças, visto é fala recorrente no espaço escolar de diferentes instituições.

Tais falas puderam ser observadas durante o período de estágio de observação e participação do curso de Pedagogia, onde evidencio a ausência dos pais/responsáveis por algumas crianças, quando a escola realizou atividades onde os mesmos foram convidados a participarem e poucos se envolveram com o proposto. Através do referencial teórico, problematizo essa situação junto ao processo de ensino/aprendizagem.

A metodologia usada na investigação é qualitativa, com processo de promover um questionário que será aplicado via e-mail ou WhatsApp para professores pais e gestores da escola Municipal Monteiro Lobato na cidade de Juscimeira/MT. Este projeto encontra-se dentro do cronograma proposto.

### **As famílias**

Educar crianças historicamente esteve ligado ao tema: Família, visto que acredita-se que através das famílias que as crianças conhecem valores e princípios, são elas primeiras responsáveis pelo acompanhamento e podem criar laços para conviverem de forma harmoniosa na escola e em outros ambientes. É importante que a família participe ativamente na vida escolar das crianças.

Segundo os autores: Barros, Santos (2015), pontuam que:

A família é à base de tudo na vida. Ela é a principal referência na formação do educando. É nela que a criança aprende as primeiras lições de vida, conhece valores e princípios. São estes conhecimentos que determinam a conduta e a personalidade da criança. (OLIVEIRA, SANTOS, 2015, p.2)

A família é base para que as crianças tenham uma boa relação tanto escolar como na família, o vínculo que as crianças criam dentro do contexto escolar retrata a autonomia que os pais ou responsável tem em educar e ter autoridade em dizer não para os mesmos.

Segundo Picanço, (2012) afirma que:

A família deverá favorecer um bom ambiente familiar e assegurar as condições básicas da vida humana (saúde, alimentação, vestuário, habitação, afeto, segurança e conforto), que são também as condições básicas para que a aprendizagem e o desenvolvimento humano se processem. (PICANÇO, 2012 p.44)

É interessante que a família faça seu papel, cuidar proteger dar bons exemplos, fazer com que essa criança tenha comportamentos adequados/socialmente aceitos, que cresçam dentro de um contexto familiar saudável de respeito com o próximo.

A família tradicional caracteriza pelos membros o pai a mãe irmão avó e avo, a principal característica vem mudando trazendo com ela a família contemporânea que eventualmente trás o conceito de diversidades.

Para os autores Oliveira, Braga, Prado (2017),

Constata-se nos dias contemporâneas, que não existe uma configuração familiar ideal e padronizada, porque são inúmeras as combinações e formas de interação entre os indivíduos que constituem os diferentes tipos de famílias, podendo denominá-las como nuclear tradicional, recasadas, mono parentais, homossexuais, dentre outras combinações. [...] (OLIVEIRA, BRAGA, PRADO, 2017 p.35)

O modelo de família tradicional vem mudando podendo caracterizar por famílias parentais que são os tios, tias, avos, avô, madrasta, padrasto e entre outros que de alguma forma por meio da família, cuidam e zelam pela vida da criança, temos também as famílias cuja elas são compostas por casais homo afetivas que são assegurados por lei.

De acordo com a autora Rostirolla(2015)

Adoção é um processo legal no qual uma criança é permanentemente assumida como filho (a) por uma pessoa ou por um casal, sendo que tal criança não é filho biológico desta pessoa ou do casal. Quando isto acontece, as responsabilidades e os direitos dos pais biológicos em relação à criança adotada passam para a pessoa ou o casal que está adotando a criança. (ROSTIROLLA, 2015 p.2)

O contexto de adoção se dá por vários outros fatores tais como a violência dentro de casa, o abandono, pobreza a fome, irresponsabilidades que em muitos casos são os mais frequentes. Portanto acredita que a adoção é uma forma encontrada e formulada em lei, para que as crianças tenham outra família que garanta seus direitos, a família substituta se responsabilizará em ter uma relação afetiva, amorosa com a criança e estabelecer um vínculo entre os professores e todos da escola visando sempre à busca pela melhoria no desenvolvimento escolar dos filhos, onde a família substituta possa estar ativamente participando do contexto e decisões da escola que os filhos iram frequentar.

De acordo com a autora Rostirolla(2015),

À luz do Estatuto da Criança e do Adolescente, pode-se afirmar que a adoção é uma forma de inserir o menor em um lar substituto, juntamente com a guarda e a tutela, entretanto, sendo maior de idade complexidade em virtude das consequências do ato o qual, a rigor é irrevogável. (ROSTIROLLA, 2015 p.2)

Portanto o Estatuto da Criança dispõe as responsabilidades e os deveres que as famílias substitutas tendem a oferecer aos filhos adotivos.

No Brasil temos o Estatuto Da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) que traz a família substituta aquela que se torna responsável por adoção ou guarda.

Art. 19 da Lei 8069/90, Estatuto da Criança e do Adolescente - Dispõe sobre,

**Art. 19.** É direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral. (BRASIL, Lei nº 13.257, de 2016)

Espera-se então que a família apoie esta criança que faça seu papel de garantir os direitos que são assegurados por lei, em ajudar, em participar ativamente das relações escolares, o incentivo da família é fundamental, pois a criança terá um rendimento escolar melhor com grande compreensão e entendimento.

## O Papel Social da Escola

A escola é uma instituição que junto com a família deveria se torna um local de convívio, um lugar de aprendizagem e de acolhimento, que buscam por melhorias no processo de educabilidade das crianças.

Segundo Barros, Santos(2015)afirmam que:

Como a escola é uma instituição muito informada e atualizada, tem condições de criar práticas pedagógicas que envolvam não só os alunos, mas também a família, e assim aproximarem-se uma da outra, e conseqüentemente gerar uma relação ativa e harmoniosa para aprimorar a aprendizagem das crianças [...] (BARROS, SANTOS, 2015 p.3)

Na relação familiar têm se então um vínculo afetivo de respeito com as crianças, pois é na família que as mesmastêm sua primeira educação de valores morais e sociais. De acordo comCrepaldi (2017) afirma que:

Não cabe, portanto, à escola a tarefa básica de educar, mas sim à família, é ela que deve proporcionar as noções de limites e respeito, para que a criança possa desenvolver os valores morais e comportamentais básicos. [...] (CREPALDI, 2017 p. 11737)

Já na escolao compromisso é para estabelecer uma escolarização, onde afamília deve iniciar o processo de educação e os professores (a) darem continuidade, família e escoladeveriam caminhar juntas, muito se tem discutido atualmente das famílias acreditarem que a escola é um em lugar onde deixam suas crianças e que os professores são os únicos responsáveis pela educação, e que ali devem aprender tudo.

Segundo os autores Batista, Campelo, Pinheiro, (2016) afirma que:

Desta forma, deve-se entender que não é pelo fato de que a criança vai começar a frequentar a escola, que as obrigações educacionais familiares vão ser delegadas somente para os professores. A educação adequada necessita dessa dupla troca educacional em perfeita simetria, ou seja, família e escola trabalhando juntas, sendo assim fazem-se



necessário o acompanhamento dos familiares no seio escolar [...] (BATISTA, CAMPELO, PINHEIRO, 2016, p.5)

Com esse entendimento os professores enfrentam desafios e os pais acreditam que a tarefa de educar é somente dos professores, a falta de acompanhamento de socialização de preocupação dos pais diante do contexto escolar das crianças está cada vez mais constante, contudo os professores enfrentam desafios dentro da sala de aula passando por alunos desinteressados, algumas vezes indisciplina e agressividade entre eles, alguns pais acreditam que para ir a escola é só para reclamações e passam a não acompanhar o desenvolvimento escolar das crianças.

Os professores desejam que a participação da família seja mais intensa. Requer então que o professor esteja preparado para enfrentar todas as situações dentro da sala de aula.

Barros, Santos (2015) pontuam que:

A presença da família na vida educacional dos filhos é muito importante, porque ela pode despertar o interesse e a curiosidade, além de incentivar sua aprendizagem. É dever da família, acompanhar desde cedo à vida escolar das crianças, valorizarem as atividades escolares, estimulando elas a gostarem de estudar. (BARROS e SANTOS, 2015p.2)

No entanto é essencial que a família esteja sempre participando da vida escolar dos filhos, escola e família deveriam ser unidas por um laço afetivo e harmonioso. Pois é dever da família participar desde cedo dos acontecimentos e decisões da escola.

### **Necessidade Educativa: Decifrar o enigma da Participação**

A participação dos pais/famílias na vida escolar dos filhos deveria ser intensa, a escola acredita que a contribuição dos pais para o ensino aprendizagem dos alunos é de suma importância, dessa forma a escola busca meios para atrair as famílias até a escola.

De acordo com Crepaldi(2017),

Uma forma encontrada por algumas escolas para atrair a família é por meio de tardes festivas, aos sábados ou domingos (quando os pais têm mais tempo). No entanto, isso não é muito frequente porque o calendário escolar é muito extenso. [...] (CREPALDI, 2017 p. 11740)

Ainda assim a falta das famílias nas festividades da escola é intensa, pois muitos não têm o interesse em participar, crendo nisso a escola junto com os gestores, professores e diretores acredita que a falta da participação da família na vida escolar dos filhos atribui para um baixo desenvolvimento.

Os autores Oliveira, Braga, Prado (2017) pontuam que:

É possível perceber o descaso, de algumas famílias, com a educação dos seus filhos, por serem ausentes e não acompanharem ativamente das atividades escolares, por se omitirem e tentar repassar à escola suas responsabilidades. [...] (OLIVEIRA, BRAGA, PRADO 2017 p.36)

Família e escola devem ser parceiras caminhar juntas, reforçando que a tarefa da família seria estar presente na vida escolar dos filhos, a participação da família no projeto da escola é fundamental, pois iram apresentar sugestões ou críticas para o crescimento da escola, tornando se assim uma participação ativa dentro da instituição.

De acordo com os autores Oliveira, Braga, Prado (2017),

Porém, quando a família atua em parceria com a escola a aprendizagem flui com mais amplitude, a criança sente-se estimulada e consegue assimilar os conhecimentos com facilidade, pois a família acaba reforçando e contribuindo para a consolidação dessa aprendizagem. [...] (OLIVEIRA, BRAGA, PRADO 2017 P.36)

A participação em conjunto dos estudantes e famílias no processo de decisão é fundamental e tem grande influência, percebe que a participação da família dentro da escola é essencial o professor melhora o aluno apresenta um avanço escolar eficaz, a escola é um espaço de diálogo. Para isso as escolas apresentam alguns elementos que

ocorre para a participação dos pais/famílias na escola, de acordo com os autores Libâneo, Oliveira, Toschi, (2012) citam que:

O envolvimento dos pais na escola pode ocorrer de modo informal, no contato com os professores para acompanhamento do desempenho escolar dos filhos, e de modo mais formal, na Associação de Pais e Mestres e no conselho de escola(LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2012 P.522)

Acreditaseque os pais devem ter uma relação harmoniosa com os professores, ocorrendo então um vínculo afetivo com contribuições para o desenvolvimento das crianças,cabe então a família contribuir nas decisões que a escola junto aos professores e todos os envolvidos buscam para a melhoria da instituição e no ensino de qualidade. Visando que a família participe das reuniões, palestras, entrega de notas, nas festividades da escola.

O papel da família para alguns autores como Oliveira e Araújo (2010) não possui tanto destaque, segundo os autores trazem nos aspectos sociológicos em relação ao tema:

No enfoque sociológico a relação família-escola é vista em função de determinantes ambientais e culturais. A relação entre educação e classe social mostra certo conflito entre as finalidades socializadoras da escola (valores coletivos) e a educação doméstica (valores individuais), ou seja, entre a organização da família e os objetivos da escola. As famílias que não se enquadram no suposto modelo desejado pela escola são consideradas as grandes responsáveis pelas disparidades escolares. Seguindo este enfoque, faz-se necessário, para o bom funcionamento da escola, que as famílias adotem as mesmas estratégias de socialização por elas utilizadas. (OLIVEIRA, ARAÚJO, 2010 p.102)

A falta de auxiliar essas crianças na sua aprendizagem retrata o jeito que as mesmas chegam até a escola, com comportamento de indisciplina e falta de estímulos em aprender, família e escola muitas vezes enfrentam um conflito por meio das responsabilidades, cabendo as famílias em ensinar os valores individuais e morais.

Segundo os autores Casarin e Ramos (2007) citam que:

Percebemos, hoje, que a família e a escola têm uma tarefa complicada devido às transformações que a sociedade vem sofrendo ao longo do tempo. Como consequência, observamos pais e professores queixarem-se em relação tarefa de educar. (CASARIN, RAMOS 2007, p. 185)

Os pais acreditam que a educação que suas crianças precisam ter é direcionada somente por meio dos professores ou da escola, crendo que cabe a eles a tarefa de educar e ensinar os valores individuais e coletivos, atualmente o seio familiar que algumas crianças estão diretamente ligadas vem sofrendo com muitos conflitos familiares e econômicos, tornando-se assim um lar desfavorável para um bom relacionamento. As famílias/Responsáveis cada dia mais tendem a não acompanhar as evoluções comportamentais, as novas demandas sociais, geram por vezes o entendimento de que os sujeitos são livres de regras e da tarefa de educar. Causando desconforto tanto em professores como neles (pais/responsáveis) alargando assim cada vez mais a difícil tarefa de identificação de quem educa.

Os autores Casarin, Ramos (2007) citam que:

Nos últimos vinte anos, várias mudanças no plano socioeconômico e cultural, relacionadas ao processo de globalização, vêm interferindo na dinâmica e estrutura familiar e, conseqüentemente, estimulando alterações em seu padrão tradicional de organização. (CASARIN, RAMOS 2007 p. 183)

A dinâmica da estrutura familiar contemporânea vem trazendo com ela alguns desafios que conseqüentemente afeta na relação do processo familiar, essas alterações são caracterizadas por famílias desestruturadas que passam por conflitos como o divórcio que junto a ele as crianças ficam em meio a uma situação conflituosa abalando se assim seu comportamento e suas emoções e conseqüentemente ocasionando uma fraca contribuição de aprendizagem. Pois o ambiente em que muitas crianças vivem é desfavorável e retratam um lugar de agressividade e muitos conflitos.

## **PERCURSO METODOLOGICO**

Para este projeto a metodologia usada é a pesquisa qualitativa, que foca em compreender o comportamento do público-alvo, são aplicados por meio de questionários ou entrevistas, valorizando sempre a opinião dos participantes. Os resultados obtidos nos questionários são apresentados através de análise.

Para Wainer(2007),

A pesquisa qualitativa baseia-se na observação cuidadosa dos ambientes onde o sistema está sendo usado ou onde será usado, do entendimento das várias perspectivas dos usuários ou potenciais usuários do sistema etc. (WAINER2007. p. 5)

A pesquisa é qualitativa com aplicação de questionário via rede social, segundo Wainer (2007), questionários são formas rápidas e simples para avaliar as opiniões, objetivos, anseios, preferências, crenças etc. A pesquisa qualitativa foca na compreensão e observação do que acontece a sua volta.

A abordagem do método usado é o dedutivo que segundo os autores Lakatos e Marconi(2003) pontuam que:

[...] o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. [...] (LAKATOS. MARCONI. 2003. p. 83)

Dessa forma, é interessante discutir: Qual o papel da família no processo de ensino/aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental? Baseando na pesquisa qualitativa, criando um questionário com algumas opções de perguntas que serão disponibilizadas por meio de e-mail ou WhatsApp para professores, pais, e diretores da escola municipal Monteiro Lobato, na cidade de Juscimeira/MT. Após será feito a transcrição das respostas e análise dos dados coletados, para observar se há contemplação dos objetivos propostos, da problemática e hipóteses levantadas.

Análise de dados

A aplicação do questionário foi através do aplicativo de internet WhatsApp, foram três famílias/responsáveis por aluno, duas professoras, uma coordenadora e a diretora. Todas as pessoas envolvidas fazem parte da escola Municipal Monteiro Lobato, localizada na cidade de Juscimeira/ MT.

Para fazer a análise dos dados os responsáveis foram identificados como, família A, família B, família C, para as professoras a identificação será Maria e Ana, a coordenadora recebeu um nome fictício de Joana e a diretora Eva. A necessidade dos nomes fictícios se faz para melhor ter a compreensão dos entrevistados reservando sua identidade.

A primeira pergunta foi realizada para os responsáveis: Em sua opinião quais as principais contribuições dos pais aos professores?

Família A: Tem que ter muito diálogo entre pais e professores, tem que ter acompanhamento diário nas escolas e ficar atento a tudo que os professores passam sobre nossos filhos.

Família B: Acho fundamental a contribuição dos pais com os professores por que tanto que o objetivo é um só, é a vida escolar da criança tudo para um aprendizado melhor, então acho que contribui muito os pais está presente na vida do filho, os pais está sempre em reuniões para esta sabendo melhor do seu filho, sempre estar contribuindo com o professor com as atividades em casa e sempre está perguntando com o professor ou conversando sobre o comportamento o respeito então está ensinando a criança ser um cidadão humano na sociedade. (sic)

Família C: Nós pais contribuimos aos professores primeiramente dando uma boa educação em casa ensinando sobre como respeitar os professores e os colegas, também procurando saber do desempenho e do comportamento escolar para assim podermos auxiliar onde for necessário.

Dessa forma entende-se que a família acredita que a contribuição com as professoras é indispensável, crendo que o objetivo tanto da família/responsáveis é um só, a aprendizagem das crianças.

De acordo com o autor Souza (2009) pontua que:

Sendo assim, é indispensável que a família esteja em harmonia com a instituição, uma vez que a relação harmoniosa só pode enriquecer e facilitar o desempenho educacional das crianças. (SOUZA, 2009, p. 15)

A segunda pergunta é voltada para os responsáveis: Você considera que a sua atuação enquanto responsável pode influenciar no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças que você é responsável?

Família A: sim, porque agente que é mãe tem que observar e cuidar dos nossos filhos, até ficar de maior, agente que é responsável tem que fazer

de tudo para as crianças se tornar uma pessoa digna. (sic)

Família B: Sim, acho que nós somos um papel muito importante na vida da criança por que a partir desta convivência ela vai absorvendo vai constituindo como pessoa então é base da criança.

Família C: Sim, minha participação pode influenciar de maneira positiva no desenvolvimento e aprendizado da minha filha, quando como responsável busco estar presente sempre em tudo que se refere ao desenvolvimento escolar e trabalhando de maneira conjunta com a escola isso pode despertar um maior interesse da criança e assim resultando em um bom desempenho escolar.

Dessa forma se observa que os responsáveis acreditam que a sua ação é um fator de grande importância para o desenvolvimento da criança, influenciando de uma maneira positiva na função educacional.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a família é fundamental na formação de qualquer indivíduo, culturalmente, socialmente, como cidadão e como ser humano, visto que, todo mundo faz parte da mais velha das instituições que é a família. (SOUZA, 2009, p.16)

Cada dia que passa as crianças entra mais cedo nas escolas, com isso algumas famílias acreditam que os professores e gestores das mesmas devem se encarregar sozinhos no processo de ensino aprendizagem. Contudo a escola nunca educara sozinha a família tem papel fundamental nessa parceria junto com a escola.

Na segunda etapa a pergunta foi direcionada para as professoras. Que foram identificadas com nomes fictícios Maria e Ana, a primeira pergunta é: Sr/Senhora considera que há participação das famílias na escola? Como isto é evidenciado diariamente?

Maria: pela experiência que eu tenho dá para perceber que a presença da família na escola vai depender muito da comunidade do local onde a escola está, por que percebe se que a comunidade sendo vulnerável, a família ela dá uma afastada da escola e com isso a criança que quer participar da escola por ser único local de lazer dela, mas não tem um acompanhamento dos pais e ai onde a divergência entre esses dois meios e também temos o lado onde como

exemplo a escola particular onde tem mais a frequência da família por que o pai está ali investindo seu dinheiro, então ele vai tá mais em cima mis presente vai cobrar mais dos filhos então fazendo uma comparação entre a escola pública e uma escola particular talvez a escola particular tenha mais a presença da família na escola, mas em geral nas reuniões onde se encontram.

Ana: Não, muito pouco, claro que eu não posso falar que não a, mas é muito pouco, porque os pais estão invertendo os papéis eles acham que os professores a escola educam e quem educa. Nós ensinamos, então a cada dia mais a família tem se distanciado da escola, jogando toda responsabilidade para os professores, neste momento agora de pandemia nós percebemos essa dificuldade do pai de ensinar o filho de ficar com o filho, reclamam que dá trabalho que é complicado ensinar que é complicado fazer o filho obedecer então não tem como agente entender por que o pai está se distanciando dos seus filhos agente tenta fazer situações festas, reuniões diferente para convidar o pai pra vir a escola agente monta projetos convidativos para resgatar o pai na escola, mas mesmo assim não funciona infelizmente.

No registro das professoras observa se que a família não se faz muito presente na participação escolar das crianças, sendo elas minoria que acompanham e apenas se fazem presentes nas reuniões onde são chamadas. De acordo com a pontuação das professoras a família/responsável acredita que a tarefa de ensinar é voltada apenas para os professores, pois são eles formados e cabe a eles a responsabilidade de ensinar e educar as crianças.

Não nos restam dúvidas de que os pais são os primeiros educadores da criança e que, ao longo de toda a sua escolaridade, continuam a ser os principais responsáveis pela sua educação e bem-estar. Os professores aparecem como parceiros insubstituíveis no “transporte” dessa responsabilidade. Como parceiros que são (pais-professores), devem unir esforços, partilhar objetivos e reconhecer a existência de um mesmo bem comum para os alunos. Por ora, encarar os pais como rivais é algo que impede a união de esforços e a partilha de objetivos, com graves prejuízos para o aluno, onde tantos os professores como os pais têm muito a ganhar com uma colaboração genuína. (PICANÇO, 2012, p.43)

A relação família-escola afeta de forma positiva dentro do contexto escolar, acredita se que os pais ou responsável deve incentivar, motivar as crianças auxiliando e ajudando nas responsabilidades, tornando se assim uma relação harmoniosa com os filhos e agindo de forma positiva com relação à escola, tornando parceiros exclusivos dos professores colaborando e reconhecendo o papel que cada um tem.



Partindo para a terceira etapa, foi realizada com a coordenadora e a diretora que receberam os nomes fictícios de Joana, e para a diretora o nome Eva, onde foram questionadas sobre: Que ações a escola desenvolve para envolver as famílias no contexto educacional?

Joana: As ações que a escola faz para que os alunos e família participem são os projetos, o projeto mais desenvolvido na escola é união faz a vida e isso faz com que coloquemos juntos alunos famílias escola para um bom desenvolvimento escolar.

EVA:

Neste momento de pandemia, nos estamos trabalhando diferenciado. Como que nos estamos fazendo? Nós estamos com um grupo de WhatsApp por turmas, eu estou inseridas em todos os grupos eu e a coordenadora da escola, e ai nos estamos enviando as atividades na plataforma do link da prefeitura nos estamos com as atividades impressas na escola para entregar para aquelas crianças que não tem condições de imprimir em casa e também nos estamos ai na medida em que o os pais vem buscar nos estamos acompanhando essas entregas de atividades e também chamando a atenção dos pais por WhatsApp.

Nesse contexto apontado pela equipe gestora observa que a escola busca fazer ações para que a família esteja participando ativamente do contexto educacional da criança, tendo eles envolvimento e acompanhando a vida escolar dos seus filhos.

A participação e o envolvimento dos pais e encarregados de educação na vida escolar dos seus filhos/educando, é principalmente benéfica na maioria dos casos, pois assim conseguem aferir e interiorizar algumas medidas de apoio e acompanhamento para os seus educandos, no sentido de os ajudarem em casa com alguns trabalhos de casa, e principalmente no apoio ao estudo, onde os alunos deveriam possuir um organizado e metódico acompanhamento por parte de toda a família. (PICANÇO, 2012, p. 88)

A família na abordagem da equipe gestora é peça fundamental no que se refere à aprendizagem dos filhos se faz necessário acompanhar as atividades e ajudar no apoio ao estudo em casa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui se que a família/responsáveis são os principais referenciais para as crianças, pois é através delas que as mesmas aprendem os valores e as primeiras aprendizagens para a vida. O vínculo entre as famílias e os filhos é fator a ser observado para que se tenha uma boa relação dentro da escola. A criança deve estar protegida, amparada sendo criada com amor

carinho e afeto, é dever da família favorecer condições que uma criança precisa e cresça saudável tanto do ponto de vista físico como psicológico.

Contudo se faz necessário lembrar que a configuração de famílias tradicionais composta por pai e mãe, na atualidade são minorias e que as famílias afetivas compostas por adoções, por tios, avós, madrastas/padrastos, mães/mãe, pai/pais, estão presentes em todos os espaços institucionais, solicitando aos docentes a sensibilidade de compreensão de que não são desajustes sociais, mais composições familiares que aos poucos estamos nos acostumando e devemos respeitar.

Cabendo as diferentes instituições “familiares” as responsabilidades e os deveres que são assegurados por lei, perante a vida das crianças, garantindo saúde, alimentação, amor, afeto e principalmente a educação escolar das crianças, principalmente quando essas forem menores.

Ao longo da pesquisa realizada compreendi que a escola propõe a vários meios e ações de interação para a família participar como: atividades e realizações de vários projetos que envolvem a família, entretanto ainda assim há falta de participação dos pais/responsável é evidente, conclui-se que família e escola são peças importantes no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Jullyane da Silva, CAMPELO Edilberto, PINHEIRO Ana Carolina Santana, **A Importância da Família no Processo Ensino aprendizagem dos Alunos das Series Iniciais do Ensino Fundamental**. Terceiro CONEDU Congresso Nacional De Educação, artigo. Disponível em

<[https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV056\\_MD4\\_SA6\\_ID9768\\_17082016123124.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD4_SA6_ID9768_17082016123124.pdf)>. acesso em 25/03/2020.

BARROS, Ivanize Couto de Oliveira, SANTOS, José Ozildo, **A Importância da Parceria Família-escola no Processo de Ensino Aprendizagem**, REBES revista brasileira de educação e saúde, 2015 Disponível em <<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES>>. Acesso em 30/03/2020.

BRAGA, Andreлина Pelaes; OLIVEIRA, Izabel Lúcia dos Santos; PRADO, Cleidia Maria Nogueira. **Participação da Família no Desenvolvimento da Aprendizagem da Criança. Estação Científica** (UNIFAP), Macapá, v. 7, n. 2, p. 33-44, maio/ago. 2017.

BRASIL, **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Congresso Nacional decreto Art. 19 da Lei 8069/90

Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)>. Acesso em 05/06/2020

CASARIN, NelsonElintonFonseca; Ramos, MariaBeatrizJacques, **FAMÍLIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR**, 2007. Disponível em<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862007000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000200009)>. Acesso em

CREPALDI Elaise Mara Ferreira, **EDUCERE IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e educação – SIRSSE**, 2017 A Importância da Família na Escola para a Construção do Desenvolvimento do Aluno. Disponível em [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25972\\_13983.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25972_13983.pdf)>. Acesso em 27/05/2020.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. Ed. - São Paulo: Atlas 2003. Disponível em<[HTTPS://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india](HTTPS://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india)>. Acesso em 11/06/2020.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista; ARAÚJO, Claisy Maria Marinho,

**A relação família-escola: intersecções e desafios, 2010.** Disponível em<[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2010000100012](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012)>. Acesso

PICANÇO, Ana Luísa Bibe, **A relação entre escola e famílias as suas implicações no processo de ensino/aprendizagem**, artigo 2012, Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicano.pdf>>. Acesso em: 28/04/2020

ROSTIROLLA, Rossana. Adoção em Famílias Homo afetiva. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 20, n. 4267, 8 mar. 2015. Disponível em<<https://jus.com.br/artigos/36967/a-adocao-em-familias-homoafetivas/2>>. Acesso em 01/06/2020.

SOUZA Maria Ester do Prado, Família/Escola: **A IMPORTÂNCIA DESSA RELAÇÃO NO DESEMPENHO ESCOLAR**. 2009. Acessado em 03/10/2020 disponível em<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>>. Acesso

WAINER, Jacques. **Métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa para a ciência da computação**. Disponível em <<https://www.ic.unicamp.br/~wainer/papers/metod07.pdf>>. Acesso em 11/06/2020.

## **A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO BRASIL**

**Naiara Araújo Freire<sup>1</sup>**

**Tainara Jesus Medeiros<sup>2</sup>**

**Orientadora Prof.<sup>a</sup> Me: Rosely Santos Almeida<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

Este artigo tem como finalidade conhecer e identificar os aspectos da educação quilombola. Para o levantamento dessa pesquisa foi abordado alguns autores que discutem sobre o tema, dentre eles, Boccato (2006), Gomes (2012), Furtado (2014), Brandão (2005), SILVA (S/D) CAMPOS, GALLINARI (2017) e também algumas legislações como Ministério da Educação, Brasil (2018), Conferencia Nacional de Educação CONAE, Brasil (2010), Resolução N° 8 Brasil (2012). Desta forma, para alcançar os resultados utilizou-se a pesquisa de cunho bibliográfico, onde foi explorado artigos científicos que retratam algumas contribuições. Para compreender melhor acerca do tema escolhido. O presente estudo foi desenvolvido em quatro tópicos onde no primeiro momento visa destacar brevemente o contexto histórico dos povos quilombolas, no segundo abranger a luta desses povos pelos seus direitos, no terceiro tópico busca-se compreender como tem sido a educação quilombola atualmente no Brasil e por ultimo no quarto tópico objetivou-se fazer uma breve análise das conquistas sociais adquiridas por intermédio da educação. Contudo por meio desta pesquisa analisando desde seu contexto histórico advindo de grandes lutas, e perseguições até a situação atual concluiu-se com esta pesquisa que é importante se pensar na educação dos povos quilombolas, compreender que estes sujeitos carregam consigo uma bagagem de conhecimentos, experiências, crenças e valores que devem ser considerados ao elaborarem um currículo que atenda a este publico, pensar em uma educação voltada a sua própria realidade, fazendo com que estes sujeitos sejam respeitados e valorizados pois assim como qualquer outro sujeitos eles carregam consigo os seus direitos enquanto cidadão.

Palavras chaves: Educação Quilombola. Desafios. Direitos.

### **ABSTRACT**

This article aims to understand and identify aspects of quilombola education. To survey this research, some authors who discuss the topic were approached, among them,

Bocato (2006), Gomes (2012), Furtado (2014), Brandão (2005), SILVA (S / D) CAMPOS, GALLINARI (2017) and also some laws such as Ministry of Education, Brazil (2018), CONAE National Education Conference, Brazil (2010), Resolution N° 8 Brazil (2012). Thus, to achieve the results, a bibliographic research was used, where scientific articles were explored that portray some contributions to better understand about the chosen theme. The present study was developed in four topics where in the first moment it aims to briefly highlight the historical context of quilombola peoples, in the second it covers the struggle of these peoples for their rights, in the third topic it seeks to understand how quilombola education has been in Brazil today and Finally, in the fourth topic, the objective was to make a brief analysis of the social achievements acquired through education. However, through this research analyzing from its historical context arising from great struggles, and persecutions to the current situation, it is concluded with this research that it is important to think about the education of quilombola peoples, to understand that these subjects carry with them a bag of knowledge, experiences, beliefs and values that should be considered when designing a curriculum that serves this audience, thinking about an education geared to their own reality, making these subjects respected and valued because just like any other subjects they carry their rights while citizen.

Keywords: Quilombola Education. Challenges. Rights.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade conhecer e identificar os aspectos da educação quilombola, explicitar o contexto histórico e cultural desses povos, abranger a luta percorrida pelos seus direitos, além de compreender o âmbito educacional e os seus desafios atualmente no Brasil, analisando as conquistas sociais adquiridas por intermédio da educação. Frisando nos objetivos citados acima, foi levantada a seguinte questão: De acordo com o contexto histórico e a identidade quilombola, qual a importância de se pensar numa educação de qualidade para esses povos, levando em consideração as necessidades sociais e educacionais?

Por isso, nessa perspectiva a pesquisa ressalta a necessidade de conhecer as diferentes concepções sobre a educação, levando em consideração todos os conceitos que

abrangem esse contexto dos quilombolas, suas conquistas, as dificuldades, e a atual situação que se encontram, considerando principalmente o meio social e educacional. Por isso, é de suma importância compreender sua identidade e suas especificidades, para que possamos explicitar a precisão de se pensar em uma educação de qualidade para esses povos.

## 1. CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DOS POVOS QUILOMBOLAS

Quando falamos sobre o contexto histórico e a cultura dos povos quilombolas, nos remetemos a entender um passado cheio de lutas e desafios. Enfrentamento esse que dá desde os tempos remotos, quando os negros eram severamente escravizados, até os dias atuais, onde os mesmos lutam por direitos iguais, direitos territoriais e educacionais.

Furtado *et al.* (2014, p. 3) diz o seguinte:

A análise histórico-cultural proposta baseia-se na interpretação da cultura quilombola, com suas particularidades e singularidades inerentes ao contexto em questão. A cultura, compreendida como uma construção de significados criados pelos sujeitos imprime autenticidade ao universo simbólico analisado, e nos permite perceber a lógica social envolvida. Assim, em busca de um caminho possível para compreender a cultura quilombola, deve-se partir do imaginário social construído por seus sujeitos, que nos remete a um passado comum de escravidão, lutas, fugas e constituição de quilombos.

Ao tratarmos da cultura quilombola, estamos adentrando um aspecto constituído por interesses significativos para eles, um universo repleto de autenticidade, simbologia, e conhecimentos significativos. Toda essa questão é de suma necessidade, isso porque é por meio de sua cultura, que eles encontram um alicerce em suas raízes, onde podem expressar suas crenças, religiosidades, costumes e afins.

(...) os conteúdos simbólico-afetivos emergem dentro de maneira distinta para cada indivíduo, a partir de experiências sociais e pessoais, sendo carregados de valor e afeto. Os significados são constituídos socialmente, e por serem simbólicos se constituem enquanto elementos culturais. Dessa forma, podemos nos referir a representações, crenças, valores, memórias e ainda, a língua, a religião, história, festas públicas, datas comemorativas, etc. Diante disso, devemos ressaltar que pertencer a um grupo depende do compartilhamento desses conteúdos, de forma idiossincrática e individual, uma vez que a percepção depende do entendimento subjetivo, das afinidades e semelhanças de cada sujeito. (FURTADO, *et al.*, 2014, p. 9)

Portanto, essa questão cultural é embasada nessa relação de trocas e compartilhamentos entre interesses significativos e simbólicos, sempre preservando os aspectos interligados de seu passado, sejam eles no contexto cultural, social ou político.

Os quilombos têm suas marcas registadas quando o assunto é a escravidão, no período colonial e imperial, uma era marcada pela divisão de classes, nobreza, burguesia e colonos. O Brasil era formado de terras habitadas por negros, índios e europeus, onde os mesmos foram escravizados por anos e anos no Brasil.

“O Brasil traz em sua história o tráfico e comércio de africanos e africanos vindos de várias partes da África. Foi o país que por último aboliu legalmente a escravidão, e o que mais importou escravos. Os primeiros africanos chegaram ao Brasil em 1554. Foram, portanto, 316 anos de escravidão. Os escravos brasileiros constituíam-se, em sua maioria, por negros africanos e, ainda que existissem índios, estes eram escassos nos trabalhos mais pesados”.(FURTADO, *et al.* , 2014, p. 3)

De acordo com a citação acima, o Brasil foi o último país a abolir a escravidão, e o mais chocante, foi o que mais importou escravos no mundo. Estes escravos negros africanos eram colocados para executar os trabalhos mais pesados, enquanto os demais afrodescendentes ficavam com outros afazeres.

A existência dos quilombos evidencia a ideia de que a escravidão ocorreu a partir de relações violentas e hostis. Além disso, a distribuição dos escravizados e o tráfico se deram em grandes proporções em nosso território, o que ressalta a relevância da escravidão para a constituição e formação histórico-cultural da identidade brasileira. Esses aspectos, nem sempre visíveis, são relativos à história e à trajetória de inúmeros indivíduos, e não se referem exclusivamente às noções de raça ou de etnia, mas demarcam relações de hierarquia e fronteiras sociais presentes na sociedade brasileira. (FURTADO, *et al.* , 2014 p. 4)

Devido toda essa escravização, os negros começaram a se rebelar contra aquele sistema de opressão e de posse sobre eles. Quando ocorriam essas revoltas, eles fugiam e se escondiam em lugares propícios para que ninguém os achasse, o que por muitas vezes acabava dando certo, mas se fossem pegos pagariam o preço por meio de punições, castigos e até com suas vidas, para servirem de exemplos aos demais escravos. Como visto, os povos quilombolas tem em sua bagagem histórico-cultural, um passado repleto de sofrimentos e desafios recorrentes a escravidão sofrida, por isso, devido a importância

de se retratar o presente tema, veremos a seguir, um pouco sobre a luta constante dos quilombolas para conquistar seus direitos.

## **2. A LUTA DOS POVOS QUILOMBOLAS PELOS SEUS DIREITOS**

Durante todo o percurso de suas vidas os quilombos têm lutado em prol de conquistar os seus direitos enquanto cidadãos, são inúmeros os desafios que estes povos tem enfrentando vem desde seu contexto histórico e cultural inicialmente no período da escravidão e partindo daí para busca da liberdade, luta pela posse de suas terras, a busca de seu reconhecimento enquanto sujeito de valor independente da cor da pele, raça, etnia ou sua religião

Os povos quilombolas buscam constantemente a sua garantia do Direito a Terra que foi historicamente conquistada por eles, terra essa onde os mesmos carregam e constroem consigo as suas origens, costumes e valores.

Em 1888 houve a abolição da escravidão, e restaram aos escravizados duas possibilidades: fixarem-se nas periferias urbanas, opção escolhida por muitos ex-escravos urbanos, ou refugiarem-se nas comunidades quilombolas, embrenhando-se na mata atrás de refúgio. Esta última opção foi eleita pela maioria daqueles pertencentes à área rural. Houve também casos de escravos abandonados por seus senhores e que se organizaram em comunidades para buscar sobrevivência. Consequentemente, os que buscaram refúgio nas áreas rurais, acabaram por se isolar em comunidades quilombolas distantes das cidades, tendo como justificativa o medo de que a Lei Áurea viesse a ser revogada e que o sistema escravocrata retornasse ao país. (FURTADO, *et al.*, 2014 p. 4 *apud* Barreto, 2006).

No dia 13 de maio de 1888, foi sancionada a LEI AUREA (Lei nº 3,353) Onde concedia-se a liberdade total de escravos, a partir daí os escravos foram procurar lugares para se abrigarem, podendo escolher entre as periferias urbanas ou se refugiarem em comunidades quilombolas, muitos desses escravos escolheram se abrigarem em lugares distantes das cidades, no meio rural pois com todas as coisas que eles já viveram no período da escravidão tinham medo de que a lei viesse a ser revogada e seu direito de liberdade não viria a existir sendo assim levados novamente como escravos.

Porém, engana-se quem pensa que a abolição da escravidão ocorreu facilmente, foram por meio de lutas e tempos difíceis que se conseguiu a liberdade escravocrata. De acordo com SILVA (S/D), o fim da escravidão se deu devido os seguintes fatores;



A abolição da escravidão foi um tema que atravessou o debate político no Brasil, durante o século XIX. Em 1850, em decorrência da pressão dos ingleses, foi aprovada, no Brasil, a Lei Eusébio de Queirós, lei que proibia o tráfico negreiro; Grandes nomes do abolicionismo brasileiro foram Luís Gama, André Rebouças e José do Patrocínio; A Confederação Abolicionista foi a maior associação abolicionista do país e organizou ações pela causa no Brasil; Algumas leis abolicionistas aprovadas durante o percurso foram a Lei do Ventre Livre e Lei dos Sexagenários; Os movimentos abolicionistas organizavam-se de diversas formas, como divulgando panfletos, organizando conferências etc. Os escravos também resistiram, organizando fugas, revoltando-se contra seus senhores etc. (SILVA, S/D).

A partir daí com o fim da escravidão, os quilombos logo procuraram um lugar para ficarem, onde escolheram tomar posse de pequenos pedaços de terras. Porém a legalidade da época não aprovava nenhum tipo de negociação com eles, a não ser a compra das terras. Em decorrência disso, em 1850 foi instituída a Lei De Terras, onde determinava que os negros e seus descendentes não poderiam usufruir das Terras em que estavam apossados.

Os negros foram sistematicamente expulsos ou removidos dos lugares que haviam escolhido para viver, mesmo quando a terra chegou a ser comprada ou herdada dos antigos senhores através de testamento lavrado em cartório, pois a referida lei excluía a possibilidade de aquisição de terra que não se desse por compra (FURTADO, *et al.*, 2014, p. 5 *apud* Leite, 2000).

Mesmo após a abolição da escravidão estes povos ainda sofrem perseguições de pessoas com cargos superiores, são desvalorizados, a luta dos quilombolas tem sido constante não é somente pelo direito a liberdade mais pelo seu reconhecimento e valorização enquanto sujeito, pessoas essas que merecem ter o seu espaço, que necessitam de cuidado e apoio.

Nos dias atuais não tem sido diferente, esses povos tem sido deixado de lado, não sendo valorizados enquanto cidadãos de direito até mesmo por órgãos governamentais, que simplesmente os deixam de lado. Sofrem preconceito e discriminação pela sua cultura, descendência negra, e pelos espaços habitacionais em que se ocupam que por muita das vezes serem afastados não recebem o devido apoio estando em condições precárias.

E mesmo com o passar do tempo ainda continuam sendo perseguidos por pessoas de cargos superiores como no passado sendo estes grandes proprietários de empresas agrícolas e fazendeiros rurais que se sentem incomodados com a presença desses povos

perto de suas terras e fazendas querendo de todo jeito tirar eles de lá sem ao menos se importar com as condições e com as famílias que se abrigam no local.

Retomando ao contexto histórico passado da luta destes povos , sem muito o que fazer, por não possuir uma documentação específica de compra do território ou direito da terra atribuído como pagamento de seu trabalho , estes recorreram em morar em comunidades locais ou abrigaram-se em quilombos, que antes eram seus refúgios e passaram a ser moradias fixas. Portanto, ao falarmos de todo esse contexto histórico, nos remetendo a questão das terras, é fundamental dizer que foi um passado de injustiças e de muita luta até hoje ainda tem sido, Mas por meio de todos esses desafios enfrentados, os povos quilombolas reafirmaram suas origens em todos os aspectos, principalmente no âmbito cultural e histórico, valorizando suas histórias e seus valores sociais.

A questão territorial, ao remeter os quilombolas a um passado de luta, os faz reviver memórias e sentimentos relatados por seus antepassados e reafirma uma situação de instabilidade e injustiça, comum desde o passado desses sujeitos. Em momentos anteriores, ligados às narrativas do período da escravidão e à constituição dos quilombos, em que era comum a exclusão dos ex-escravos do direito de posse da terra, esses indivíduos buscaram isolamento como estratégia para reafirmar seus valores e cultura de origem africana. (FURTADO, *et al.* 2014, p. 5).

É nítido perceber que o contexto histórico e cultural dos povos quilombolas é marcado por muitas lutas, sofrimentos e revoltas, mas que passam por uma mudança gradativa com relação a liberdade de poder ser quem eles realmente são, de poderem expressar suas crenças, religiões, costumes, e suas identidades advindas de seus valores e no que acreditam.

Ao analisar esse contexto histórico e cultural , é importante se pensar dentro da educação num currículo específico que atenda a esses sujeitos, que considere a sua origem, a sua jornada de vida, o território em que habitam, os seus valores e os seus conhecimentos onde segundo Campos Apud Sacristán (2000) :

É preciso entender o contexto sociocultural dessas comunidades, uma educação que traga envolvimento com a história desses sujeitos sociais para que se reconheça e queiram ser cada vez mais reconhecidos na sociedade em geral. “O currículo se expressa em usos práticos, que, além disso, tem outros determinantes e uma história” ( CAMPOS,p.15, Apud SACRISTÁN, 2000, p. 202).

É necessário que o professor educador tenha uma formação que atenda as necessidades desses sujeitos, que reconheça que é importante valorizar e compreender as práticas culturais destes povos, como é organização desses espaços territoriais ocupados por eles, é preciso que no currículo elaborado pelo professor e pela comunidade escolar a demanda seja voltada a atender as especificidades desta cultura, que aborde desde do contexto histórico que é marcado pela luta dos direitos, pela escravidão, pela busca de reconhecimento e valorização, de acordo com (BRASIL, 2012):

Artigo 34 O currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades. § 1º Os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola devem ser construídos a partir dos valores e interesses das comunidades quilombolas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definidos nos projetos políticopedagógicos. § 2º O currículo deve considerar, na sua organização e prática, os contextos socioculturais, regionais e territoriais das comunidades quilombolas em seus projetos de Educação Escolar Quilombola. Artigo 35 O currículo da Educação Escolar Quilombola, obedecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas para todas as etapas e modalidades da Educação Básica, deverá: I - garantir ao educando o direito a conhecer o conceito, a história dos quilombos no Brasil, o protagonismo do movimento quilombola e do movimento negro, assim como o seu histórico de lutas; II – implementar a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, nos termos da Lei nº 9.394/96, na redação dada pela Lei nº 10.639/2003, e da Resolução CNE/CP nº 1/2004; III - reconhecer a história e a cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional, considerando as mudanças, as recriações e as ressignificações históricas e socioculturais que estruturam as concepções de vida dos afro-brasileiros na diáspora africana; IV - promover o fortalecimento da identidade étnico-racial, da história e cultura afro-brasileira e africana ressignificada, recriada e reterritorializada nos territórios quilombolas; (BRASIL, 2012, p.13)

De acordo com a legislação percebe-se então o quanto é importante se pensar na elaboração do currículo escolar para a comunidade quilombola, que garanta a esses indivíduos as determinadas especificidades presentes na lei, considerando que currículo é todos os movimentos sociais, os fenômenos, as lutas, as conquistas, a história e o contexto desses sujeitos, advindo desde seus antepassados para os sujeitos atuais.

Contudo retomando ao contexto histórico passado após todos os acontecimentos e a inconstante busca pela posse de seus direitos, no ano de 1988 Segundo Brandão (2005) Apud (BRASIL, 1988) A constituição Federal prevê no art. 68 do Ato das Disposições

Constitucionais Transitórias o seguinte: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

A partir daí todos aqueles “remanescentes” de quilombos, ou seja, os descendentes de escravos que viveram nas comunidades quilombolas, ou que ocupam a suas terras teriam então o direito a posse dessas propriedades com documentações lavradas e emitidas pelo próprio estado podendo eles fazerem proveito para seu benefício próprio e nenhum sujeito qualquer poderia os expulsá-los.

Com essa conquista esses povos começam a ter um pouco mais de reconhecimento, podendo se construir socialmente e passando então a ter novos significados dentro dessas comunidades, pois desde o momento em que um sujeito ele ocupa um espaço, ele passa a ser visto com outros olhares e tem uma legalidade que garante a ele seus direitos.

Sendo assim a partir deste pressuposto mesmo que de forma indireta vem surgindo uma contribuição para a educação, pois os povos quilombolas assim como todas as outras culturas eles carecem e necessitam da educação, e quando esses espaços passam a ser reconhecidos legalmente começam se abrir leques para construção de uma escola que atenda essa comunidade nesses locais, e busca-se formação de professores que contemplem o contexto histórico e cultural desses sujeitos. Para melhor entendimento, iremos discorrer sobre a educação quilombola e os seus desafios atualmente em nosso país, assegurando como está a atuação situação desses povos no âmbito educacional.

### **3. A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E OS SEUS DESAFIOS ATUALMENTE NO BRASIL.**

Os povos quilombolas conseguiram a garantia de suas propriedades mantidas na lei de 1988, porém não é somente esta luta que eles tem enfrentado pois assim como em toda e qualquer sociedade são muitos os direitos que o cidadão possui e isso não exclui esses sujeitos.

Estes povos tem buscado a cada dia inserir-se e lutar por uma ocupação na política para que com isso possam ser compreendidos e terem visibilidade, pois não basta

somente garantir a eles a propriedade de suas terras mais abandonar e largar como descaso esses espaços ocupacionais.

Pensando nessa perspectiva a educação quilombola é um fenômeno que deve ser questionado, A relatora, destaca no Parecer Homologado a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola Gomes (2012) trazendo que:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (GOMES, 2012 et al p. 42)

A educação escolar quilombola ela é desenvolvida dentro do território ocupacional destes povos, os quilombos buscam que esta educação seja a eles ofertada levando em consideração a sua própria cultura, a especificidade do contexto em que estão inseridos e a formação específica dos professores sendo estes sujeitos conhecedores dos costumes, dos valores destes povos.

Não basta ensinar a eles o contexto geral sem levar em consideração a realidade a origem em que estão inseridos vai muito além, pois são pessoas carregadas de bagagens e princípios próprios. A relatora Gomes (2012) nos remete ainda no Parecer Homologado de acordo com a Conferência Nacional de Educação CONAE (2010) que :

[...] a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão: a) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional. b) Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo, observando o cuidado com o meio ambiente e a geografia local. c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/às profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo. d) Garantir a participação de representantes quilombolas na composição dos conselhos referentes à educação, nos três entes federados. e) Instituir um programa específico de licenciatura para quilombolas, para garantir a valorização e a preservação cultural dessas comunidades étnicas. f) Garantir aos professores/as quilombolas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização. g) Instituir o Plano Nacional de Educação Quilombola, visando à valorização plena das culturas das comunidades quilombolas, à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica. h) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja

exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas. (GOMES, 2012 Apud C0NAE, 2010, p. 131-132).

Percebe-se com a citação que os povos quilombolas buscam por meio da legislação que sejam assegurados a eles, uma educação de qualidade voltada especificamente para sua cultura pensando desde a infraestrutura desses espaços ocupados, no transporte ofertado a essa população, no respeito as suas manifestações culturais, nos costumes alimentares no cuidado e preservação do ambiente em que estão inseridos.

Estes buscam também a representação de quilombos nos conselhos que envolvem a educação tanto na União quanto no Estado ou Municípios para que estes venham representar o seu povo tendo vez e voz no meio social pois com essa ocupação poderão reivindicar e buscar melhorias para a sua educação.

No Brasil ainda são muitos os desafios que as comunidades quilombolas tem enfrentado referente a educação pois mesmo com os seus direitos intitulados ainda encontram-se em situações precárias segundo BRASIL (2018) :

Levantamento feito pela Fundação Cultural Palmares, órgão do Ministério da Cultura, aponta a existência de 1.209 comunidades remanescentes de quilombos certificadas e 143 áreas com terras já tituladas. Existem comunidades remanescentes de quilombos em quase todos os estados, exceto no Acre, Roraima e no Distrito Federal. Os que possuem o maior número de comunidades remanescentes de quilombos são Bahia (229), Maranhão (112), Minas Gerais (89) e Pará (81). (BRASIL, 2018)

De acordo com a citação percebe-se um grande numero de comunidades remanescentes de quilombolas presentes em nosso pais ainda segundo BRASIL (2018):

Estudos realizados sobre a situação dessas localidades demonstram que as unidades educacionais estão longe das residências dos alunos e as condições de estrutura são precárias, geralmente construídas de palha ou de pau-a-pique. Há escassez de água potável e as instalações sanitárias são inadequadas. De acordo com o Censo Escolar de 2007, o Brasil tem aproximadamente 151 mil alunos matriculados em 1.253 escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos. Quase 75% destas matrículas estão concentradas na região Nordeste. A maioria dos professores não é capacitada adequadamente e o número é insuficiente para atender à demanda. Em muitos casos, uma professora ministra aulas para turmas multisseriadas. Poucas comunidades têm unidade educacional com o ensino fundamental completo. (BRASIL, 2018)

Percebe-se então de acordo com (BRASIL, 2018) a precariedade que as comunidades remanescentes de quilombolas tem enfrentado, ou seja a luta pelos seus

direitos são constantes dia após dia pois é um descaso profundo com a população sem a educação escolar merecida muitos desses sujeitos não conseguem nem concluir a educação básica quem dirá exercer um cargo melhor na sociedade. É importante compreender então a cultura desses sujeitos, respeita-los em quanto cidadãos e independente da sua origem, cor, pele ou raça todos nós somos carregados de valores, crenças e costumes e não porque estes povos vieram de um passado tortuoso que merecem serem largados ou esquecidos.

Pensar na educação é pensar em todos os sujeitos que estão em nosso convívio social, independente da inerente cultura em que estão inseridos todos nós temos as mesmas garantias e direitos constitucionais. Contudo, veremos a seguir as conquistas no meio social interligadas pela educação quilombola.

#### **4. AS CONQUISTAS SOCIAIS ADQUIRIDAS POR INTERMÉDIO DA EDUCAÇÃO.**

Como visto acima, os remanescentes de quilombos no Brasil, contestam incansavelmente a valorização de sua cultura, seus direitos enquanto educacionais, sociais, culturais e fundamentais perante a lei, buscam também se inserir na sociedade como sujeitos históricos, que trazem em suas bagagens conhecimentos significativos e suas especificidades contributivas para o meio social. Para que isso ocorra, é necessário frisar em políticas públicas voltadas para os mesmos, já que desde os tempos remotos, são alvos de discriminação e preconceito.

Partindo do pressuposto das ações políticas, direitos humanos e os direitos garantidos e reafirmados perante a lei, Gomes (2007, p. 22) vai nos dizer que:

Com o domínio de informações acerca dos direitos humanos, das políticas públicas e dos direitos garantidos em lei, imprescindíveis à sua luta, os (as) quilombolas poderão exigir a garantia de seus direitos de forma efetiva, intervindo e participando de forma mais qualificada. Assim, para que se consolide o Estado Democrático de Direito, a representação quilombola deve estar organizada em associações, como já ocorre, pois no âmbito organizacional, os quilombolas, por meio de suas associações comunitárias, clube de mães, associações de trabalhadores rurais, dentre outras, vêm se auto reconhecendo como remanescentes de EDUCAÇÃO QUILOMBOLA. 23 . quilombos e fortalecendo a sua luta pela titulação dos territórios. No âmbito nacional, desde 1995, os movimentos sociais quilombolas também vêm se organizando na Conaq – Coordenação Nacional de Quilombos, a partir das associações locais, nos municípios e nos estados-membros. Porém, se essas associações, antes, tinham um certo nível de informalidade, hoje a exigência é que se constituam de maneira formal e jurídica. A organização política implica a compreensão dos instrumentos políticos, dos marcos regulatórios, passa pela

formalização de saber empírico em um saber mais formal de representação política. As organizações sociais são importantes como parte do controle social das políticas públicas e as organizações sociais quilombolas são partes integrantes desse universo. (GOMES, 2007, p. 22)

A partir dessas organizações os povos quilombolas, vem garantindo as suas conquistas sendo essas ainda mínimas, mais um bom começo uma delas e início de seu reconhecimento social é a titulação de suas terras onde segundo o site da CONAQ (Cordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas) :

A partir do Decreto nº 4.887/2003, do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi concedido a essas populações o direito à auto-atribuição como único critério para identificação das comunidades quilombolas, tendo como fundamentação a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que prevê o direito de autodeterminação dos povos indígenas e tribais. Até o momento não há um consenso acerca do número preciso de comunidades quilombolas no país, mas dados oficiais vindos da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), autarquia responsável pelo processo administrativo de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos Remanescentes de Comunidades dos Quilombos são Atualmente são 2847 comunidades Certificadas no Brasil, 1533 processos abertos no INCRA e 154 das terras quilombolas tituladas em todo o Brasil, 80% delas regularizadas pelos governos estaduais.

De acordo com a citação percebemos um grande numero de comunidades quilombolas já identificadas e reconhecidas em nosso país, e mais da metade apresentam regularização governamental, sendo 154 terras que já possuem a sua titulação e outras que estão aguardando o processo, sendo um bom começo para essas comunidades que antes nem eram vistas.

Outro pilar conquistado pelos quilombos é no âmbito educacional ou seja a legislação garantiu a essas comunidades vários direitos educacionais sendo um deles a oferta dessa educação dentro de suas respectivas comunidades respeitando e valorizando a sua cultura, crenças e valores e a criação de currículos voltados para essas respectivas comunidades, porém De acordo com Campos e Gallinari (2017) Apud Miranda (2012) cabe ressaltar :

[...] é possível compreender que a implantação da educação quilombola desestabilizou os estigmas sociais de inserção subalterna da população negra na sociedade - e no sistema escolar. Apesar de sua existência e regulamentação, ainda assim encontra-se em situação adversa, pois não há escolas em todas as comunidades, e, quando lá estão, as condições são extremamente precárias, tanto no funcionamento quanto na estrutura.( Campos , Gallinari; 2017, p. 10. Apud Miranda, 2012)



Percebe-se então que mesmo que haja esta conquista garantida estas comunidades ainda sofrem, pois muitas comunidades ainda não possuem este acesso a educação dentro de suas localidades e outras quando a eles são ofertadas encontram-se em situações precárias e falta de ensino qualificado, onde ainda de acordo com Campos e Gallinari (2017):

No Brasil, em números gerais e de acordo com os dados - de 2016 - da Fundação Cultural Palmares, existem 2.847 CRQs e 2.248 instituições de ensino localizadas em comunidades quilombolas. Tomando tais dados como base, totaliza-se que as escolas estão presentes em aproximadamente 79% dos territórios quilombolas brasileiros, entretanto a sua presença não assegura que a Educação Escolar Quilombola seja baseada nas Diretrizes Curriculares e que a escola tenha um espaço físico satisfatório. (Campos, Gallinari ,2017 p.15)

Compreende-se então que ainda a muito que ser feito por essas comunidades para que verdadeiramente possamos falar em conquistas pois não basta estar presente na lei e ter o espaço é necessário se preocupar com a oferta, com a qualificação com o publico alvo e com a estruturação da localidade. A busca destes povos vem desde os tempos passados e esta presente até os dias de hoje cada conquista é uma luta nova, é um processo novo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo foi de tamanha relevância para o nosso conhecimento sobre o tema abordado, pois através dele é possível perceber o quão importante e necessário é compreender outras culturas, as suas especificidades, os desafios decorrentes, e os aspectos inseridos sendo esta pesquisa principalmente voltada para contexto dos povos quilombola.

Foi possível compreender um pouco sobre o passado desses povos, o seu contexto histórico e cultural, frisando desde os tempos remotos até a atualidade. E com isso aprofundar um pouco sobre como tem sido a educação ofertada a essas comunidades que através da pesquisa podemos perceber que ainda tem muito o que ser feito, pois quando ofertada esta educação encontra-se em situações precárias.

Por meio deste artigo, destacamos então a luta constante e árdua dos quilombolas em busca de seus direitos, direitos esses que muita das vezes se encontram ainda somente escritos em um papel, mais que tem sido motivos de muitas lutas e buscas para se alcançar

e que por meio da persistência e resistência é notório que estes sujeitos estão conquistando aos poucos o seu reconhecimento dentro da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BOCCATO, Vera; Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo 2006 set-dez; 18(3)265-74. Disponível em: <[http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista\\_odontologia/pdf/setembro\\_dezembro\\_2006/metodologia\\_pesquisa\\_bibliografica.pdf](http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf)> Acesso em : 22 de setembro de 2020.

BRANDÃO, Virginia ITER/MG. Procuradoria Jurídica / PUC MINAS. NUJUP Rua Dom José Gaspar, 365. CEP: 30.535-610 [virginia.brandao@iter.mg.gov.br](mailto:virginia.brandao@iter.mg.gov.br) II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades Belo Horizonte, de 8 a 11 de outubro de 2013.

BRASIL, Resolução cne/ceb nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica Disponível em:<[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso\\_2013/PDFs/resol\\_federal\\_8\\_12.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_8_12.pdf)> Acesso em: 14 de outubro de 2020.

CAMPOS, Cássia; GALLINARI, Tainara; A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil REVISTA NERA – ANO 20, Nº. 35 – JANEIRO/ABRIL DE 2017 – ISSN: 1806-6755 Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/viewFile/4894/3688>> Acesso em: 18 de outubro de 2020.

CAMPOS, Laís. - EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E O CURRÍCULO ESCOLAR HISTÓRICO-CULTURAL: OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE UM QUILOMBO EM SÃO MIGUEL (PA) -UFPA/Brasil [lalacampos68@hotmail.com](mailto:lalacampos68@hotmail.com) Disponível em:<

[https://anpae.org.br/IBERO AMERICANO IV/GT4/GT4 Comunicacao/LaisRodriguesCampos GT4 Integral.pdf](https://anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT4/GT4_Comunicacao/LaisRodriguesCampos_GT4_Integral.pdf)> Acesso em : 14 de outubro de 2020.

CONAQ- Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – [conaqadm@gmail.com](mailto:conaqadm@gmail.com) Disponível em : < <http://conaq.org.br/> > Acesso em : 18 de outubro de 2020.

Furtado, M. B., Sucupira, R. L., & Alves, C. B. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/12.pdf>>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

GOMES, Nilma. PARECER HOMOLOGADO Despacho do Ministro, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO publicado no D.O.U. de 20/11/2012, Seção 1, Pág. 8. Disponível em:<[http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes curric educ quilombola.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf) > Acesso em: 23 de setembro de 2020.

GOMES, Verônica. Organização social, festas e lideranças, 2007. Disponível em:<<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Educacao-quilombola.pdf>>. Acesso em 16 de outubro de 2020.

SILVA, Daniel Neves. "Abolição da escravatura"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-abolicao-escravatura.htm>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

## FORMAÇÃO DO PROFESSOR INDÍGENA

Letícia Saraiva dos Santos<sup>19</sup>

Thainara Maiberg Karlinsk<sup>20</sup>

Rosely Santos de Almeida<sup>21</sup>

### Resumo

O artigo pretende fornecer uma breve análise crítica sobre a educação indígena, centrando no aprofundamento do currículo intercultural e a formação adequada de professores no bilinguismo, buscando sempre a preservação dos costumes tradicionais dos povos. Cada comunidade conta sua história e tem seu modo de vida, as formas de conhecimento vão sendo ampliadas com o passar dos anos. É preciso buscar meios de ensino intercultural que agregue todas as culturas e suas particularidades. Orellana (2018, p.313) afirma que “[...] as sociedades indígenas, desde os primeiros contatos com a sociedade nacional, conheceram as práticas e os modelos educacionais impostos de acordo com os objetivos de cada instituição [...]”. O currículo deve adequar-se e atender as necessidades e a realidade desses locais, onde a relação entre os conhecimentos tradicionais e os novos conhecimentos poderão se articular de forma equilibrada. Os povos indígenas possuem uma pluralidade entre étnica e cultural, e independente dessas diversidades todos buscam a igualdade de respeito. Por isso se deve ter o apoio político-pedagógico aos sistemas de ensino para a ampliação da educação escolar em terras indígenas, proporcionando assim uma formação intercultural com vista ao exercício de uma formação mais ampla, igualitária, social e de cidadania, pautada no respeito às diferenças sociolinguísticas.

Palavras-chave: Educação indígena, bilinguismo, currículo, professores.

### Abstrat

---

<sup>19</sup> Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – EDUVALE (Jaciara-MT).

<sup>20</sup> Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – EDUVALE (Jaciara-MT).

<sup>21</sup> Professora Mestre em Educação pela ICHS/UFMT, especialista em coordenação pedagógica pelo MEC/UFMT, especialista em planejamento educacional para instituição Salgado Filho, pedagoga pela UFMT.

The article intends to provide a brief critical analysis of indigenous education, focusing on deepening the intercultural curriculum and the adequate training of teachers in bilingualism, always seeking to preserve the traditional customs of the peoples. Each community tells its story and has its way of life, the forms of knowledge are expanded over the years. It is necessary to look for intercultural teaching methods that aggregate all cultures and their particularities. Orellana (2018, p.313) states that “[...] indigenous societies, from the first contacts with the national society, knew the educational practices and models imposed according to the objectives of each institution [...]”. The curriculum must adapt and meet the needs and reality of these places, where the relationship between traditional knowledge and new knowledge can be articulated in a balanced way. Indigenous peoples have a plurality between ethnic and cultural, and regardless of these diversities, everyone seeks equality of respect. For this reason, political and pedagogical support should be given to education systems for the expansion of school education in indigenous lands, thus providing intercultural training with a view to exercising a broader, egalitarian, social and citizenship training, based on respect for sociolinguistic differences.

Keywords: indigenous education, bilingualism, curriculum and teachers.

## 1. Introdução

### 2.

Os povos indígenas têm uma cultura que se manifesta diferente aos demais povos vêm de uma história de luta e sobrevivência. Que os faz manter com vitalidade seus saberes tradicionais e mantendo-os ligados aos seus antepassados. Expressão as tradições de várias formas, como por exemplo, nas pinturas corporais, nas confecções de artesanatos, em especial os de barro, nas artes plumárias (cocares), nos rituais de danças e de ritos de passagens. Nas aldeias ensina a se pescar, a plantar, caçar e entre outros. “A educação desenvolvida pelos povos indígenas lhes permite que continuem sendo eles mesmos e mantenham a transmissão de suas culturas por gerações”. (MELIÀ, 1979, p.1)

Apesar dos esforços para uma educação intercultural e bilíngue, ainda há um longo caminho para que se alcance uma educação de qualidade? O ensinar e o aprender nas sociedades indígenas são ações incorporadas à rotina do dia a dia. Segundo Ladeira (2004, p.143) “a escola vem sendo pensada como possibilidade de que os grupos indígenas se incluam na sociedade”. Os processos de escolarização devem considerar e respeitar o conhecimento a ser construído na sua cultura, não com o intuito de substituí-

los, mas de usá-los como um processo que permita a cada estudante sentir-se parte integrante dele.

O presente artigo teve como objetivo geral: evidenciar a formação de professores indígena. E utilizamos como Objetivos Específicos: Explicitar a trajetória da história da educação indígena; Analisar a formação de professores na educação indígena; Demonstra o currículo para a educação indígena.

Todos os Estado deveriam garantir aos índios não apenas o direito a terra (moradia), mas também o direito a educação multicultural de qualidade para cada grupo indígena com professores capacitados para exercer essa responsabilidade de preservação dos costumes, línguas, crenças e tradições, através da formação de professores.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho será a partir de pesquisas bibliográficas, utilizando métodos de abordagem qualitativa. Segundo (MINAYO, 1994, p.21) “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com o nível de realidade que não pode ser quantificado”.

A pesquisa bibliográfica será elaborada com base em conteúdos já publicados, como livros, revistas, artigos, jornais, entre outros publicados nas redes de comunicação, serão citados em conformidade com as normas da ABNT. Utilizamos como recurso para construção deste projeto: livros e artigos científicos e um notebook.

## **2.1 Trajetória histórica.**

A educação escolar indígena no Brasil era imposto aos povos com intuito de catequizá-los e civilizá-los, sendo assim, sua cultura era oprimida e desvalorizada. “A escola indígena passou por quatro fases: a fase no período do Brasil Colônia voltada a catequização e “civilização” dos indígenas sob a responsabilidade dos missionários católicos, destacando-se os jesuítas”. (BETTIOL; LEITE, 2017, p. 12834)

“[...] a escola surge nas aldeias a partir do momento do contato com os não indígenas e na sua trajetória atendeu a objetivos diferenciados que foram desde à cristianização dos indígenas pela catequese à sua integração à sociedade nacional , até chegar à configuração atual de uma educação escolar comunitária, específica, diferenciada, intercultural e bilíngue conforme a legislação em vigor”. (BETTIOL; LEITE, 2017, p. 12834)

A partir desse primeiro contato surgiu à necessidade do ensino imposta perante os índios, para terem uma melhor compreensão do que ocorre ao seu redor. Assim vão surgindo novas demandas e novos conhecimentos que necessitam ter, que são imposta pela sociedade que está aos arredores da aldeia.

“A segunda fase, demarcada pela criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), em 1910 se estendeu até a política educativa da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) com o discurso de alfabetização na língua materna e a integração dos indígenas à sociedade nacional”. (BETTIOL; LEITE, 2017, p. 12834)

No segundo momento vem a necessidade também do estudo da língua materna dos índios e o ensinamento da nova linguagem, necessitam ter esse novo conhecimento para entender melhor e poder interpretar o que está ao seu redor.

Conforme Bettiol e Leite (2017, p.12834), a terceira fase inicia-se nos últimos anos da década de 1960 e os anos de 1970 com o surgimento de organizações indigenistas não governamentais e a formação do movimento indígena, foi marcada pelas reivindicações de uma educação específica e diferenciada. O mesmo ainda da continuidade apontando sobre a quarta fase:

“A quarta fase, a partir da década de 1980, é marcada pelo protagonismo indígena com propostas alternativas para a própria educação. A Constituição Federal de 1988 é o grande expoente desta fase e inaugura uma nova forma de relação entre os indígenas e a sociedade brasileira. Nesta nova relação a educação escolar indígena passa a fazer parte do rol de responsabilidades do Ministério da Educação (BRASIL) a partir dos anos de 1990”. (BETTIOL; LEITE, 2017, p. 12834)

Com essas novas propostas é mais valorizado, sendo assim, mais reconhecidos e tendo uma nova forma de relação. A relação dos índios com a sociedade se torna mais

consistente por meio da comunicação e interação entre eles. “Em 1991, o Ministério de Educação e Desporto/MEC passa a responder pela complexa coordenação das novas ações educacionais para indígenas, dentro do corpo maior da educação para todos os brasileiros [...]”. (MONTE, 2000, p.8) Contudo Ladeira (2004, p.143) afirma que:

O desafio da educação escolar indígena é se propor um sistema de ensino de qualidade e diferenciado, no sentido de atender as especificidades de um povo diferente da sociedade, considerando que seus horizontes de futuro não são os mesmos que os nossos, e não reduzir a questão ao atendimento por meio dos programas de inclusão social dos anseios individuais, ainda que legítimos, de alguns dos estudantes indígenas. (LADEIRA, 2004, p.143)

Quanto à educação escolar indígena, estamos pontuando um ensino em que foi criado devido o processo de contato com os povos não indígenas. No decorrer da escolarização os alunos aprendem e refletem sobre as habilidades e conhecimentos necessários para a reprodução social de seu povo e a definição dos professores indígenas como intelectuais críticos e pensantes na construção das relações com a sociedade. Assim, se desenvolveu um ensino nessas comunidades para os conhecimentos que vem desse novo mundo.

“[...] várias sociedades indígenas, ao longo dos últimos anos, vêm defendendo a educação intercultural para a "manutenção, recuperação e resgate" de suas identidades indígenas diversas e comuns, fundadas em sua cosmovisão e em seus processos de aprendizagem particulares. Ao mesmo tempo, sua formulação intercultural e bilíngue reflete a vontade de participarem de forma determinada, e autodeterminada, das chamadas sociedades nacionais nas quais sobrevivem à margem e marginalizados como sociedades minoritárias [...]”. (MONTE, 2000, p.22)

As comunidades indígenas possuem diversidades culturais que os distinguem entre si, impossibilitando uma tentativa de homogeneização para defini-los. Essas diversidades são constituídas pelas diferentes localizações territoriais, que os tornam singulares em alguns aspectos e plurais no enfrentamento pela sobrevivência. Implicando nos processos educativos entre outros.

“[...] a percepção de que a escolarização de alunos indígenas fosse conduzida por professores indígenas começou a se instalar, no Brasil, somente a partir da década de 70”. Assim, grande parte dos professores



indígenas iniciou sua atividade docente antes mesmo de receber uma formação específica e, muitas vezes, a sua referência de professor e trabalho docente foi a dos professores não índios. (BETTIOL; LEITE, 2017, p. 12832)

Sendo assim os professores indígenas demoram muito para pode adquirir a sua formação específica, pois antes quem dava aula era os não índios, ou seja, os povos de fora das aldeias. Orellana (2018, p.313) afirma que “[...] as sociedades indígenas, desde os primeiros contatos com a sociedade nacional, conheceram as práticas e os modelos educacionais impostos de acordo com os objetivos de cada instituição [...]” Com essa visão:

“O professor indígena [...] é um sujeito novo na história da educação brasileira e, em particular, na história da educação escolar indígena. O leque de atribuições que lhe cabe é muito amplo. O fato de ter acesso aos códigos da sociedade brasileira faz com que se perceba, e com que seja percebido, como elemento crucial na interlocução cultural e política de seu grupo étnico com a sociedade envolvente [...]” (ORELLANA, 2018, p.314)

O professor indígena devido ser uma formação nova e que possui suas especificidades, vem ganhando atualmente um reconhecimento melhor e vem sendo visto como necessária, sendo assim vamos para o próximo subtítulo que ai descrever de forma mais detalhada.

## **2.2 Formação de Professores Indígenas**

A formação do professor indígena não pode ocorrer de forma contraditória da realidade do seu povo, cada povo tem suas especificidades. Deve ser uma educação que tenha foco no respeito de cada etnia e valores de cada aldeia, são diferentes saberes tradicionais e conhecimentos, o professor possa adquirir uma base conceitual que lhe permita fazer um ensino.

“[...] A formação do professor indígena é uma preocupação recente que decorre, dentre outras coisas, do reconhecimento da educação escolar indígena como direito subjetivo desses povos. Grupioni (2006) analisa

que por muito tempo, à docência nas comunidades indígenas foi desempenhada por educadores não indígenas, sendo eles muitas vezes ligados às ordens religiosas, ONGS ou igrejas [...]” (BETTIOL; LEITE, 2017, p. 12831)

Como é uma preocupação recente os direitos dos indígenas só começaram a surgir depois de um longo tempo de luta, foi assim que conseguiram conquistar seus objetivos de alfabetização e formações adequadas de professores. Para Monte (2000, p.16) “no aspecto pedagógico o currículo de formação dos professores indígenas e de suas escolas é tema de investigação, parte indispensável da formação profissional e de fortalecimento político dos professores indígenas [...]” O mesmo afirma ainda que:

“Até muito recentemente as principais e mais bem-sucedidas experiências de formação de professores indígenas em desenvolvimento no Brasil foram iniciativas de entidades de apoio aos índios. Consideradas alternativas, vem obtendo gradativamente reconhecimento legal. Diante do vazio propositivo das agências governamentais, estas iniciativas de caráter local tornaram-se referência para a conceituação e implementação de uma política pública de educação escolar indígena, voltada a atender a demanda de escolarização das comunidades indígenas, a partir de um paradigma da especificidade, da diferença, da interculturalidade e da valorização da diversidade linguística”. (BRASIL, 1999). (MONTE, 2000, p.9)

A atuação de indígenas como professores e gestores de suas escolas é uma conquista que foi possível com muita luta e demorou certo tempo. Essa educação tem que valorizar as diversidades e pluralidade das aldeias. A formação dos professores para essa área deve ser construída nesse sentido de diversidade e valores que tem.

“[...] o trabalho com a formação de professores indígenas tem sido desenvolvido no Brasil por organizações não governamentais e instituições públicas, entre as quais citamos as secretarias de educação estaduais ou municipais e/ou universidades. Em todos os casos, comparecem importantes desafios como: refletir sobre os aspectos que diferem essa proposta de formação de outras para a docência de professores não indígenas; atender e respeitar a especificidade que deve ter a formação de docentes indígenas; e construir uma proposta pedagógica realmente inovadora que atenda às determinações políticas contemporâneas”. (BETTIOL; LEITE, 2017, p. 12832-12833)

Os professores indígenas atuam em realidades em que estão envolvidos a conflito culturas e de sociedades. A uma série de problemas a serem enfrentados e para isso é preciso buscar métodos adequados e que alcancem uma melhor aprendizagem dos alunos.

“O que se espera do professor indígena [...] é que ele tenha uma atuação na escola e para a escola, sendo capaz de responder aos desafios trazidos pelo contato com as sociedades envolventes como um interlocutor intercultural de seu povo. Para assumir tal papel, necessita que sua formação contemple os conhecimentos não indígenas por um lado, e por outro, os conhecimentos e tradições de seu povo.” (BETTIOL; LEITE, 2017, p. 12837).

O conhecimento trazido pelos professores indígenas é uma educação que possibilidade ter contato a cultura do povo da aldeia e os povos sem ser de aldeia, assim não excluindo a tradição mais sim possibilitando conhecer a cultura do outro. Esse conhecimento de ambas as culturas trás novas possibilidades de aprendizagens e tem que ser introdutora a base do respeito as diferenças.

“[...] é importante que todo formador em seu planejamento respeite os desejos e anseios dos indígenas no que concerne a sua formação inicial e continuada, em particular os seus espaços e tempos; [...] “cada povo tem uma cultura, cada povo tem uma língua”. (BACURY; MELO; GONÇALVES, 2015, p.186)

“as marcas inovadoras desse convênio no campo da educação escolar indígena: a aceitação pelo Estado, na esfera estadual e federal, do princípio da autonomia curricular e da descentralização gerencial e técnico-pedagógica no que diz respeito a uma parte das políticas públicas educacionais. Os professores indígenas passam a existir como funcionários públicos, direito advindo do conceito da cidadania, sem perderem seu vínculo social de compromisso com suas comunidades [...]”. (MONTE, 2000, P.14)

“No aspecto pedagógico, o currículo de formação dos professores indígenas e de suas escolas é tema de investigação, parte indispensável da formação profissional e de

fortalecimento político dos professores indígenas [...]” (MONTE, 2000, P.16) deve respeitar e dar importância que existem diversas culturas dentro dos grupos indígenas, e se deve planejar um ensino abrange todas essas diversidades.

### **2.3 Currículo diversificado**

Cada comunidade conta sua história e tem seu modo de vida, as formas de conhecimento vão sendo ampliadas com o passar dos anos. É preciso buscar meios de ensino intercultural que agregue todas as culturas e suas particularidades.

“[...] uma das primeiras formulações da concepção de educação intercultural está vinculada à Declaração sobre a Raça e sobre Preconceitos Raciais, documento da Unesco de 1978, que propõe uma educação para a paz e prevenção do racismo. Esse documento entende a educação intercultural como condição estrutural da educação para sociedades multiculturais [...]”. (ORELLANA, 2018, p.321)

Na educação intercultural tem uma visão de inclusão, em relação à educação indígena, segundo Orellana (2018, p.315) “[...] A interculturalidade é um problema, uma vez que, de um lado, temos a cultura nacional com seus saberes universais e, de outro lado, temos a cultura indígena com seus saberes tradicionais [...]”. São formas de culturas diferentes e que precisam ser conciliadas.

“[...] se pensar um currículo diferenciado que contemple essas necessidades trazidas pelas comunidades para a formação desses sujeitos e que promova dentre outras coisas, a discussão linguística com vistas ao fortalecimento da língua indígena e a produção do material didático específico e diferenciado”. (BETTIOL; LEITE, 2017, p. 12837).

Os professores tem que definir um currículo que respeite as diferenças dos povos envolvidos, é uma necessidade que se tem e não pode ser dispensada. Pois assim o mesmo está melhorando suas estratégias de ensino, tornando assim, um aprendizado mais dinâmico e produtivo.

“Isto posto, reafirmamos a assertiva de que a formação de professores indígenas é fundamental para a efetivação da educação escolar indígena e está por sua vez é elemento a ser considerado nos currículos que formam estes professores”. (BETTIOL; LEITE, 2017, p. 12836).

Enfatiza-se a relevância do preparo dos professores de estar fundamentado em teorias e um objetivo definido no momento da elaboração dos planos de aula, onde seja possível dispor ao aluno o papel de mediador de um conhecimento com mais qualidade e um currículo adequado e que tenha o que de fato é necessário para a formação dos mesmos.

“Os currículos escolares indígenas ganham assim um caráter de permanente movimento ondular entre aqueles conjuntos de conhecimentos representados como étnicos e locais, demarcadas as fronteiras entre as etnias e as línguas que falam, e a chamada "base universal do conhecimento escolar", entendidas ambas como ponto de partida e chegada para a desejada cidadania com diversidade. Esses conhecimentos linguísticos e culturais múltiplos, selecionados pelos professores de diferentes etnias nesse processo de ensino-aprendizagem mútuo, passam a pertencer aos currículos escolares e a expressar e potencializar diferentes tipos de identidades sociais”. (MONTE, 2000, p.28)

O ensino indígena é mediado sempre respeitando suas especificidades culturais e procurando preservar suas culturas tradicionais, é tento essa visão de múltiplas culturas, os professores indígenas compõem um grupo com diferentes aspectos sejam eles culturais, educacionais e entre outros.

“Buscaram instrumentos, técnicas e meios de favorecer a reflexão e a identificação das diferenças, no esforço de conceber o coletivo; focar e desfocar, momentaneamente, as identidades étnicas e históricas particulares, ampliar a discussão ao marco global comum, sem perder a conexão com as particularidades contextuais”. (MONTE, 2000, P.20)

Estratégias são necessárias para preservadas a autonomia e a diversidade das propostas curriculares para as escolas indígenas e a formação de seus professores. A busca pela melhor forma de aplicação do ensino e respeito as diversidades encontradas devem ser constantes.

“A Resolução CNE 01/2015 que institui as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores indígenas orienta que: Art. 4º A formação inicial de professores indígenas deverá ser realizada em cursos específicos de licenciaturas e pedagogias interculturais e, quando for o caso, em outros cursos de licenciatura, programas especiais de formação pedagógica e aproveitamento de estudos ou, ainda, excepcionalmente, em outros cursos destinados ao magistério indígena de Nível Médio nas modalidades normal ou técnica.” (BETTIOL; LEITE, 2017, p. 12839).

Sendo assim, nenhuma proposta curricular poderá se efetivar sem um trabalho de investigação da realidade social de cada população, em seu viver na aldeia. É impossível limitar-se a elaboração desse conhecimento a realidade desses povos. Logo, a criação de um currículo específico não pode se limitar a uma adaptação dos currículos oficiais: tem que haver uma interação entre os saberes indígenas no processo educativo, levando em conta como e onde esse processo da realidade dos povos.

### 3.

## 4. Considerações

O objetivo deste artigo foi relatar uma breve discussão sobre a educação indígena e a importância de professores formados e aptos para mediar um ensino próprio para cada aldeia. É fundamental reconhecer que os povos indígenas irão sempre manter vivas a educação tradicional. As práticas educacionais devem-se adequar e atender a necessidade e realidade desses locais, onde a relação entre os conhecimentos tradicionais e os novos conhecimentos poderão se articular de forma equilibrada.

Os povos indígenas possuem uma pluralidade entre étnica e cultural, e independente dessas diversidades todos buscam a igualdade de respeito. Por isso se deve

ter o apoio político-pedagógico aos sistemas de ensino para a ampliação da educação escolar em terras indígenas.

## 5. REFERÊNCIAS

BACURY, Gerson Ribeiro; MELO, Elisângela Aparecida Pereira de; GONÇALVES, Tadeu Oliver. **Trajetórias de vida e formação de professores indígenas nos estados do Tocantins e Amazonas Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 172 – 199, set./dez. 2015. BRASIL, 1999.

BETTIOL, C, A. LEITE, Y, U, F. **A Formação de Professores Indígenas No Contexto Educacional Brasileiro: um olhar sobre os Documentos Legais**. 2017, Pag-12832-12843.

LADEIRA, Maria Elisa. **Desafios de uma política para a educação escolar indígena**. Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v.1, n.2, p.141-155, dez. 2004

MELIÀ, Bartomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Cap: 1- O Desafio da Pesquisa Social-Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

MONTE, N, L. **Nos Outros, Quem Somos? Formação De Professores Indígenas e Identidades Interculturais**. Comissão Pró-índio do Acre. Caderno de pesquisa, nº III, P. 7-29, Dezembro/2000.

ORELLANA, Aly. **Formação de professores indígenas como política pública: um estudo sobre a interculturalidade no Projeto Açaí**. Boletim Científico ESMPU, Brasília, a. 17 – n. 51, p. 311-331 – jan./jun. 2018.